



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

RAQUEL ELISON COSTA

Ensino de História por meio do canal Quinhoar no Youtube

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Setembro / 2018



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROFHISTÓRIA MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação

Ensino de História por meio do canal QUINHOAR no
Youtube.

Raquel Alison Costa

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DO CANAL
QUINHOAR NO YOUTUBE.

RAQUEL ELISON COSTA

Sob Orientação da Professora

Dr.^a. Rebeca Gontijo Teixeira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Curso de Pós-Graduação PROFHISTORIA-MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA, área de concentração em Ensino de História, UFRRJ.

Seropédica, RJ
Novembro 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C843e Costa, Raquel Alison, 1983-
Ensino de História por meio do canal Quinhoar no
YouTube / Raquel Alison Costa. - 2018.
151 f.

Orientador: Rebeca Gontijo.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROFHISTORIA, 2018.

1. Ensino de História. 2. História pública. 3.
História digital. 4. Ensino de história em espaços não
formais de aprendizagem. 5. Canal no YouTube :
Quinhoar. I. Gontijo, Rebeca, 1968-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
PROFHISTORIA III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL - PROFHISTÓRIA

RAQUEL ELISON COSTA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - Mestrado Profissional (PROFHISTÓRIA), área de Concentração em Ensino de História.

Dissertação aprovada em 28/09/2018

BANCA EXAMINADORA

Rebeca Gontijo Teixeira

PROF(a). DR(a). REBECA GONTIJO TEIXEIRA (UFRRJ)

PRESIDENTE - ORIENTADOR

Felipe S. M.

PROF(a). DR(a). FELIPE SANTOS MAGALHÃES (UFFRJ)

MEMBRO INTERNO

Carolina Chaves Ferro

PROF(a). DR(a). CAROLINA CHAVES FERRO (UNICARIOCA)

MEMBRO EXTERNO

Bruno Leal Pastor de Carvalho

PROF(a). DR(a). BRUNO LEAL PASTOR DE CARVALHO (UnB)

MEMBRO EXTERNO

ESUMO

COSTA, Raquel Elison. Ensino de História por meio do canal Quinhoar no *YouTube* (Mestrado em História) Instituto e Ciências Humanas e Sociais., Curso de mestrado em Ensino de História / PROFHISTÓRIA. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

Esta pesquisa aborda a produção de um canal no *YouTube* voltado para os temas da ciência história e para um público jovem, ensino médio. A essência do canal é apresentar o conteúdo histórico dentro de um formato mais palativo ao gosto dessa nova geração digital ou pós-orgânica de acordo com o trabalho de Paula Sibilla. As narrativas são conceitos norteadores nas aulas produzidas pelo canal Quinhoar, por isso, utiliza-se como suporte teórico as contribuições reflexivas do autor Paul Ricoeur, Nicole Loraux, Gabriel Henrique Moreira, Ilmar Rohloff Mattos. O canal de história no *YouTube* tem potencial para promover o ensino e o aprendizado de temas relevantes da ciência história, unindo os critérios teóricos, metodológicos e científicos da academia com as exigências e desafios da História digital e da História pública. As aulas são vistas como aulas expandidas que podem ser utilizadas de muitas formas por vários professores, de maneira rápida e prática. As aulas foram produzidas com os recursos tecnológicos dos programas After Effects e Premiere e com ampla participação dos alunos, e de outras pessoas, os quais opinaram por intermédio dos comentários do canal e através de diversas redes sociais. Os primeiros vídeos foram produzidos e divulgados no canal Quinhoar e também na página do *Facebook* Quinhoar:Ensino de História.

Palavras chaves: Ensino de História, história pública, história digital, Produção e difusão de narrativas históricas, Ensino e aprendizagem em espaços não formais, Canal no Youtube: Quinhoar.

ABSTRACT

COSTA, Raquel Elison. Ensino de História por meio do canal Quinhoar no *YouTube* (Mestrado em História) Instituto e Ciências Humanas e Sociais., Curso de mestrado em Ensino de História / PROFHISTÓRIA. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

This research addresses the production of a YouTube channel focused on the themes of science history and for a young audience, high school. The essence of the channel is to present the historical content in a more palatable format to the taste of this new generation digital or post-organic according to the work of Paula Sibilla. The narrative are guiding concepts in the classes produced by the Quinhoar channel, therefore, the theoretical contributions of the author Paul Ricoeur, Nicole Loraux, Gabriel Henrique Moreira and Ilmar Rohloff Mattos are used as theoretical support. The history channel on YouTube has the potential to promote teaching and learning of relevant science history topics, uniting the theoretical, methodological and scientific criteria of academia with the demands and challenges of digital history and public history. Classes are seen as expanded classes that can be used in many ways by various teachers, quickly and practically. The lessons were produced with the technological resources of the After Effects and Premiere programs and with the participation of the students and others, who expressed their opinion through the comments of the channel and through various social networks. The first videos were produced and released on the Quinhoar channel and also on the Facebook page Quinhoar: Teaching History.

Key words: History teaching, Public history, Digital history, Production and diffusion of historical narratives, Teaching and learning in non-formal spaces, Youtube channel: Quinhoar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Supremo Criador por abrir esta porta de estudo, depois de tanto tempo afastada do universo acadêmico, reconheço sua mão em toda esta caminhada. Agradeço ao meu marido, Eduardo, por todas as palavras de incentivo e ânimo, assim como por me levar, nos mais variados, e distantes lugares, exigidos nesta pesquisa. Agradeço ao meu pai, José, por juntamente com meu marido, me conduzir para as diversas universidades frequentadas, e ainda esperar, pacientemente, o término das aulas, com o intuito de me proporcionar mais conforto. Agradeço a minha mãe, Lígia, por todos os lanches e carinhos que me confortaram em muitas horas. Agradeço por todos os atos de amor, transmito a mim, pela minha família.

Agradeço, aos meus amigos e docentes do PROFHISTÓRIA, aos diversos professores e profissionais de Educação Básica, que trabalham comigo e de muitas maneiras se apropriaram deste trabalho. Agradeço as incontáveis contribuições obtidas pelas diversas mídias sociais, de inúmeras pessoas que não conheço pessoalmente, mas desejaram dar, muitas e importantes, sugestões.

Agradeço a enorme generosidade de minha orientadora Rebeca Gontijo, que forneceu o caminho inicial e enfrentou comigo as dificuldades desse projeto. Agradeço ao professor Rodrigo Almeida Ferreira pelo ensinamento obtido e enorme contribuição realizada no entendimento da história pública. Agradeço a Marcela Albaine por várias e importantes indicações bibliográficas, e por me introduzir em grupos de pesquisas virtuais. Meios de comunicação e de relacionamentos fundamentais nessa jornada.

Por último, e não menos importante, eu agradeço a todos os meus alunos da Escola Hilton Gama e Casemiro Meirelles, pelas muitas ideias, e por tanta inspiração. Vocês são a essência de tudo isso.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------------------|
| INTRODUÇÃO. | 8 |
| CAPÍTULO 1. DIGITAL | 14 |
| 1.1. Contextos histórico da internet e humanidades digitais | 15 |
| 1.2. História digital e suas repercussões no ofício do historiador | 34 |
| 1.3 Apropriações da história digital e teóricas feitas pelo canal. | 45 |
| CAPÍTULO 2. PÚBLICO | 53 |
| 2.1 História pública | 54 |
| 2.2 Quinhoar na história pública e o ensino de história | 68 |
| CAPÍTULO 3. QUINHOAR: ENSINO DE HISTÓRIA | |
| 3.1: Quinhoar e a geração zapiens: construção teórica das aulas para o canal no <i>youtube</i> .escravidão, tráfico negreiro e a apropriação dos conceitos de Paul Ricoeur | 96 |
| CONCLUSÃO | 136 |
| REFERÊNCIAS | BIBLIOGRÁFICAS |
| | 139 |

INTRODUÇÃO

Tal pesquisa tem como objetivo central realizar a produção de um canal no *YouTube* voltado para os temas da ciência história e para um público jovem. As aulas digitais teriam um tempo curto de cinco a oito minutos com o intuito de atrair os interesses desses jovens ávidos por informações, imagens, sons e efeitos especiais, ou seja, por interações multimídias. A ideia é apresentar o conteúdo histórico dentro de um formato mais palatável¹ ao gosto dessa nova geração digital ou pós-orgânica de acordo com o trabalho de Paula Sibilla², a qual aborda questões referentes às necessidades dessa nova geração de jovens, como por exemplo, imagens e necessidades constantes de informações.

O canal terá como nome QHINHOAR³, fazendo menção à ideia de compartilhar, dividir, dar algo a alguém. Os vídeos terão como perspectiva um compromisso de produzir "verdades históricas"⁴ dentro dos critérios teóricos e metodológicos elaborados pela Escola dos Annales, durante a primeira metade do século XX. Ou seja, ser focado na pesquisa, no trabalho com fontes históricas variadas e na interdisciplinaridade.

As aulas terão como intuito central o desenvolvimento de uma reflexão sobre os mais variados temas, desejando apresentar as complexidades envolvidas nas análises históricas e a divulgação de conceitos democráticos e valores igualitários que contribuam para o fim da segregação, do preconceito, e diversos atos de violência presentes nos dias atuais. Daí a utilização do termo quinhoar, pois o mesmo estaria comprometido com o ideal de divulgação do projeto e também porque o nome seria facilmente reconhecido pelo público alvo devido a frequência que a geração atual de alunos compartilha informações nas diversas redes sociais.

¹ O formato mais palatável são vídeos mais curtos com no máximo oito minutos para serem compartilhados nas diversas redes sociais e com muitas imagens, efeitos visuais e sonoros. E tendo uma linguagem mais direta e simples.

² SIBILLA, Paula. *Redes ou Paredes. A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto:2012
_____. *O Homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto 1998. O formato mais palativo seria vídeos mais curtos

³ Dicionário Aurélio: Quinhoar ou aquinhoar o mesmo que compartilhar, dar (a alguém) o quinhão que lhe toca, tomar parte de (algo), conceder (algo a alguém), tomar o seu quinhão. <https://dicionariodoaurelio.com/quinhoar>, acessado em 07/09/2017.

⁴ O conceito está entre aspas levando em consideração toda uma discussão teórica sobre o ofício do historiador e a impossibilidade de reproduzir o passado, mas de apenas obter vislumbres do mesmo associado as indagações do presente.

Com a intenção de melhor desenvolver o produto para as especificidades do mestrado Profissional em Ensino de História, pretendo trabalhar dentro da perspectiva da história pública e da História digital, pois acredito que o produto a ser desenvolvido compartilha com as questões, críticas, limitações e potencialidades desses dois campos de pesquisa. Acredito que o canal de história no *YouTube* se enquadra dentro do campo de estudo da história digital, devido o seu formato, suas abordagens e o compromisso com a divulgação.

Logo, pretendo produzir uma narrativa histórica pertinente ao campo da história digital. Com relação ao campo de pesquisa história pública, acredito ser relevante um estudo nessa área devido ao enorme interesse (pelos mais variados motivos) que a história tem despertado nos diversos públicos e a ausência de profissionais acadêmicos especializados ocupando esses espaços no Brasil. Por isso, penso que um canal de história no *YouTube* feito com os rigores acadêmicos viria somar-se-ia a esse debate que ainda é muito recente na realidade acadêmica brasileira. Apesar de todas as críticas pertinentes a história pública, acredito que a mesma é um espaço importante que tem um potencial de gerar e divulgar conhecimentos e ainda produzir um poder⁵ oriundo de um reconhecimento por um grande público. Daí a importância dessa área ser ocupada por profissionais que possuem um conhecimento acadêmico pertinente ao domínio da história.

O mesmo posicionamento vale para a história digital, levando em consideração as especificidades dessa nova produção historiográfica⁶, que exige novos métodos e novos conhecimentos técnicos referentes às demandas tecnológicas da internet. Porém, apesar de todas as suas complexidades, referentes ao próprio ofício do historiador, e seus novos objetos, acredito que essa nova historiografia digital, não rompe com as perguntas dos historiadores e a relações de produção de conhecimento estabelecido ainda pelos Anales, como por exemplo, a interdisciplinaridade e a própria relação do historiador com o seu presente que marca o seu olhar para o passado.

5 FOUCAULT, Michel *Microfísica do Poder*, 28 edições 2014 editora Saraiva.

⁶ O conceito de nova historiografia é defendido por Dario Ragazzini, cujo conceito foi citado e desenvolvido na seguinte dissertação de mestrado LUCCHESI, Anita. *Digital history e Storiografia digitale : estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)* / Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, 2014.

O canal, inicialmente, produzirá aulas digitais voltadas para o tema da escravidão e seus legados, políticos, econômicos e sócios culturais nos dias atuais. E as aulas, ou a aula de abertura seguiriam uma sequência didática vinculada ao tema acima. Tal recorte do tema inicial das aulas foi feito em decorrência das exigências teórica, metodológicas e cronológicas do Mestrado Profissional Ensino de História. Entretanto, levando em consideração a potencialidade do *YouTube* para a disseminação do conhecimento e tendo a expectativa de abordar temas relativos ao respeito às minorias e à ampliação dos direitos sociais e da democracia – tais como a ampliação dos direitos femininos, dos direitos civis e o enfrentamento de temas que estão sendo gradativamente censurados em sala de aula –, o canal também cumprirá o papel de incentivar reflexões sobre o contexto atual. Logo o canal também cumpriria o papel de realizar algumas reflexões diante do atual cenário de restrição de direitos sociais.

Sou professora de história da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, (SEEDUC), há dez anos e da Secretaria Municipal de Educação do RJ, (SME), há oito anos. Estes anos como professora da rede de Educação Básica me permitiram observar algumas demandas dos alunos, como por exemplo, aulas mais dinâmicas e com uma linguagem tecnológica ou digital mais próxima do cotidiano dos mesmos. E através do diálogo e da interação com a atual geração de educandos, surgiu a ideia de montar um canal de história no *YouTube*, o qual foi sugerido pelos próprios discentes e apoiado por todos os demais. O projeto, canal de história no *YouTube* brotou do próprio chão da sala de aula e foi compartilhado, debatido, criticado e apoiado pelas minhas turmas⁷.

A ideia de montar o canal circulou em todas as turmas e não foi apenas vista com entusiasmo, mas também foi se formando com as contribuições dos próprios alunos, pois os mesmos deram diversas sugestões, como por exemplo, aprofundar as matérias dadas em aula no canal, possibilitar outras aulas além das estabelecidas pelo rígido currículo de história e possibilitar a utilização de celulares em sala de aula, como ferramenta pedagógica ao acessar as aulas do canal Quinhoar e de outras fontes, viabilizar recursos nas aulas do canal que a escola pública não oferece, como recursos de mídia, e compartilhar informações. Por isso, tal projeto não é fruto somente do meu pensamento, mas também das diversas contribuições dos meus alunos, a ponto de já possuir uma autoria dividida com eles.

⁷ Durante o ano de 2016 e 2017 lecionei história para três sextos anos, dois sétimos anos, um na rede estadual e outro na rede municipal. Duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio, duas turmas do segundo ano e uma turma do terceiro ano do Ensino Médio da Rede Estadual. Foram basicamente estes anos consultados diariamente na elaboração do canal.

Inicialmente, o conceito do projeto foi tomando forma diante da necessidade de se encontrar vídeos mais atrativos na internet sobre os temas tradicionais da disciplina história, e os mesmos teriam e têm como intento captar mais a atenção dos alunos da Educação Básica, os quais ficam frequentemente olhando sites e outros canais do *YouTube* com os celulares durante as aulas. Ou seja, o meu objetivo inicial era transformar os conteúdos da disciplina história em algo mais atrativo e mais voltado para as linguagens dos adolescentes e jovens das salas de aula. Por isso, pretendo utilizar os recursos da internet a favor do conhecimento histórico e não concorrer com o mesmo durante as aulas.

Assim, a proposta do canal é trabalhar os temas de história em sala de aula com os alunos, revisar ou aprofundar os mesmos temas com o canal no *YouTube* que seria basicamente voltado para os alunos do Ensino Médio.

O canal também teria potencial para desenvolver alguns temas sobre respeito às minorias e sobre a ampliação dos direitos sociais e da democracia. Como por exemplo, ampliação dos direitos femininos, dos direitos LGBT, e principalmente, temas de ampliação dos direitos civis. Logo, o canal teria como relevância promover algumas reflexões diante do atual cenário histórico.

Nessa perspectiva, os vídeos terão um formato mais acessível para esse público com uma duração de seis a oito minutos, dependendo da temática, e utilizando muitos recursos visuais (imagens, mapas, trechos de filmes que possam ser utilizados, ou seja, sem impedimentos autorais), sonoros e não apenas uma pessoa falando todo o tempo. O formato do canal será inspirado em outros modelos de canais de história que são bem vistos no *YouTube*, entre os quais se destacam, *Revisão*⁸, *Se Liga nessa História*⁹, *Hidra cabeças pensantes*¹⁰, *Historiações Humanas*¹¹, *História on line*¹², *Foca na história*¹³, *Vamos falar de História*¹⁴ e o *Café História*¹⁵. Este último voltado para o público universitário, porém também servindo de inspiração.

⁸ <https://www.youtube.com/channel/UCiNq4OzZBFmlmERJrZdOHig>, acessado em 10/06/2017;

⁹ <https://www.youtube.com/user/seliganessahistoria1>, acessado em 10/06/2017,

¹⁰ <https://www.youtube.com/channel/UCiIU9m4YAnhOyGwgcMeJVsQ>, acessado em 10/06/2017,

¹¹ <https://www.youtube.com/user/jener32> acessado em 10/06/2017,

¹² <https://www.youtube.com/user/rods32> acessado em 10/06/2017,

¹³ <https://www.youtube.com/channel/UCI5WkIKM1kPDKUR9g2ImnKQ>, acessado em 10/06/2017, trabalha com mitologia.

¹⁴ <https://www.youtube.com/user/vamosfalardehistoria>, acessado em 10/06/2017

¹⁵ <https://www.youtube.com/user/cafehistoriatv>, acessado em 10/06/2017,

O conteúdo a ser trabalhado nos vídeos, terá uma abordagem teórica influenciada pelas temáticas das discussões das aulas do PROFHISTÓRIA, pois não pretendo apenas seguir um determinado currículo imposto por uma instituição oficial, ou caso siga, utilizarei uma abordagem teórica baseada nas contribuições de autores como Reinhart Koselleck¹⁶, Nicole Lauraux¹⁷, Paul Ricoeur¹⁸. Contribuições teóricas estudadas no curso de Teoria da história, ministrado pelos professores Márcia de Almeida Gonçalves e Daniel Pinha. Pretendo aprofundar as temáticas com um olhar mais detalhado acerca dos usos e aplicações dos conceitos de memória, tempo, temporalidades, história e narrativas.

Levando em consideração a seleção do conteúdo propriamente, pretendo fazer uma reflexão sobre a própria escolha da temática. Questionando qual história pretende-se legitimar diante dessas escolhas. Por isso, nesse ponto, onde me encontro, tenho como horizonte de expectativa outro olhar sobre os mesmos temas fazendo uma reflexão sobre a importância dos fatos ocorridos no passado e suas relações nos dias atuais. Desejo desenvolver uma multiplicidade de histórias que possam ser identificadas e apropriadas pelos mais variados sujeitos.

As primeiras aulas do Quinhoar terão como recorte histórico a temática escravidão, pois é um tema muito debatido em várias séries da Educação Básica e que se desdobra em diversos subtemas importantes para a compreensão da sociedade brasileira atual, como por exemplo, discriminação racial e segregação social. Com o intuito de possibilitar o desenvolvimento das aulas a partir dos rigores científicos da academia, o diálogo com o orientador selecionou o livro: *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*, organizado por Hebe Mattos Abreu e Carolina Vianna Dantas,¹⁹ para servir como esteio para as primeiras aulas. Entretanto, as aulas sobre escravidão estarão focadas em um diálogo com os historiadores Robert Slenes, João José Reis, Flávio dos Santos Gomes, Sidney Chalhoub, Sílvia Hunold Lara e Leila Mezan Algrant, pois estes autores trabalham com uma concepção de africano escravizado como sujeito das transformações sociais²⁰. Concepção esta que será contemplada nas aulas do Quinhoar.

¹⁶ KOSELLECK, Reinhart. Espaços de experiência e horizonte de expectativas: duas categorias históricas. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora da Puc-Rio, p. 305-327

¹⁷ LOURAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. In Novaes, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das letras, 992, p. 131-140.

¹⁸ RICOUER, Paul. Para uma hermenêutica da consciência histórica. In.: *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, volume 3.

¹⁹ DANTAS, Carolina Vianna, ABREU, Hebe Mattos (org.) *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

²⁰ PROENÇA, Wander de Lara: *Escravidão no Brasil: Debates Historiográficos Contemporâneos in Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior*, Doutor em

Diante de tudo que foi mencionado acredito que o canal Quinhoar terá um importante papel social ao abordar algumas temáticas que vem sendo censuradas na sala de aula²¹ e, também, ao fomentar discussões participativas e inclusivas.

História – UNESP/Assis acessado em <http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/wander.PDF> 05/06/2017.

²¹ Desde o ano de 2016 tenho notado em minha sala de aula alguns alunos que defendem visões conservadoras da ciência história e inclusive vêm afirmando alguns graves erros históricos como se fossem verdades, como por exemplo, a ideia que o nazismo é de esquerda. Além disso, temas vinculados ao conceito de gênero tendem a ser ridicularizados por alguns alunos. E conteúdos vinculados a escravidão não tem recebido a devida importância por parte de outros alunos. Temas sobre cultura e história africana e seus legados na formação da sociedade brasileira também não são bem visto por parte de alguns responsáveis, os quais já chegaram a ir na escola e pediram para tal conteúdo não ser dado. Não é a maioria, mas desde a data acima tem aumentado consideravelmente em minhas turmas e por consequência a autoridade do professor tem sido questionada diariamente.

Digital

Ao Longo desse capítulo iremos abordar algumas questões referentes ao desenvolvimento da Internet e suas relações intrínsecas com as Humanidades digitais. Traçaremos algumas reflexões sobre o ofício do historiador, no atual contexto da história digital, ressaltando alguns pontos positivos e riscos enfrentados pelo profissional de humanas. Por último, mas não menos importante, destacaremos o papel que o canal Quinhoar ocupa, ao se apropriar da história digital, como meio para promover o ensino de História.

1.1 Contexto histórico da Internet e Humanidades Digitais

"...É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material - e menos ainda sua parte artificial - das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam..."²²

Este subitem tem como objetivo principal estabelecer uma breve contextualização histórica sobre a história da Internet e suas relações dentro de humanidade digital. Por isso, pretende-se traçar algumas linhas gerais sobre tais áreas de conhecimento.

Estamos vivenciando a partir da década de 2001 uma nova fase para a experiência humana, a qual vem sendo denominada "Era Digital"²³. Tal momento histórico vem sendo marcado pela constante utilização de softwares e demais tecnologias digitais. Sendo estas últimas, presença marcante na vida da maioria das pessoas e, por isso, as novas tecnologias da informação e da comunicação ou TICs vêm gerando uma série de mudanças, sociais, políticas, econômicas e culturais. É óbvio que tais alterações causam influências no trabalho de diversos pesquisadores e por consequência na própria produção científica.

"...Trata-se de um desdobramento ou um novo momento do desenvolvimento tecnológico do período pós-industrial, que caracteriza a Sociedade em Rede (CASTELLS, 2005), Sociedade do Conhecimento ou ainda da Sociedade da Informação (TAKAHASHI, 2000; LEGEY & ALBAGLI, 2000)"²⁴

²² LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

²³ LUCCHESI, Anita. *Digital history e Storiografia digitale: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)* / Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014 p. 24

²⁴ Ibid.

Entretanto, é necessário destacar que tais TICs não causam as transformações sozinhas, as mesmas estão inseridas em um contexto histórico maior de mudanças decorrentes na História do Tempo Presente, e por isso elas não são neutras. Até porque, são as pessoas que as criam, as recriam e as utilizam, de acordo com seus interesses. Porém, tal abordagem não será desenvolvida nesse trabalho, mas se faz necessário o destaque para não recair em determinismo.

Grande parte de tais alterações, mencionadas anteriormente, decorrem do uso constante da Internet na vida de diversas pessoas. Como por exemplo disto, podemos citar as manifestações de professores durante as greves de docentes estaduais e municipais em 2013. Ou seja, as organizações dos eventos e o estímulo à participação foram feitos através de grupos ou eventos no Facebook²⁵. E a cobertura midiática do fato histórico, também foi realizada através de um canal de mídia chamada *Mídia Ninja*²⁶, feito por jornalistas e transmitido ao vivo em diversas redes sociais, quando outras emissoras de televisão não realizavam a cobertura das manifestações. Além desse exemplo, podemos citar diversos eventos políticos, culturais e educacionais que são organizados e divulgados dentro do próprio Facebook, ou do Twitter²⁷ e demais redes sociais. Tais eventos são compartilhados por diversos integrantes do Facebook e através do mesmo as pessoas sinalizam se tem interesse ou se comparecerão. Para os organizadores é uma forma de terem em mente quantas pessoas estão dispostas a comparecer ou não. É claro, que tais dados são apenas estimativas, pois a sinalização de comparecimento no evento não acarreta diretamente a sua participação. Todavia, é uma forma eficaz de divulgação. Veja abaixo, o exemplo de um evento organizado pelo Facebook.

²⁵ **Facebook** é uma rede social lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc. Wikipédia.

²⁶ *Mídia Ninja* (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) é uma rede descentralizada de mídia independente, composta por jornalistas, com atuação em mais de 250 cidades no Brasil. <https://www.youtube.com/user/midia-ninjafly>, acesso em 09/09/2017.

²⁷ **Twitter** é uma rede social e um servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento. Fundação: 21 de março de 2006, São Francisco, Califórnia, EUA. Wikipédia.

The image shows a screenshot of a Facebook event page. At the top, there is a search bar with the text 'Pesquisar' and a magnifying glass icon. To the right of the search bar, there are icons for a profile named 'Raquel', a 'Página inicial' button, and a globe icon. Below the search bar, on the left side, there is a navigation menu with the following items: 'Eventos', 'Eventos', 'Calendário', 'I Congresso Internacional em Humanidades Digitais' (highlighted), 'Aniversários', 'Descobrir', and 'Anteriores'. Below the menu is a button that says '+ Criar evento'. The main content area features a large graphic with the text 'I CONGRESSO INTERNACIONAL EM HUMANIDADES DIGITAIS'. Below the graphic, the event details are listed: 'ABR 9', 'I Congresso Internacional em Humanidades Digitais', 'Público · Organizado por I Congresso Internacional em Humanidades Digitais'. There are buttons for 'Comparecer', 'Compartilhar', and a three-dot menu. The dates are '9 de abril de 2018 - 13 de abril de 2018' and the location is 'Rio de Janeiro'. There are also links for 'Exibir mapa' and 'Encontrar ingressos'. At the bottom of the event details, it says '134 comparecerão · 758 interessados'. On the right side, there is a section titled 'Eventos relacionados' with several event cards, each with a title, date, and number of invitees. At the very bottom of the page, there are links for 'Privacidade', 'Termos', 'Anúncios', 'Opções de anúncio', 'Cookies', and 'Mais', along with the text 'Facebook © 2017' and a button for 'Anuncie no Facebook'.

28

Estes são apenas uns poucos exemplos, de como a Internet e suas ferramentas têm alterados as formas de se comunicar e principalmente de se relacionar. Entretanto, antes de aprofundarmos a discussão sobre história digital e humanidades digitais cabe-nos fazermos um pequeno recorte histórico de como a Internet chegou a tal ponto. Para isso, utilizaremos os estudos do livro *Las Ciencias Sociales en Internet* da *Colección: Materiales Curriculares*²⁹.

Licklider³⁰ do Instituto Tecnológico de Massachussets foi a primeira pessoa a expor a possibilidade de uma rede de computadores em escala internacional, em agosto de 1962. Nesse contexto histórico, o lançamento do primeiro satélite na Lua em 1957, o Sputnik, pela URSS, gerou um imenso estudo por todo o mundo e uma clara sensação nos EUA de que haviam perdido a liderança da corrida espacial. Como consequência os EUA decidiram aumentar os recursos financeiros e aumentar as pesquisas no campo da defesa e dessa maneira cria a

²⁸[https://www.facebook.com/events/1091040297698035/?acontext=%7B%22action_history%22%3A\[%7B%22mechanism%22%3A%22bookmarks%22%2C%22surface%22%3A%22bookmarks_menu%22%2C%22extra_data%22%3A%22\[%22%7D%2C%7B%22surface%22%3A%22dashboard%22%2C%22mechanism%22%3A%22calendar_tab_event%22%2C%22extra_data%22%3A%22\[%22%7D\]%2C%22ref%22%3A46%2C%22source%22%3A2%7D](https://www.facebook.com/events/1091040297698035/?acontext=%7B%22action_history%22%3A[%7B%22mechanism%22%3A%22bookmarks%22%2C%22surface%22%3A%22bookmarks_menu%22%2C%22extra_data%22%3A%22[%22%7D%2C%7B%22surface%22%3A%22dashboard%22%2C%22mechanism%22%3A%22calendar_tab_event%22%2C%22extra_data%22%3A%22[%22%7D]%2C%22ref%22%3A46%2C%22source%22%3A2%7D), acessado 09/09/2017. Facebook: Raquel Elison.

²⁹FARINS, Angel Martinez de Velasco. *Los orígenes de Internet* in:.; *Las Ciencias Sociales en Internet*. Colección Materiales Escolares. Edita junta de extremadura Consejería de Educación, Ciencia e Tecnología Dirección General de Ordenación, Renovación y Centros Mérida, 2001

³⁰Joseph Carl Robnett Licklider, Man-Computer Symbiosis de 1960 y The Computer as a Communications Device de 1968 (en colaboracion con Robert Taylor). <http://memex.org/licklider.html>. Meses depois assumiu o como diretor da *Information Processing Techniques Office*, IPTO, da ARPA.

Agência de Projetos e Investigações Avançadas (ARPA³¹, *Advanced Research Projects Agency*), cujo objetivo principal era financiar investigações em Universidades, Fundações e Empresas Privadas. Dessa maneira, os projetos e investigações das universidades americanas foram claramente financiados de acordo com os interesses militares. Diante da possibilidade de um ataque nuclear a ARPA ofereceu um financiamento para a empresa RAND³² para uma pesquisa sobre redes de comunicação entre computadores e repassou a pesquisa para o Estado Maior das Forças Aéreas. Os militares acreditavam que após um ataque nuclear ele precisariam unir e controlar todas as bases militares do país. E Paul Baran, presidente da RAND, nesse momento deveria responder a seguinte pergunta: Como as autoridades militares poderiam se comunicar após um ataque nuclear?

Nessa conjuntura as redes de comunicação tinham duas formas uma centralizada e outra descentralizada, porém ambas as configurações eram facilmente destruídas em um ataque nuclear e nesse caso os EUA perderia o controle das armas nucleares e a possibilidade de um contra-ataque. Em 1964 Paul Baran, após vasta pesquisa, propôs a criação de uma rede descentralizada, mas onde cada ponto teria a mesma importância que os demais, pois assim nenhum ponto, comprometeria a rede como um todo. Entretanto, apenas esse trabalho não foi responsável pela criação da Internet, porém existia um contexto histórico propício para o mesmo e diversas pesquisas acontecendo contemporaneamente. Entre elas podemos destacar a criação do Centro de Medidas de Rede (Network Measurement Center, NMC) do Leonard Kleinrock do Departamento de Ciências e computadores da Universidade da Califórnia em Los Angeles, o qual aperfeiçoou o projeto proposto por Paul Baran.

Durante a década de 60 se destacaram muitos projetos em universidades que se dedicavam a conectar ou favorecer a comunicação entre computadores. Até chegar na ARPANET³³, financiada pelo pentágono. Anos depois, o passo seguinte era criar protocolos³⁴ que definiam como um computador deveria se comunicar entre si, ou como usar diferentes softwares. Apesar de seu crescimento, a ARPANET foi sendo substituída por outras comunidades de

³¹ A Agência de Projetos de Investigação avançada mudou seu nome em 197 para *Defense Advanced Research Projects Agency* (DARPA). Em 1993, voltou a se chamar ARPA, e em 1996 DARPA. Suas atividades atuais podem ser vistas em <http://www.darpa.mil>. Acessado em 09/09/2017. FARINS, Angel Martinez de Velasco. Los orígenes de Internet in:___; *Las Ciencias Sociales en Internet*. Colección Materiales Escolares. Edita junta de extremadura Consejería de Educación, Ciencia e Tecnología Dirección General de Ordenación, Renovación y Centros Mérida, 2001 p. 18.

³² RAND: Empresa criada pela construtora de aviões Douglas, a qual em 1948 já havia proposta a construção de satélites artificiais. Sua história pode ser acessada em <https://www.rand.org/> acesso em 09/09/2017.

³³ Computadores conectados na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara e na Universidade de UTA. Ibid p. 22

³⁴ Linhas de programação (algoritmos) que norteiam as atividades dos computadores e permite que os mesmos possam se comunicar.

computadores que foram sendo desenvolvidas, diante da necessidade de se comunicar com computadores mais modernos, os quais se conectavam mediante protocolos TCP/IP que atuam como uma ligação capaz de reunir diferentes computadores. A vantagem era que o software TCP/IP³⁵ era de domínio público. Dessa forma, em 1983, nasceu a INTERNET³⁶ que inicialmente era uma rede de interconexão entre ARPANET, MILNET E CSNET e hoje conecta computadores de todo o mundo.

Por isso diante, dessa breve contextualização é possível afirmar que a criação da INTERNET foi originada a partir de pesquisas que envolvia os interesses militares, dos EUA, a iniciativa privada e a pesquisa em diversos centros universitários.

“...A Internet surge, assim, da junção do que Castells chamou de “uma fórmula improvável” – a *big science*, a pesquisa militar e a cultura da liberdade (CASTELLS,2003:19). Para Maynard, essa variedade de instituições envolvidas no processo que resultou na Internet é uma característica a se destacar. Participam do projeto universidades, empresas de *software*, organizações governamentais e corporações militares (MAYNARD, 2011:21). Para o autor, o advento surge da junção de três processos:

1. Exigências econômicas por flexibilidade administrativa e globalização de capital, da produção e do comércio;
2. Demandas sociais em que os valores de liberdade individual e da comunicação tornaram-se supremos;
3. A revolução microeletrônica que possibilitou importantes avanços nas telecomunicações e na computação. (MAYNARD, 2011:22)...”³⁷

³⁵ “. Em uma rede TCP/IP, cada equipamento deve ter um endereço único, capaz de identificá-lo na rede. Esses endereços, chamados de endereços IP, são números de 32 bits, representados por quatro campos de números decimais inteiros, separados pelo caractere ponto. Cada campo pode assumir valores de 0 a 255, e corresponde a um byte do endereço IP na forma de bits. Cada endereço IP contém o endereço da rede a que o equipamento pertence e o endereço do próprio equipamento dentro dessa rede”. GUIA Internet de conectividade. 6 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. p.68 in.: MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Escritos Sobre História e Internet*. Editora Multifoca Rio de Janeiro 2011.

³⁶ INTERaction / INTERconnection between computerNETworks

³⁷ LUCCHESI, Anita. *Digital history e Storiografia digital: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)* /Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014. p. 39.

Entretanto, somente em 1990 a Internet ganha repercussão mundial com o desenvolvimento da WORD, WIDE, WEB³⁸, pelo cientista da computação britânico, Tim Berners-Lee, do Laboratório Europeu de Física de Partículas (CERN), e os navegadores³⁹. Tal avanço permite pessoas de todo o mundo, com seus computadores, terem acesso à rede.

A partir dessa nova conjuntura histórica estamos vivenciando intensas mudanças em diferentes aspectos, e em diferentes sociedades, causadas ou influenciadas pela utilização da INTERNET e suas ferramentas. A ponto de Roy Ascott⁴⁰ chamar de "Segundo Dilúvio"⁴¹, devido à enxurrada de informações e possibilidades que a rede de computadores planetária possibilitou.

"..., porém, ao contrário dos tempos de Noé, as águas do novo dilúvio são formadas por dados, notícias, imagens, músicas e tudo o mais que circula no universo eletrônico. O oceano agora é feito de informações. Este novo lugar tem a sua melhor forma de representação naquilo que hoje chamamos Internet..."⁴²

³⁸ "World Wide Web: Um sistema de servidores de Internet que suportam especialmente documentos formatados. Os documentos são formatados em uma linguagem de marcação chamada HTML (HyperText Markup Language) que suporta links para outros documentos, bem como gráficos, áudio e arquivos de vídeo. Isto significa que se pode saltar de um documento para outro simplesmente clicando nos hot spots (links). Nem todos os servidores da Internet são parte da World Wide Web. Existem vários aplicativos chamados navegadores da Web que tornam mais fácil para acessar a World Wide Web, dois dos mais populares são o Firefox e o Internet Explorer da Microsoft. World Wide Web não é sinônimo de Internet." LUCCHESI, Anita. Digital history e Storiografia digital: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011) /Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014. p. 173-174.

³⁸ "... Roy Ascott, artista e teórico britânico. Desde os anos 1960, realiza trabalhos pioneiros de interação entre cibernética, telemática e arte. Ascott empreendeu diversos projetos em rede global e publicou mais de setenta textos. Professor de Tecnoética na University of Plymouth, England e Professor Adjunto de Design/ Media Arts na University of California Los Angeles..." MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Escritos Sobre História e Internet*. Editora Multifoca Rio de Janeiro 2011. p. 16

³⁹ Google Chrome, Mozilla Firefox, Internet Explorer. Softwares que possibilitam leitura dos arquivos online.

⁴⁰ "... Roy Ascott, artista e teórico britânico. Desde os anos 1960, realiza trabalhos pioneiros de interação entre cibernética, telemática e arte. Ascott empreendeu diversos projetos em rede global e publicou mais de setenta textos. Professor de Tecnoética na University of Plymouth, England e Professor Adjunto de Design/ Media Arts na University of California Los Angeles..." MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Escritos Sobre História e Internet*. Editora Multifoca Rio de Janeiro 2011. p. 16

⁴¹ Cf. BÍBLIA. Português. Trad. João Ferreira de Almeida. Bíblia Sagrada. São Barueri, São Paulo, 1995. Gênesis: 5: 29-9:29.

⁴² MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Escritos Sobre História e Internet*. Editora Multifoca Rio de Janeiro 2011. p. 16.

Atualmente a Internet, através dos seus hipertextos cria diversas conexões capazes de ligar ou conectar documentos, e diversos outros recursos multimídias por toda a Internet. E a cada dia mais pessoas utilizam a Internet.

"...a internet deixou de ser uma mídia centrada nos Estados Unidos para se transformar em global, afinal, atualmente, 21% das pessoas que acessam a web são dos EUA, sendo que esse número chegava a 66% em 1996. (...) De acordo com o estudo, o número de pessoas que frequentam sites de relacionamento, como Orkut, MySpace, Facebook e LinkedIn, chegou a 530 milhões em um ano, o que corresponde a um crescimento de 34%. Os números se tornam ainda mais impressionantes quando a com Score afirma que esses sites atraem mais de 100 milhões de visitas por mês e que de cada três pessoas que acessam a internet, duas navegam em redes sociais, com destaque para o *YouTube*, que atraiu mais de 250 milhões de usuários globais em janeiro..."⁴³

A principal consequência dessas mudanças é compreender que a Internet agora não se trata apenas de computadores conectados, mas de vidas humanas interconectadas diariamente. A mesma é responsável por diversas atividades de trabalho, por acordos comerciais, por decisões diplomáticas e políticas, por estudos e pesquisas. E por isso, já é algo indissociável da vida de um grande número de pessoas.

A partir da década de 2000 a Internet sofre outra alteração, passando a ser conhecida como WEB 2.0⁴⁴. Nessa conjuntura as pessoas que recebem a informação têm condições de interagir de forma ativa, na Web, e também produzir conhecimento e informações. Tal fato histórico foi possível graças às diversas redes sociais que se desenvolveram. Como por exemplo, o Facebook, o Twitter, o *YouTube*, os blogs. Dessa maneira, é possível através da

⁴³ INTERNET World Stats. Disponível on line via: <http://www.internetworldstats.com/sa/br.htm>> Acesso: 14/11/2009 in.: MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Escritos Sobre História e Internet*. Editora Multifoca Rio de Janeiro 2011 p.18

⁴⁴ "...**Web 2.0**: Termo utilizado para designar a segunda geração da *World Wide Web*, mais focada na interatividade e no compartilhamento de informação entre usuários. Por conta disso, marcam o surgimento da Web 2.0 os blogs, as *wikis* e as redes sociais, bem como uma mudança significativa dos modelos de *websites* que se "repaginaram" para dar conta desta nova vocação, passando a apresentar botões de compartilhamento instantâneo, assinatura de conteúdo, espaços para comentários e conteúdo mais dinâmicos..." LUCCHESI, Anita. *Digital history e Storiografia digital: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)* /Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014. p. 173.

Web 2.0 ter uma noção do que está ocorrendo no Rio de Janeiro em 2013, nas manifestações de professores e também o que ocorreu na França ou em outro lugar do mundo. Pois, os próprios usuários, agora também são produtores de informação e conhecimento. Como exemplo, já mencionado anteriormente, temos, no Brasil, a Mídia Ninja.

Muitos profissionais da área da informática e comunicação, como por exemplo, Tim-Berners Lee, o criador da Web, defendem a ideia de uma terceira fase da Internet conhecida como WEB 3.0⁴⁵ ou Web Semântica. Esta ideia surgiu em 2001 quando Tim-Berners Lee publicou um artigo na revista Scientific American, intitulado: *Web Semântica: um novo formato de conteúdo para a Web que tem significado para computadores vai iniciar uma revolução de novas possibilidades.*⁴⁶

Teoricamente, a Web 3.0 teria uma imensa capacidade de produção de conhecimento, o qual iria beneficiar tanto pessoas como empresas. Até porque, estaria ocorrendo outro dilúvio, mas agora não apenas de documentos, mas de dados ou metadados⁴⁷ de programação.

"... Na terceira fase que se adivinha para a Net – a da Web 3.0, também chamada de Web semântica, embora este sinônimo entre as duas ideias, forjado pelo “pai” da Web, Tim Berners-Lee, não esteja livre de polemica – pretende-se que a Rede organize e faça um uso ainda mais inteligente do conhecimento já disponibilizado online. A Web 3.0 serve-se de *software* que vai aprendendo

45 "...A Web 3.0 ou Web Semântica reúne as virtudes da Web 1.0 e 2.0 adicionando a inteligência das máquinas. Em 2001 Tim-Berners Lee, o criador da Web, apresenta um artigo na revista Scientific American estabelecendo os pilares para a Web Semântica. No texto, Berners-Lee explica como dois irmãos combinam a logística do tratamento que a mãe deles precisava fazer. Nessa estória, os irmãos usando agentes inteligentes fazem todo o planejamento do tratamento, incluindo a marcação das consultas e a escala de caronas que os dois deveriam revezar, os agentes interagem com os sistemas das clínicas, entre si e com os dispositivos da casa. Na Web 3.0, as máquinas se unem aos usuários na produção de conteúdo e na tomada de ações, *tornando a infraestrutura da internet, de coadjuvante para protagonista na geração de conteúdos e processos.* Assim, os serviços da Web 3.0, unem-se aos usuários e aos produtores profissionais na criação ativa de conhecimento. Dessa forma, com sua grande capacidade de processamento, a Web 3.0 é capaz de trazer para as pessoas e para as empresas, serviços e produtos com alto valor agregado por conta da sua assertividade e alta personalização, promovendo assim, a **democratização da capacidade de ação e conhecimento**, que antes só estava acessível às empresas e aos governos..." <https://aquare.la/pt/artigos/2015/03/18/web-3-0-e-sua-importancia-nos-negocios/> acessado em 10/09/2017. O artigo de Tim-Berners Lee se localiza em <https://www.scientificamerican.com/magazine/sa/2001/05-01/#article-the-semantic-web>, todavia, não consegui ter acesso, pois o conteúdo é ou era restrito a assinantes.

⁴⁶ ROCHA, Gustavo <http://www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/web-semanticaweb-3-0/31512/>, acessado em 10/09/2017.

⁴⁷ "...**Metadados** referem-se à estrutura descritiva da informação sobre outro dado, o qual é usado para ajudar na identificação, descrição, localização e gerenciamento de recursos da Internet. A finalidade principal é documentar e organizar, de forma estruturada, os dados, com objetivo de minimizar duplicação de esforços e facilitar a manutenção dos dados..." PINHEIRO, José Maurício dos Santos Web Semântica: Uma Rede de Conceitos. <http://web.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/09/23.pdf> p.25, acessado em 10/09/2017.

com o conteúdo que apanha na Internet, que analisa a popularidade desse conteúdo e chega a conclusões. Em vez de ter as pessoas a refinar os termos da pesquisa, a Web 3.0 será capaz de fazê-lo sozinha, aproximando-se do mundo da inteligência artificial. Fazendo uma analogia simples: a diferença entre a Web 2.0 e a Web 3.0 é a diferença entre ter alguém que se limite a elencar todos os restaurantes aos quais poderei ir jantar hoje - desconhecendo que alguns desses restaurantes estarão fechados ou onde poderão servir comida que a mim, em particular, não me agrada -, e ter alguém a dizer-me exatamente onde é que eu posso ir comer, sabendo à partida qual é a minha localização geográfica, qual a hora que me é mais conveniente e quais as minhas preferências gastronômicas. Em resumo: a diferença entre a Web 2.0 e a Web 3.0 é a diferença entre obter uma lista de respostas e uma solução concreta e personalizada para uma pergunta. É a diferença entre a sintaxe e a semântica. É isto que faz a Web 3.0: estreita a pesquisa e tenta dar ao utilizador o que este realmente quer. E aqui poderá bater a polemica desta ferramenta, que ajuda a anular a casualidade. Perde-se o efeito-surpresa ..." ⁴⁸

A Web 3.0, de acordo com o professor José Maurício dos Santos Pinheiro⁴⁹ pode ser entendida como uma forma de busca mais inteligente e mais eficaz, uma vez que os computadores poderão entender o significado nas informações e assim incorporar semântica, às palavras de buscas e ao conteúdo das páginas da Internet, ou seja interpretar as sentenças e os anunciados. Em seguida relacioná-los na pesquisa, e ainda, gera associações com diversas informações do usuário. Logo, a Web 3.0 tem um grande poder de controle uma vez que terá um conhecimento individualizado de muitos sujeitos, e a partir desse conhecimento, ou desses motores de buscas poderá determinar o que é melhor para cada sujeito. O critério do que é melhor pode estar intimamente associado com suas linhas de programação e com os conteúdos que o computador conseguiu acumular na rede. Destacando que as linhas de programação são desenvolvidas por homens e subordinadas a interesses capitalistas.

Não obstante, nós, enquanto pesquisadores ainda estamos mergulhados nas diversas questões decorrentes do "segundo dilúvio" ou Web 2.0. E uma dessas alterações está

⁴⁸ RIBEIRO, Susana Almeida. *O que é a Web 3.0?* 29 de junho de 2009, 20:45 <https://www.pubblico.pt/2009/06/29/tecnologia/noticia/o-que-e-a-web-30-1389325> acesso em 10/09/2017

⁴⁹ PINHEIRO, José Maurício dos Santos *Web Semântica: Uma Rede de Conceitos*. <http://web.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/09/23.pdf> acessado em 10/09/2017.

impactando, radicalmente, a vida de diversas áreas do campo da ciência e no próprio procedimento das pesquisas. A partir desse ponto, estabeleceremos algumas reflexões sobre as mudanças que deram origem às humanidades digitais e a história digital ou Historiografia digital e suas relações com a prática da pesquisa científica.

A Web 2.0 facilitou bastante o trabalho de pesquisa, principalmente na área da história, pois atualmente já existem muitos arquivos digitalizados on line onde fica fácil um pesquisador de qualquer parte do mundo iniciar uma consulta. Assim como é possível obter muitos livros, teses, artigos dissertações em muitos bancos de dados. E dessa maneira, também ocorreram em outras áreas do conhecimento humano. Dando origem às humanidades digitais. Com o intuito de compreendermos melhor o debate em torno desse tema iremos dialogar com as ideias divulgadas pelo professor Daniel Alves⁵⁰. De acordo com o professor:

" ...o termo «Humanidades Digitais» foi cunhado internacionalmente há pouco mais de uma década. Aparentemente, terá sido usado pela primeira vez por John Unsworth, um professor universitário americano, em 2002, mas foi a publicação do livro *Companion to Digital Humanities*, em 2004, que marcou o início da sua utilização em larga escala. Em parte, o sucesso desta designação assentou no fato de ela facilmente abarcar um conjunto de outras designações anteriores, como Computação para as Humanidades, Informática Aplicada à História, Linguística Computacional, Patrimônio e Computação, Arte Digital, entre outras... as Humanidades Digitais são uma área acadêmica interdisciplinar que fornece metodologias específicas da área das tecnologias digitais para serem incorporadas na investigação nas Humanidades como um todo..."⁵¹

⁵⁰ "... Daniel Ribeiro Alves, professor auxiliar do Departamento de História da Universidade Nova de Lisboa, em Portugal. Alves é hoje um dos principais nomes das *Humanidades Digitais* em língua portuguesa. É membro do *Network for Digital Methods in the Arts and Humanities* e da *European Association for Digital Humanities*. Escreveu diversos artigos sobre o assunto, participou de vários projetos envolvendo recursos digitais e é um dos fundadores da *Associação das Humanidades Digitais (AHDig)*, que tem feito do português a segunda língua dos debates sobre as *Humanidades Digitais*, logo depois do inglês..." DANIEL, Alves. História e Humanidades Digitais: conexões para um novo tempo (Entrevista). Entrevista concedida à Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <http://www.cafehistoria.com.br/historia-e-humanidades-digitais>. Publicado em: 17 Jul 2017. Acesso: [07/09/2017].

⁵¹ ALVES, DANIEL. *As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português* <https://lerhistoria.revues.org/2496> acessado em 14/09/2017.

Na realidade, de acordo como próprio autor acima não existe uma definição específica, pronta, o que ocorre são diversos debates em torno do tema, devido às mudanças que está gerando em diversas práticas profissionais acadêmicas. Nesse sentido, se destacam algumas tentativas de compreensão para as humanidades digitais com atuação dos seguintes autores:

"...as Humanidades Digitais são uma área acadêmica interdisciplinar que fornece metodologias específicas da área das tecnologias digitais para serem incorporadas na investigação nas Humanidades como um todo..." Susan Hockey, professora da área das Ciências da Informação na University College London⁵²

"...as Humanidades Digitais como um estímulo para o desenvolvimento de todo o potencial de investigação, ensino, publicação e divulgação das humanidades, através da incorporação de ferramentas, fontes e métodos digitais ..." Dan Cohen, historiador e atual diretor da Digital Public Library of America.⁵³

Existem diversas definições para o tema, e também muitas resistências por parte de profissionais acadêmicos, os quais às veem como uma ameaça. Também porque as humanidades digitais procuram se legitimar no meio acadêmico. Entretanto, é possível alargar a compreensão sinalizando que as humanidades digitais podem ser entendidas como uma prática que teve um de seus inícios no trabalho do padre jesuíta Roberto Busa, de análise à obra de São Tomás de Aquino e de elaboração do seu *Index Thomisticus*, em 1949, utilizando as grandes máquinas de processamento informático, decorrentes da Segunda Guerra Mundial. Isso, a mais de 50 anos atrás. Todavia, o grande momento de virada e disseminação do termo pode ser sinalizado, com o advento da Web 2.0 e todos os seus recursos de divulgação, ou seja, o termo humanidades digitais e muitos de seus conceitos foram divulgados com o *Facebook*, o *Twitter*, o *YouTube* e a *Academia.edu*.

" As ferramentas da *Web* social, bem como outras, podem ajudar a transformar as nossas disciplinas e a nossa forma de trabalhar, sendo a facilidade em

⁵² Susan Hockey, «The History of Humanities Computing», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, pp. 3-19. In.: ____ Ibid.

⁵³ Dan Cohen, «Defining Digital Humanities, Briefly», 2011, In.: ____ Ibid.

criar redes, em partilhar resultados, em encetar trabalhos colaborativos e interdisciplinares perspectivas a valorizar. Essa viragem e o impacto que terá nas Humanidades é tão mais importante quanto maior for o impacto das tecnologias digitais no quotidiano dos indivíduos e na moldagem do seu modo de aceder e participar na cultura e na circulação da informação em geral. Isto quer dizer também que as mudanças poderão ser mais evidentes para uma geração de futuros investigadores que já nasceram na era do digital e da Internet, do que para aquela geração que cresceu profissionalmente à sombra de outros paradigmas..."⁵⁴

Uma forma de começar a compreender as Humanidades Digitais é pensá-las em consonância com o conceito de comunidade, pois muitos profissionais, dessa área, se veem como integrantes de uma comunidade com as mesmas práticas e a utilizam como uma grande comunidade para trocar ou partilhar informações. Assim, o conceito de comunidade oferece uma coerência e uma unidade às humanidades digitais. E também é importante como método de investigação, para verificar a qualidade dos trabalhos. A comunidade de humanistas digitais possibilita uma interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade mais focada no uso e nas trocas de ideias de conceitos e métodos de cada uma das disciplinas de humanidades. É um campo intimamente associado a uma prática de investigação, produção e divulgação digitais, que não necessariamente, está objetivando se institucionalizar nas academias, através de disciplinas ou currículos. Portanto, não tem como objetivo substituir as humanidades "tradicionais" e sim complementá-las.

"...os investigadores das Humanidades Digitais no mundo Ibero-Americano, chamou a atenção para a importância da «consolidação e da visibilidade de uma comunidade internacional de humanistas digitais que fala espanhol e português» e para o facto de as Humanidades Digitais serem a chave para «um

⁵⁴ Ibid.

sentimento de trabalho partilhado e formação de uma comunidade que se espelha em redes de colaboração mais estreitas e num maior conhecimento do trabalho realizado em todo o mundo..."⁵⁵

"... As Humanidades Digitais podem ser mais do que uma ferramenta, podem ser um catalisador para potenciar aspectos que, quer se goste quer não, não estão amplamente difundidos e desenvolvidos nas Humanidades, ou não o estão suficientemente, e que julgo que deveriam estar. O diálogo com outras áreas do saber, a interdisciplinaridade, o trabalho colaborativo, uma relação mais aberta entre a academia e a comunidade em geral, ou até uma maior predisposição para a inovação..."⁵⁶

Todavia, a própria indefinição sobre o que é humanidades digitais tem fomentado alguns aspectos negativos baseados na frequente fragmentação temática de algumas investigações das humanidades digitais ou a excessiva utilização de ferramentas tecnológicas sem que alcance uma real produção de conhecimento.

Com o objetivo de refletirmos um pouco sobre possíveis armadilhas ou questões sobre as Humanidades Digitais iremos, a partir desse ponto, dialogar com Sérgio Antonio Câmara, Milla Benicio e Helyom Viana Telles.

Os dois primeiros autores nos chamam atenção para três importantes desafios que os pesquisadores das humanidades digitais enfrentam, ao navegar na internet, com o objetivo de desenvolver suas pesquisas e divulgações. O primeiro desafio são os algoritmos⁵⁷, ou filtros que nos permitem ter acesso às informações na Web 2.0, o segundo, uma reflexão sobre o que são as fontes históricas ou documentos diante do mar de informação produzida na internet, e em terceiro qual o papel da educação, nesse novo cenário. O último autor destaca algumas questões metodológicas, referente às humanidades digitais.

⁵⁵ Erika Ortega e Silvia Eunice Gutiérrez, «MapaHD. Una exploración de las Humanidades Digitales en español y portugués», em Esteban Romero Frías e Maria Sánchez González, eds., *Ciencias Sociales y Humanidades Digitales Técnicas, herramientas y experiencias de e-Research e investigación en colaboración*. La Laguna, Sociedad Latina de Comunicación Social, 2014, pp. 103-104. in.: *Ibid*.

⁵⁶ DANIEL, Alves. História e Humanidades Digitais: conexões para um novo tempo (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <http://www.cafehistoria.com.br/historia-e-humanidades-digitais>. Publicado em: 17 Jul 2017. Acesso: [07/09/2017]

⁵⁷ São as linhas de programação feita pelos profissionais da computação, as quais direcionam as buscas nos diversos bancos de dados que existem na rede, e por consequência determinam os resultados encontrados.

É claro, que todas estas, são questões muito densas que somente serão tangenciadas nesse trabalho, o qual tem apenas uma perspectiva expositiva dos mesmos.

Dentro da cultura digital cada um elabora sua própria narrativa, diante disso, temos uma enorme quantidade de dados com acesso irrestrito, entretanto, para se ter acesso a tais informações são utilizados programas de buscas, como por exemplo o Google, os quais são desenvolvidos por programadores que produzem algoritmos, uma das linguagens da computação. Tais linguagens ou algoritmos acabam direcionando a pesquisa de acordo com os critérios dos programadores. Por exemplo, no *YouTube*, os vídeos que possuem o nome Clio são apresentados dentro da ordem dos mais visualizados. Obviamente esse não é a única norma, os algoritmos permitem um cruzamento de vários outros critérios, porém a escolha daquilo que será encontrado primeiro, dentro do tema da busca do usuário, está determinada por essa linguagem de programação. Mesmo que o usuário refine a busca com outras especificações, como por exemplo, Clio e história, Clio ensino de história, Clio compartilhando, ainda estará submetido aos critérios do programador, os quais não são os mesmos que de um historiador, e nem deve ser, uma vez que se trata de outro campo de conhecimento, porém tais linhas de algoritmos influenciarão no resultado final da pesquisa seja, ela qual for. Um desses filtros, ou algoritmos é o page rank, o qual é usado pelo Google para privilegiar os sites, cujos os links são mais compartilhados por outros sites. Dessa maneira, eles tendem a aparecer primeiro nas buscas. As imagens abaixo mostram um resultado de busca no *YouTube*.



The screenshot shows a YouTube search results page for the query "clio". The search bar at the top contains the text "clio" and a search icon. Below the search bar, there is a "Filtros" dropdown menu and a notification that says "Aproximadamente 2.680.000 resultados". The search results are displayed in a grid format. The first result is a video titled "The One" by Jordan JAE, with 23,784 views. The second result is a video titled "Renault Clio Não Gosta de Gasolina Opinião Real : do Dono Pontos Positivos e Negativos P 2" by Rodrigo Platinum, with 13,725 views. The third result is a video titled "Teste: Clio 1.0 não traz muitas novidades, mas está ainda mais econômico" by ProgramaVrum, with 90,635 views. The fourth result is a video titled "MOTIVOS PARA TER UM CLIO" by Canal Sobre Rodas, with 25,081 views. Each result includes a thumbnail image, the video title, the channel name, and the number of views.

://www.youtube.com/results?search_query=clio+historia+

clio historia

Filtros

Aproximadamente 71.200 resultados

Historia do Renault Clio : Versoes Especiais ,Curiosidades,Historia [PT-BR]
OfTheCar
4 anos atrás • 1.053 visualizações
GALERA SE GOSTARAM DO VIDEO SE INSCREVA VAI TER PROXIMOS VIDEOS OU DA UM JOINHA PARA AJUDAR NA ...

clío
198 vídeos
Clío TV, casa productora de documentales históricos, que tiene por objetivo poner al alcance de todos, los acontecimientos más ...
CANAL Inscriver-se 34.867

Minibiografía. Porfirio Díaz
Clío
2 anos atrás • 289.414 visualizações
Venta y renta del documental completo en: Goggle Play:
http://bit.ly/2rHbs9P iTunes: http://apple.co/2rYxAd0 *Porfirio Díaz: el ...

EVOLUCIÓN DEL RENAULT CLIO - LUTECIA
CARDIACOTV
1 ano atrás • 798 visualizações

59

As imagens acima mostram uma busca de pesquisa, no *YouTube*, condicionada pelos resultados mais vistos, ou mais recentes, dentro de um banco de dados que possuem mais de setenta mil dados associados ao tema procurado. A quantidade imensa de informação exigiu a criação de filtros que hierarquizam os resultados. Na maioria das vezes, os critérios utilizados pelos programadores não são tão visíveis ou acessíveis ao pesquisador, para o mesmo incorporar em suas reflexões.

Além disso, existem estudos que apontam que a tendência da internet não é a democratização ou a produção de conhecimento e sim a repercussão da opinião pública.

"...O ativista digital americano Eli Pariser nota que, quando a interferência da tecnologia vai além do que percebemos em nossa interface com ela, há o risco

⁵⁸ <https://www.youtube.com/playlist?list=PL0sgPk1tTg3-UHB9IugXGR5BDILAEcYHY>, acesso em 14/09/2017;

⁵⁹ https://www.youtube.com/results?search_query=clio+historia+, acesso em 14/09/2017;

de termos uma percepção deformada do mundo, sendo tal, para ele, o perigo que traz hoje a Internet. O conceito principal com que trabalha o ativista é o de “bolhas de filtros”: processos de personalização promovidos por sites como Google ou Facebook, em que alguns sinalizadores – como histórico de pesquisa, dados pessoais, localização – filtram o conteúdo que o usuário visualizará conforme uma previsão do que seria de seu interesse. Nas palavras de um dos criadores do Google: “O mecanismo de busca ideal entenderia exatamente o que queremos dizer e nos ofereceria exatamente o que buscamos...” (PAGE apud PARISER, 2014, p. 22)⁶⁰

Tais estudos alertam para um risco que os usuários da pesquisa podem correr, pois tais linhas de programação ou filtros podem causar um enfraquecimento do senso do que é público. Até porque, esta personalização, da busca ou pesquisa, leva o usuário a um sentimento de infalibilidade, ou seja, que os resultados da pesquisa são somente aqueles mais visíveis. Dessa maneira, a sua leitura de mundo ou interpretação dos resultados pode estar comprometida pela ideia que ele está vendo tudo, ou que tudo corresponde ao modo como ele pensa.

“...Vaz apresenta uma pesquisa feita por Cass Sustein, já no ano 2000, na qual se constatava que, em 60 sites políticos, “apenas 15% destes continham links para sites com visões opostas, enquanto que 60% indicavam sites que partilhavam de seus pontos de vista” (VAZ, 2004, p. 129). Assim, “alguns autores passam a reiterar o perigo de a Internet provocar ou acirrar a fragmentação social (Castells, 2002; Shapiro, 1999; Sunstein, 2002)” (ibidem), fazendo com que o ambiente ruidoso da web viciasse ainda mais os usuários nos discursos que lhes fossem mais próximos ou que pertencessem às vozes mais fortes...”⁶¹

Entretanto, parece que tais riscos não estão sendo percebidos em larga escala, pois, de acordo com Sérgio Antonio Câmara e Milla Benicio, não existe, ainda, uma resistência

⁶⁰ CÂMARA, Sérgio Antonio; BENICIO, Milla. *História digital: entre as promessas e armadilhas da sociedade informacional*. Revista Observatório, Palmas, v. 3, n. 5, p. 25-37, agosto. 2017;

⁶¹ Ibidem;

dos internautas a estes mecanismos que personificam, mas também, limitam o acesso democrático aos diversos dados da rede.

Voltando ao segundo desafio enfrentado pelos pesquisadores, na Internet, pretendo realizar uma breve reflexão sobre o conceito de documento, como chave de compreensão para os diversos dados da rede.

Diante do dilúvio de informações na Web 2.0, a quantidade de fontes aumentou grandiosamente, até por que a participação do usuário e sua produção de informações e conhecimentos são constantes. Assim, a Web 2.0, também gerou uma mudança na compreensão do que são documentos. Estes passaram a ser entendidos, por alguns pesquisadores, como qualquer objeto representativo de uma determinada sociedade, incluindo as produções culturais no mundo real e também no virtual e todos os dados produzidos pelas instâncias oficiais. Entretanto, as próprias características da internet, que é nesse momento, ser descentralizada, participativa e com uma disponibilização ininterrupta de dados, fazem com que os diversos documentos possam assumir uma grande heterogeneidade de significados e interpretações. Fato esse, que traz mais complexidades as pesquisas e análises do pesquisador. E por isso, tal tema será abordado com mais detalhes e direcionado para o trabalho do historiador no próximo subitem desse capítulo.

O terceiro desafio enfrentado pelos pesquisadores das humanidades digitais é como compreender o papel da educação e suas diversas questões dentro do contexto histórico da Web 2.0.

De acordo com sociólogo Zygmunt Bauman⁶², a educação está, atualmente, passando por uma crise sem precedentes, onde se tem questionado não apenas como educar, quem educar, mas para que educar. Muitos jovens têm perdido o interesse pelo processo educacional como um todo, pois não enxergam muito significado no mesmo. Principalmente no mundo atual onde se tem pouco valor as relações perenes, como por exemplo, os vínculos humanos. Por isso, o processo educacional tem sido muito questionado e vem assumindo outras características, como por exemplo, tem adquirido uma característica utilitarista. Tem se educado para alcançar sucesso financeiro. Existem diversas instituições de educação se adaptando a este modelo. Nesse contexto, cabe-nos refletir como a web 2.0, e seus recursos, podem contribuir para o professor e demais profissionais da educação enfrentar tal problema, que parece ser de todas as sociedades ocidentais.

⁶² BAUMAN, Zygmunt. O mundo é inóspito à educação? In: _____. 44 cartas do mundo líquido moderno. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Logo, o desenvolvimento do canal, no *YouTube*, Quinhoar, ao longo desse trabalho, é uma tentativa, micro, de produzir um pequeno enfrentamento prático, a tais questões educacionais. Portanto, o canal Quinhoar não romper com a cultura digital que circula entre os jovens atualmente, mas a utilizando como plataforma e como base para o início de um diálogo com jovens, os quais, aparentemente, são mais que simplesmente outra geração. Tendo em mente, que o mesmo se desenvolveu e continuará se desenvolvendo a partir de um viés participativo e democrático. Todavia, tais reflexões educacionais serão aprofundadas no terceiro subitem deste capítulo e principalmente no capítulo dois desse trabalho, onde estarão abordadas questões, referentes ao ensino de história e a história pública e suas apropriações no desenvolvimento do canal QUINHOAR.

O terceiro autor, apontado inicialmente, Helyom Viana Telles, nos ajuda a refletir sobre as Humanidades Digitais, a partir de questões metodológicas. De acordo com tal autor, *...As Humanidades Digitais podem ser pensadas como um campo interdisciplinar de conhecimento interessado na reflexão sobre produção, apropriação e uso das tecnologias digitais na academia.* ⁶³. Inicialmente esse campo se consolidou no mundo Anglo-saxônico e possui reflexões teóricas e metodológicas próprias. De acordo com o autor, metodologicamente, a questão central é como articular o conhecimento das ciências humanas com o mundo digital, sem perder as exigências científicas próprias de cada área.

Tal questionamento implica em uma mudança na forma como se faz a própria pesquisa, a qual passa a ter uma estrutura cibernética que vai além da forma de se armazenar, e implica a utilização de redes sociais, a utilização de diversas plataformas ou softwares e com resultados a que se pretende atingir um público mais amplo. Além disso, também tem uma importante mudança no texto acadêmico.

"... A multiplicação das interações tem um impacto considerável sobre o texto acadêmico, que passa a incorporar um valor relacional resultante de perspectivas diversas aproximando-se de um modelo de tipo rizomático, ou seja, um sistema aberto, não hierarquizado e sem centro. O próprio pesquisador precisa reposicionar-se diante de um campo acadêmico que se mostra cada vez mais colaborativo e aprender a lidar com outras instâncias de legitimação cultural

⁶³ TELLES, Helyom Viana *História Digital, Sociologia Digital e Humanidades Digitais: Algumas questões metodológicas* Revista Observatório, Palmas, v. 3, n. 5, p. 25-37, agosto. 2017;

e avaliação de sua produção que envolvem agora "pares" que se encontram fora do mundo acadêmico (Pereira, 2015, p.12)...⁶⁴.

Isto significa entender as Humanidades Digitais não apenas como a utilização de novas ferramentas, mas como uma alteração na forma como se entende como é fazer uma pesquisa, uma nova maneira de olhar e desenvolver a produção de um texto ou narrativa acadêmica, cuja se submete ou é gerada a partir de novas bases de relacionamento virtual e compartilhamento de ideias e conceitos díspares. O próprio profissional acadêmico necessita de novas habilidades e principalmente novas formas de se relacionar, pois a produção implica encontrar profissionais de outras áreas de conhecimento, até então antagônicas e um diálogo nesse encontro é exigência estrutural. Além disso, a própria divulgação possibilita encontrar um "outro", que não se sabe quem é, mas que pode analisar o resultado alcançado com critérios totalmente diferentes daqueles mostrados, historicamente, dentro das suas áreas de conhecimento, e de conforto, científicas. Como todo novo encontro, esse "outro" determina uma reflexão sobre si mesmo, e por isso, talvez, as humanidades digitais seja, uma nova maneira de se fazer pesquisa, tão difícil e ao mesmo tempo com grande potencial de aprendizado. Dessa maneira, as humanidades digitais, de acordo com Helyom Viana Telles, ... *estão mais relacionadas à reinvenção da universidade e do seu papel na sociedade contemporânea...*

Todas as mudanças e limitações ou questões apresentadas anteriormente estão impactando diversas áreas das chamadas humanidades tradicionais, entretanto, o próximo subitem irá aprofundar as consequências destas transformações no ofício do historiador, através da história digital ou historiografia digital.

⁶⁴ Ibidem;

1. 2. História Digital e suas repercussões no ofício do Historiador;

".... Seja como for que se pense, tornou-se essencial refletir sobre o impacto transdisciplinar das novas práticas que constituem os fundamentos da transdisciplina chamada "Humanidades Digitais" (*Digital Humanities*), com as tradições epistemológicas e filológicas da história. E, de fato, a " cultura histórica digital" é parte de uma "cultura digital" mais vasta que permeia a nossa sociedade por meio da internet e sob várias formas comunicativas .." ⁶⁵

Nesse subitem, pretende-se abordar algumas reflexões para melhor compreender a história digital ou a historiografia. Objetiva-se destacar as contribuições positivas e também algumas limitações ou riscos enfrentados, por profissionais que se dedicam a tal forma de trabalho.

De acordo com a historiadora Anita Lucchesi, a utilização do computador nos trabalhos de pesquisa é algo que ocorre já algum tempo, desde a década de 80. Muitos pesquisadores utilizam o computador para materializar suas pesquisas, entretanto, a transformação desse modo de trabalhar em objeto de estudo demorou algum tempo.

"...No início do século XXI, a evolução das tecnologias de informação e comunicação (TICs), (...), instauram uma inquietude nova para os historiadores de profissão que ao se utilizarem dos meios digitais em seu trabalho cotidiano começam a “desnaturalizar” os novos instrumentos. Inicialmente, quase inconscientemente, como artesãos diante de uma nova ferramenta ou novo material, enveredaram-se intuitivamente no suspeito, mas atraente desconhecido..." ⁶⁶

⁶⁵ NOIRET, Serge *História Pública Digital*. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio 2015, <http://www.ibict.br/liinc> doi: <http://dx.doi.org/10.18225/liinc.v11i1.797>.

⁶⁶ LUCCHESI, Anita. *Digital history e Storiografia digital: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)* /Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014 . p. 68 .

A partir da utilização massiva dessa ferramenta, muitos pesquisadores começaram a se questionar sobre a prática que estava ocorrendo, sobre como era essa história feita a partir dos computadores na web. Dentro dessa perspectiva, se destacam os trabalhos de, Manuel Castells em seu trabalho *A Galáxia da Internet, 2003*⁶⁷, a *La Storiografia Digitale de Ragazzini, 2004*⁶⁸ e *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web* de Cohen; Rosenzweig, 2005⁶⁹. Tais trabalhos, refletem sobre as mudanças no ofício do historiador e estão servindo de norte para esta dissertação, a partir da leitura da tese de mestrado de Anita Lucchesi.

Assim, a utilização do computador e da internet, na pesquisa, estaria produzindo uma nova historiografia, pois não mudaria apenas a forma de se pesquisar, mas também a produção, a divulgação e os objetos de uma pesquisa estariam estruturados de forma cibernética. Ou seja, a história digital está mais associada e uma nova maneira de se fazer, pensar e divulgar a história. E ainda destacaria um novo olhar sobre os acontecimentos da sociedade presente, ao reconhecer novos objetos de estudo ou novas fontes históricas. Como por exemplo, sites, vídeo games, emails, blogs, vlogs. Tais mudanças exigem que o historiador também tenha uma alteração na sua forma de trabalhar, pois antes o trabalho da pesquisa e produção se dava de maneira sozinha, e agora dependendo do seu objeto de estudo, o mesmo, se vê obrigado a dialogar e a trabalhar em conjunto com diversos profissionais. Como por exemplo, os programadores da computação, os profissionais de design gráficos, e outros diversos profissionais da robótica, informática e comunicação. Sem mencionar, o diálogo com estudiosos das humanidades em geral, o qual se mantém e é intensificado.

A narrativa produzida pelos historiadores também assumiria um novo formato, basicamente, possuiria mais estratificações e o usuário da internet, ou web 2.0, poderia atuar de maneira mais participativa em todo o seu processo de construção. Tal mudança da estrutura narrativa estaria intimamente associada ao hipertexto e ao hiperlink⁷⁰, os quais permitiu o usuário iniciar o seu estudo a partir de qualquer ponto. Não teria necessariamente que cumprir uma ordem de início, meio e fim. E não necessariamente precisa ler toda a narrativa desenvolvida para obter informações ou conhecimento. Tudo dependeria do ponto de vista e das buscas do

⁶⁷ CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. in.: Ibidem

⁶⁸ RAGAZZINI, Dario. *La storiografia digitale*. Torino: UTET Libreria, 2004. in.: Ibidem

⁶⁹ COHEN, Daniel J; ROSENZWEIG, Roy. *Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. in.: ibidem;

⁷⁰ “**Hiperlink:** Um elemento em um documento eletrônico que liga para outro local no mesmo documento ou para um documento completamente diferente, normalmente, ao clicar no link que leva para o destino. Hyperlinks é item mais essencial de todos os sistemas em hipertexto, incluindo a *World Wide Web...*” in.: ibidem p. 70

usuário e, portanto, também pode se mostrar modificável pelo mesmo. O principal exemplo, dessa nova narrativa são os blogs com seus diversos links⁷¹ que conduzem o usuário para novas abordagens ou novos estudos, e também os diversos vídeos no *YouTube*, os quais podem estar associados a um tema geral, porém podem ser vistos isoladamente, pelo usuário, e conduzir o mesmo, para outros canais no *YouTube*, com outras abordagens e outros temas. A narrativa além de assumir formatos diversos, se mostra descentralizada e não hierarquizada. Assumindo as principais características da Web 2.0.

A historiografia digital trouxe algumas questões e vantagens para o trabalho do historiador, entre eles podemos destacar os seguintes pontos mencionados na obra *Digital History: A guide to Gathering, Preserving the Past on the Web escrito por Rosenzweig e Daniel Cohen*, em 2005.⁷² São elas, capacidade de armazenamento, acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade, interatividade e hipertextualidade. Entre as principais questões ou desafios se destacam: à superinformação na rede, qualidade, durabilidade, leitura, passividade e inacessibilidade.

A internet facilitou muito o trabalho dos historiadores, pois atualmente existem muitos sites ou arquivos virtuais onde é possível encontrar muitos documentos históricos, além disso, existem diversas bases de dados onde estão à disposição de pesquisadores teses, dissertações artigos e muitas revistas científicas on line. Toda esta disponibilidade de materiais de consulta facilitou muito as pesquisas históricas. O historiador Juan Andrés Bresciano⁷³ aponta algumas dessas vantagens com a criação de bases de pesquisas importantes como, por exemplo, guias mundiais de arquivos, como por exemplo, o guia de *International Council on Archives*, inventários, como por exemplo o *University of British Columbia Archives*, catálogos, como por exemplo, *El Catalogue de films pour les bibliothèques publiques*, os sistemas de buscas como por exemplo o *Centre Historique des Archives Nationales* ou Centro de Documentação Ivan de

⁷¹ "...**Link:** A palavra pode ter vários significados, sendo o que mais interessa para a compreensão das discussões desse trabalho o primeiro: (1). Nos sistemas de hipertexto, como a *World Wide Web*, um *link* é uma referência a outro documento: um *hiperlink*. Essas ligações são às vezes chamados *hot links* e levam para outros documentos quando se clica sobre eles; (2). Na programação, o termo refere-se à ligação da execução de um elemento de ligação; (3). Para colar uma cópia de um objeto em um documento de tal maneira que ele mantém sua ligação com o objeto original. Atualizações para o objeto original pode ser refletido no duplicado pela atualização do link; (4). Nos programas de planilhas, *linking* se refere à capacidade de uma planilha a dar seus dados para determinadas células de outra planilha. Dois ou mais arquivos são, portanto, ligados por células comuns; (5). Nas comunicações, um *link* é uma linha ou canal ao longo do qual os dados são transmitidos; (6). Em sistemas de gerenciamento de dados, um *link* é um ponteiro para outro registro; (7). Em alguns sistemas operacionais (UNIX, por exemplo), um *link* é um ponteiro para um arquivo. *Links* de tornar possível a referência a um arquivo por vários nomes diferentes e para acessar um arquivo sem especificar um caminho completo; ..." in.: *Ibidem* p. 171.

⁷² *Ibidem* p. 101

⁷³ BRESCIANO Juan Andrés, *El historiador, los archivos y los medios informáticos*

Otero Ribeiro, destaca ainda a existência de arquivos orais como o *Voice of Hibakussha*, arquivos sonoros, como por exemplo, o *collections et documentation du musée de la musique*, e arquivos de imagens, como o *Jaconde*. O historiador ainda aponta a possibilidade de conservação e restauração de documentos e todos eles estão disponíveis para pesquisas on line. Também podemos destacar como um ponto importante a hipertextualidade, o qual se transforma em um dos pontos centrais dessa nova historiografia digital.

Nesse sentido, a hipertextualidade permite uma maior transparência, pois através dela é possível acessar e verificar as fontes e possibilita o desenvolvimento de muitos pontos de vistas. Além disso, os leitores ficam aptos a colaborar com o texto produzido pelo historiador, surgindo assim, em certa medida, coautores e permitindo uma maior interatividade entre produtor de conhecimento e leitor do mesmo. Todavia, mesmo com a hipertextualidade e todos os demais formatos o ofício do historiador mantém, na sua essência, as mesmas questões e critérios historiográficos, pois questões referentes as provas históricas, à interpretação e os rigores com relação à construção da narrativa histórica se mantém nessa nova historiografia. Assim, é importante destacar que os historiadores precisam de novas habilidades para realizar e enfrentar questões já existentes no seu ofício. Não existe uma mudança radical e estrutural do ofício, pois a forma de se olhar para as fontes, as perguntas, os enfrentamentos historiográficos e a produção de uma narrativa permanecem nessa nova historiografia. A mudança principal está em novos formatos da narrativa, novas possibilidades de encontros virtuais e suas trocas, além da disponibilidade de acesso.

Ainda mencionando as vantagens é importante sublinhar a manipulidade, ou seja, através de ferramentas eletrônicas, os diversos sites de buscas de diversos bancos de dados, o historiador pode pesquisar diversos documentos históricos, de diversas sociedades ou tempos históricos ligados a apenas uma palavra, como por exemplo, as palavras, golpe ou escravidão. É claro que dependendo da pesquisa se faz necessário especificar a busca, entretanto é um grande avanço e ganho de tempo.

Com relação às questões ou desafios é importante destacar alguns que vêm afetando a produção de conhecimento histórico, entre elas podemos destacar a falta de assinaturas, ou verificabilidade, pois muitos discursos ditos históricos e feitos na Internet aparecem sem suas respectivas fontes, assim qualquer um pode falar ou produzir história, mas muitos o fazem sem o compromisso com a "pretensa ideia de verdade histórica" e seus métodos de pesquisa ou teoria. Ocorrem assim, problemas da qualidade e da autenticidade. Questões referentes a durabilidade, pois ao mesmo tempo que se tem uma multiplicidade de mídias disponíveis, existe um

risco latente de se perder todas elas. E ainda se corre o risco de exclusão digital, ou seja, não ter acesso a um determinado conhecimento, pois pertence a um grupo específico ou deve ser pago.

Uma das questões ou desafio de destaque é a capacidade de armazenamento, a qual se esbarra com a imensidade de informações disponíveis na Web 2.0 e também na *Deep Web*⁷⁴. Diante da quantidade abissal de dados, informações o historiador se defronta com grandes indagações sobre o que preservar e como preservar. Não são questões inteiramente novas, dentro da historiografia, porém o método para conservá-los é uma questão ainda em aberto, nos dias atuais, para todos que utilizam a internet como área principal de pesquisas.

"...O risco da perda de uma informação no mar de documentos eletrônicos flutuantes (aqueles da superfície, rastreáveis através de mecanismos de pesquisa) ou mergulhados (aqueles da *Deep Web*) na Web abre um clarão de muitas incertezas para os historiadores do nosso século, tornando urgente o debate acerca das técnicas de conservação digital destes arquivos em longo prazo (RAGAZZINI 2004; NOIRET,2005), incluindo neste debate uma pergunta fundamental: O que conservar? Volta à roda de discussão um tema-tensão há muito presente nos debates históricos - aquele entre o lembrar e o esquecer – a memória e o esquecimento..."⁷⁵

Existem muitos sites que "saem do ar", vídeos que são retirados, bloqueados, ou que não tem mais softwares com compatibilidade suficiente para ler tais arquivos, e ainda podem surgir dúvidas com relação à autenticidade das fontes. Diante de tais ocorrências, características da Internet, o historiador se vê obrigado a lidar com certa volatilidade dos dados e promover maneiras, pelo menos, no momento atual de preservá-las. Além disso, a internet cria a ilusão que é possível salvar tudo em memórias artificiais, ou seja, nas chamadas "nuvens", mas que também tem seus limites e estão vinculadas a empresas virtuais que exigem pagamentos para aumentar o tamanho das "nuvens" e assim aumentar a possibilidade de armazenamento. Mesmo, que se salve "tudo" como faremos para ter acesso a este "tudo"? Lembrando que as

⁷⁴ Outros sites que não são encontrados diretamente pelo Google.

⁷⁵ Ibidem p. 76.

"nuvens", com mais capacidade de armazenamento, são pagas, privadas e necessitam de algoritmos de buscas eficazes para encontrarmos posteriormente aquilo que foi armazenado. Daí a constante necessidade de diálogo com profissionais da computação ou engenharia da informação. A internet traz à tona a questão do livre acesso às informações ou *Open Souce*, mas que ainda não está sendo plenamente colocado em prática.

O armazenamento acaba tangenciando uma importante questão para os historiadores que são os das fontes ou documentos históricos na Web. Nesse sentido, o que seria um documento digital, e como poderia ter acesso ao mesmo. O Historiador Fábio Chang de Almeida traçou algumas reflexões sobre essa temática e principalmente sobre a existência de um documento digital.

Fábio Chang de Almeida⁷⁶ desenvolveu uma opção para a "fragilidade" da existência de um documento no ciberespaço⁷⁷, ao sugerir que tal problema pode ser contornado, com o historiador salvando os documentos em PDF e criando o seu próprio banco de dados. Todavia, tal solução cria uma dificuldade de acesso democrático e autônomo para as fontes selecionadas para uma determinada pesquisa, pois se as mesmas ficarem inacessíveis na Web, elas só vão existir em banco de dados particulares. Aliás, o historiador acima traz uma contribuição ao debate ao trazer uma definição sobre o que é o documento digital e desenvolver uma divisão bem didática sobre o tipo de fontes históricas presentes no ciberespaço⁷⁸. Veja abaixo o conceito de documento digital.

⁷⁶ ALMEIDA, Fábio Chang de. *O Historiador e as Fontes digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas*. AEDOS, vol. 3, n. 8, 4 novembro 2011, pp. 9-30. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>>. Acesso em: 18 fev. 2013

⁷⁷ "... **espaço** de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. (...) Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertziana e telefônica clássica), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. **Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço.** Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço **o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século.** LÉVY, Pierre **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000. In: LUCCHESI, Anita. *Digital history e Storiografia digital: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)* / Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014 .p. 88 .

⁷⁸ "... **Ciberespaço**: É uma metáfora cunhado pelo autor William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromancer* (1984), mais tarde consagrado como obra cyberpunk, para descrever o terreno não físico criado por sistemas de computador. Sistemas on-line, por exemplo, criam um ciberespaço no qual as pessoas podem se comunicar umas com as outras (via e-mail, redes sociais, chats, etc.), fazer pesquisas, trabalhar ou simplesmente fazer compras. Analogamente ao espaço físico, o ciberespaço contém objetos virtuais/digitais (arquivos, mensagens de correio, gráficos, etc.) e apresenta diferentes modos de transporte e entrega desses materiais. Ao contrário do espaço real, no entanto, explorar o ciberespaço não requer qualquer movimento físico diferente de pressionar as teclas de um teclado ou mover o mouse. Vale notar que tecnologias mais avançadas já operam por comando de voz. Alguns programas, especialmente jogos de computador, são projetados para criar um ciberespaço especial,

"... Dessa forma, e tentando construir um conceito o mais simples possível, podemos considerar que “ documento digital” é aquele documento – de conteúdo tão variável quanto os registros da atividade humana possam permitir – codificado em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador. " ⁷⁹

Tal conceito permitiu que o autor acima desenvolvesse uma divisão de tipos de documentos utilizados pelo historiador. Tal divisão permite uma melhor compreensão e ficou da seguinte forma:

| | |
|--|---|
| Fontes Digitais | |
| Fontes Primárias Digitais | Fontes Não-Primárias Digitais |
| ↓ | ↓ |
| Documentos primários digitais | Documentos não-primários digitais |
| ↓ | Exemplos: Livros, dissertações, teses, <i>papers</i> e artigos em formato digital. |
| Documentos primários digitalizados | Documentos primários digitais exclusivos |
| Documentos que existem em outro suporte, anterior à digitalização. Exemplo: pôster da II Guerra após | Documentos que não existem em outro suporte, além do digital. Exemplo: alguns <i>sites</i> da Internet |

que se assemelha a realidade física, em alguns aspectos, mas desafia-o em outros. Em sua forma extrema, chamada de realidade virtual, os usuários são apresentados com feedback visual, auditivo, e até mesmo tátil que faz o ciberespaço parecer mais real. *Videogames* como o *Nintendo Wii* e o *Xbox* rodam jogos deste tipo. O *Google Glass* da *Google* também já realiza algumas atividades deste tipo. Tudo conectado à rede mundial de computadores..." in.: _____LUCCHESI, Anita. *Digital history e Storiografia digital: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente* (2001-2011) /Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014 . P 169.

⁷⁹ ALMEIDA, Fábio Chang de. *O Historiador e as Fontes digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas*. AEDOS, vol. 3, n. 8, 4 novembro 2011, pp. 9-30. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>>. Acesso em: 18 fev. 2013 p. 17

| | |
|-----------------------------------|--|
| sofrer processo de digitalização. | |
|-----------------------------------|--|

Tabela 1: Os tipos de fontes e documentos digitais utilizáveis pelo historiador.⁸⁰

A divisão acima contribuiu muito para o debate, pois muitos centros de documentação passaram pelo processo de digitalização e se transformaram em documentos primários digitais, logo, fonte de pesquisas para qualquer área.

Todavia, existem outros problemas a serem enfrentados pelo historiador. Aliás, é importante ressaltar a importância do processo de digitalização do centro de documentação, pois facilitou imensamente o acesso de diversos pesquisadores do mundo aos documentos, imagens, livros e demais fontes existentes nesses centros.

"...Diante de todas as transformações ocorridas pelos avanços tecnológicos e pela ampliação do acesso à internet, os centros de documentação acabam chegando ao ciberespaço, sendo este um movimento natural e um caminho pelo qual estão passando todas as instituições que trabalham com a guarda de documentos. E sua “virtualização” (não só com a existência em um website, mas com a própria digitalização do acervo) significa uma garantia à sua continuidade. A criação de um website de qualidade que possa realmente atender as necessidades de seus usuários é uma característica de extrema relevância, além de uma avaliação constante dos websites, tanto pela instituição quanto pelos usuários..."⁸¹

Entretanto, é necessário afirmar que a versão digitalizada do documento não substitui a original, e dependendo da pesquisa realizada o profissional deve ir aos centros de documentação pessoalmente. Daí a preocupação em preservar os centros de pesquisas físicos, pois existem determinados dados que não podem ser totalmente digitalizados, por exemplo, uma anotação à mão em determinado documento, ou um desenho e até mesmo um mero rabisco podem conter informações preciosas diante do olhar do historiador. Por isso, a rede não é um

⁸⁰ Ibidem p. 20.

⁸¹ CAVALCANTI, Marcia Teixeira Os *websites dos centros de documentação e a pesquisa histórica: usos de fontes digitais* Revista Observatório, Palmas, v. 3, n. 5, p. 25-37, agosto. 2017

substituto do trabalho tradicional do historiador, pois determinadas pesquisas e respostas à algumas indagações exigem a pesquisa tradicional e física. Questões referentes à verificabilidade de dados e fontes exigem um trabalho mais minucioso do historiador, pois, a mesma não pode ser alcançada diretamente na web.

Na realidade, não podemos supervalorizar nem menosprezar o potencial da internet até porque os documentos digitais também têm suas limitações como a da autenticidade. De acordo com o historiador italiano Rolando Minuti:

"...Portanto não é possível sustentar, no estado atual das coisas, que a rede já represente um contexto realmente substitutivo das condições de trabalho e dos instrumentos tradicionalmente próprios da pesquisa histórica, ainda se pode afirmar com certeza que já oferece ajudas relevantes, em muitos casos mais potentes e eficazes que os instrumentos tradicionais; e que o seu conhecimento e potencialidade são de grande importância para que a mutação - provavelmente inevitável - do ofício do historiador e da prática historiográfica, no contexto comunicativo regulado pelas redes, aconteça de modo consciente e responsável..."⁸²

A Historiadora Anita Lucchesi também chama atenção para o cuidado que se deve ter com os documentos digitais.

"...A natureza virtual dos documentos digitais, como vimos acima, desencadeia uma série de problemas relacionados não apenas ao acesso e manipulação destes, mas também relativos à sua autenticidade. E estes problemas, como dizíamos no início desta subseção, fundam também questões inesperadas de ordem interpretativa. Não se conhecem a fundo este objeto e suas possíveis descrições, propriedades e funcionalidades. Qualquer tentativa de padronizá-lo e assemelhá-lo a algo que já conhecemos, por analogia ou comparação, re-

⁸²MINUTI, Rolando. *Internet e il mestiere di storico. Riflessioni sulle incertezze di una mutazione*. **Cromohs**, n.6, 2001, pp.1-75 in.:__LUCCHESI, Anita. *Digital history e Storiografia digital: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)* /Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014 . p. 83.

sultam úteis, mas ainda assim, ineficazes no limite. Estamos diante de um documento instável que, a rigor, como já chamou atenção Minuti, sequer existe fisicamente (em uma dimensão tangível para o ser humano sem a mediação de nenhuma tecnologia)..."⁸³

Não obstante, é visível que apesar de todas estas questões a utilização das ferramentas digitais contribuiu e facilitou muito o trabalho de diversos historiadores. Tais práticas acabam gerando uma nova forma de se fazer e divulgar história e também apresenta novos documentos.

"...Daí que, para Minuti em 2001, bem como para Ragazzini, Noiret, Tomasini, Gallai e Vitali, a hipótese de um novo documento produzir também uma nova historiografia não ser de todo estapafúrdia. Desde que, segundo ele, se mantivesse a condição inegociável da verificabilidade (ou pelo menos tentativa de), se poderia continuar fazendo historiografia. É a ida aos documentos que garante, a despeito do que se possa dizer do estilo narrativo de cada historiador, a contestabilidade daquilo que dizemos e diferencia a história da fantasia..."⁸⁴

Em suma, a história digital ou historiografia digital, ainda é um campo muito indefinido, porém existe um consenso que devemos refletir sobre a mesma. Entretanto, é uma prática que vem se intensificando devido às facilidades para a pesquisa e exatamente por isso, é mais do que necessário refletirmos sobre seus desafios e indagações no ofício do historiador. Assim como, é necessário ter em mente que tal método de pesquisa exige uma maior interdisciplinaridade, pois mais do que nunca o historiador se vê em constante diálogo com outras áreas de conhecimento e agora sendo necessário conhecer determinados conceitos e principalmente limites dessas áreas, como é o caso da linguagem de programação e seus algoritmos. Entretanto, não significa que o historiador perdeu o seu ofício, pelo contrário as indagações históricas e o

⁸³ Ibidem p. 85.

⁸⁴ Ibidem p. 86.

seu compromisso com a busca por uma "pretensa ideia de verdade histórica" são imprescindíveis para esse novo método de pesquisa. Método, aliás, que tende a se disseminar entre diversos pesquisadores a ponto de nos próximos anos o termo história digital, de acordo com o pesquisador Michael Frisch, perder completamente o seu sentido, pois todas as pesquisas de certa maneira estarão utilizando os métodos de pesquisa da história digital. E por isso, termino este subitem com uma reflexão do historiador Daniel Alves.

"... hoje, o digital já envolve muito do que os historiadores fazem, mesmo que nem todos se apercebam ou sequer o pretendam valorizar. Nessa perspectiva, tal como me parece que daqui a uns anos falar de Humanidades será essencialmente falar de Humanidades Digitais, hoje em dia falar de História já é muito falar de História Digital: pela digitalização massiva dos nossos arquivos, pelo uso generalizado de computadores, portáteis, *tablets* e *smartphones*, pela profusão das revistas científicas em formato digital, entre outros factores. Mas talvez o mais importante seja o facto do passado humano – em especial este passado recente que nós vivemos e aquele que será vivido e criado pelas gerações nascidas nos pós 2005 – ter cada vez mais uma marca digital indelével, talvez até inultrapassável, que obrigará os historiadores a serem sinónimo de historiadores digitais. Nessa altura, que me parece estar em parte a ser vivida já, falar de História Digital deixará de fazer sentido..."⁸⁵

Nessa perspectiva, história digital, em breve, será um conceito superado devido à disseminação de suas práticas no ofício do historiador, assim como muitas de suas indagações podem já estarem respondidas. E certamente este trabalho estará, em pouco tempo, desatualizado.

⁸⁵ DANIEL, Alves. História e Humanidades. Digitais: conexões para um novo tempo (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <http://www.cafehistoria.com.br/historia-e-humanidades-digitais>. Publicado em: 17 Jul 2017. Acesso: [07/09/2017]

1.3 Apropriações da História Digital, e teóricas feitas pelo canal Quinhoar: Ensino de História.

"...A escrita da História também tem sofrido algum impacto, não porque a maioria dos historiadores estejam já a escrever de forma diferente, mas porque a narrativa, em termos gerais, está a mudar pelas alterações de paradigma em termos de publicação e divulgação culturais impostas pelos *media* digitais..."⁸⁶

Levando em consideração tudo o que foi mencionado anteriormente é necessário destacar que o canal de ensino de história Quinhoar foi desenvolvido, e provavelmente continuará a ser aprofundado, utilizando os caminhos abertos pela história digital. Logo, grande parte da pesquisa acadêmica, e de suas reflexões foram feitas através de buscas em sites, revistas, plataformas digitais, canais de *YouTube* e trocas de emails com a orientadora.

Além disso, o seu próprio formato é inteiramente digital. O canal foi desenvolvido com os softwares da Creative Cloud⁸⁷, os quais pertencem à empresa Adobe System. Utilizarei com ênfase o software After Effects que é *um programa de criação de gráficos com movimento e efeitos visuais*⁸⁸. O mesmo trabalha com edição e principalmente animação de imagens. O After Effects terá o objetivo de tornar as aulas mais interessantes, com uma linguagem mais próxima das mídias visuais vistas pelos alunos, por isso a escolha do programa. Até porque, através deste é possível introduzir diversas animações. A edição do vídeo propriamente foi com o software Adobe Premiere Pro. O programa também faz parte do pacote da Creative Cloud e possibilitou realizar as devidas edições do vídeo. Assim, os cortes, a introdução de

⁸⁶ DANIEL, Alves. História e Humanidades digitais: conexões para um novo tempo (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <http://www.cafehistoria.com.br/historia-e-humanidades-digitais>. Publicado em: 17 Jul 2017. Acesso: [07/09/2017]

⁸⁷ https://creative.adobe.com/pt/plans?promoid=YP7XGD17&mv=other&store_code=br&plan=edu

⁸⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/Adobe_After_Effects

texto, músicas e também a citação de fontes e referências bibliográficas ocorreram através destas ferramentas. A produção propriamente do canal e seus desdobramentos e interlocuções com a historiografia pertinente será desenvolvido com detalhes ao longo do capítulo três.

Todavia, não apenas o seu formato e o seu suporte bibliográfico foram calcados na história digital, pois ao longo da pesquisa o próprio vídeo teste gerou diversos documentos digitais, que são os comentários do mesmo. Na realidade, ao longo do processo da pesquisa disponibilizei o vídeo da qualificação, do projeto, para inaugurar o canal e pedi para todos os meus alunos, das duas escolas que trabalho, para avaliarem e darem sugestões de temas de aulas. Nessa perspectiva, durante os meses finais de 2017 e início de 2018 o vídeo teste foi assistido por alunos do sexto, sétimo, o nono e todo o ensino médio, pois são os alunos que trabalho com mais frequência. E iniciou-se uma divulgação do canal com pais de alunos, professores, amigos pessoais e com outras séries que não trabalho, os meus próprios alunos divulgaram. Assim, apesar de o canal ter sido e está sendo desenvolvido para o ensino médio, outros públicos estão acessando-o, ainda durante o processo de produção. Devido à própria dinâmica da história digital e seu grande poder de compartilhamento não é possível determinar com precisão o público específico que está assistindo ou assistiu ao vídeo teste. E mesmo, durante a sua produção a possibilidade de diálogo com o público alvo e demais grupos permitiu mudanças significativas já na pesquisa. Uma dessas mudanças foi o próprio nome do canal que havia sido pensado, inicialmente, como CLIO: REFLETINDO E COMPARTILHANDO, mas, tal nome não aparecia nas buscas, devido as questões de programação dos filtros, já tratadas anteriormente. Diante desse quadro meus alunos me sugeriram, pessoalmente, mudar o nome para ficar mais fácil de encontrar o mesmo. Por isso, o canal passou a se chamar QUINHOAR, exatamente devido o potencial de compartilhar e de divulgação que a história digital possui.

Atualmente o canal Quinhoar pode ser encontrado no seguinte link <https://www.youtube.com/channel/UCnpXfI8ta0qHKgxBoW77OzA>, e o vídeo teste em <https://www.youtube.com/watch?v=-UKRZk-iuc>.

Além dessa mudança, outras sugestões de origem técnica e também temáticas foram dadas diretamente através das fontes digitais, ou seja, dos comentários. Abaixo existem alguns que sinalizam para uma produção compartilhada e já apontam para alguns interesses específicos do público que assistiu ao vídeo.

POLITEÍSMO E MONOTEÍSMO x

Seguro | <https://www.youtube.com/watch?v=-UKRZk-iuc>

YouTube BR

QUINHOAR

Adicionar um comentário público...

Principais comentários ▾

 rick marujo cordeiro rick 2 semanas atrás
Hilton gama!!!!
Responder • 4   
Ver todas as 31 respostas ▾

 thays Arizôa 3 semanas atrás
Professora fala de zues Deus
Responder • 2   
Ver resposta ▾

 Sheeyk 1 mês atrás
Professora, aqui quem fala é o Jhonatan, fui seu aluno no sexto e no sétimo ano. Seu vídeo ficou muito bem explicado, rápido e objetivo. Mas reparei que você está com problemas de iluminação e está balançando bastante a imagem. Tenta gravar o vídeo em que você fique de frente para a luz, como se fosse sentada em uma cadeira e a sua frente uma Janela aberta! Quanto a movimentação, recomendo que você fixe o celular em cima de pelo menos 2 livros ou 2 coisas que de o tamanho de 15 Centímetros e algo para apoiar atrás, fazendo com que o celular não caia. Então você vai resolver o problema de tremer a tela fazendo que seu braço não fique doendo e assim tendo um conforto maior para gravar o vídeo.
Notei também que o vídeo teve 5 minutos e 30 segundos de duração, porém ficou com 8 minutos e 55 segundos, ou seja, assim que acabou o vídeo ficou uma grande parte preta, quando você terminar de editar um vídeo, certifique-se que não há mais tempo sobrando e se tiver, corte!
Mostrar menos

89

Foram diversos comentários que estão sendo entendidos como fontes digitais primárias e foram levados em consideração para o prosseguimento da pesquisa e também da produção dos vídeos. Nos comentários acima fica nítido a participação de alunos atuais e também de outras séries, assim como sugestões de natureza técnica, com o intuito de desenvolver vídeos melhores e também sugestões de temas para outros vídeos. Acredito que tais contribuições são de suma importância para o canal e também para as demais reflexões que este trabalho

⁸⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=-UKRZk-iuc>, acessado em 06/10/2017;

proporcionou. Pois, com tais fontes digitais primárias, ou seja, os comentários ficam bem evidentes como a história digital está possibilitando maiores ligações e também uma produção de conhecimento através de tais ligações, não conectando apenas computadores, mas também pessoas. O comentário do ex-aluno Jhonatan demonstra o seu cuidado estético ao avaliar as apresentações e que devido à pouca experiência ao utilizar as ferramentas digitais foi negligenciado no vídeo teste, porém houve um esforço de corrigi-los nos demais vídeos.

As questões referentes à autoria compartilhada e suas relações com a história pública e também as consequências positivas e negativas dessa relação serão abordadas no segundo capítulo deste trabalho destacando a história pública e o canal Quinhoar.

As aulas do Quinhoar estão sendo elaboradas com o intuito de abranger alunos do ensino médio, e para isso, as narrativas visuais do mesmo terão uma prática controlada do anacronismo de acordo com Nicole Lauraux⁹⁰. Assim, mesmo considerando o anacronismo um pecado mortal do historiador e correndo o risco de perder o status profissional, pretendo utilizá-lo para realizar analogias, até porque desejo utilizar o presente para fazer perguntas e as aulas também estarão muito marcadas pelo lugar social que ocupo no mundo que é de professora da rede de ensino básica, proletarizada, que faz parte de uma classe social explorada e marginalizada na atualidade.⁹¹

"... a compreensão e a explicação são aquelas de uma pessoa de seu tempo, com suas referências culturais e também teóricas. O pensamento histórico, que realiza a análise histórica, é do historiador que é um homem ou mulher de uma comunidade profissional de seu tempo..."⁹²

⁹⁰ LORAUX, Nicole. "Elogio do anacronismo". In Novaes, Adauto (org.). Tempo e História. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 131-140.

⁹¹ NICODEMOS, A. "*Trabalho docente e proletarização do magistério: questões atuais para o ensino de história na educação de jovens e adultos*" Aproximação histórico conceituais in o trabalho docente de história no PEJA/RJ: as possibilidades de elaboração, execução e ressignificação de um currículo crítico. Tese doutorado Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2013.

⁹² MONTEIRO, Ana Maria. "*Tempo presente no ensino de história: o anacronismo em questão*". In--- Qual o valor da história hoje? Rev. Bras. Hist. vol.33 no.65 São Paulo 2013 <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-0188201300010002> p. 205.

Pretende-se durante a elaboração das aulas voltar-se para o passado com questões do presente para retornar ao presente com a compreensão do passado. A ideia principal é direcionar o olhar para o passado e acumular conhecimento para melhor compreender o presente. E para obter um controle maior sobre tal anacronismo pretendo ter o cuidado em não submeter o meu objeto de estudo a questões e interrogações que não eram de sua época e não criar permanências que não existem:

" ... Entre o atual e o antigo, quem pretende controlar o jogo do anacronismo deve, portanto, jogar com cautela; a maior mobilidade é requerida: é preciso saber ir e vir, e sempre se deslocar para proceder às necessárias distinções. Em outros termos, nenhuma identificação com sentido único é duradouramente possível..."⁹³

Outro importante teórico que servirá de base para o desenvolvimento das aulas é Reinhart Koselleck com suas duas chaves de compreensão da história, o "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa". Pretendo utilizar estas duas chaves de compreensão para vislumbrar uma parcela possível do passado e, assim, ter conceitos sólidos para desenvolver aulas focadas na compreensão do presente já que, de acordo com o autor os exemplos do passado não servem mais como base para entender o presente. E, tais conceitos, com suas definições podem nos ajudar no movimento de idas e voltas ao passado e presente.

" A experiência é o passado atual, aquele em que acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está

⁹³ LORAUX, Nicole. " *Elogio do anacronismo*". In ____Novaes, Adauto (org.). Tempo e História. São Paulo: Companhia das letras, 992, p.64.

contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltada para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.⁹⁴

De acordo com o autor, faz-se necessário compreender os diversos processos e suas temporalizações, assim como os diversos horizontes de expectativas que podem estar se desenvolvendo no presente e possibilitando uma multiplicidade de futuro, pois este está sempre em aberto, não determinado. Assim, cada época possui o seu próprio espaço de experiências que por sua vez está relacionado com diversos horizontes de expectativas, o que não significa que todas tenham sido realizadas, mas que podem indicar disputas e conflitos de interesses.

Portanto, as narrativas visuais ou aulas apresentam uma linguagem mais informal, voltada para as necessidades de compreensão dos adolescentes e jovens.

"As modalidades não acadêmicas de textos encaram a investida do passado de modo menos regulado pelo ofício e pelo método, em função de necessidades presentes, intelectuais, afetivas, morais ou políticas."⁹⁵

⁹⁴ KOSELLECK, Reinhart. *"Espaços de experiência e horizonte de expectativas: duas categorias históricas"*. **Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora da Puc-Rio, p. 309-310.

⁹⁵ SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das letras; Belo Horizonte: editora da UFMG, p. 14.

Portanto, os temas apresentados têm um novo formato gerado por uma mídia social amplamente utilizada nos dias atuais que são os canais do *YouTube*, porém estão voltados para os interesses educacionais de uma nova geração de alunos com novas necessidades e com outras maneiras de se comunicarem, por consequência, novos formatos de narrativas. Produzindo, assim, novas formas de ensinar e se relacionar com o conhecimento histórico.

Nessa perspectiva, acredito que apesar de todos os riscos que a história digital ou o mundo cibernético traz para o fazer historiográfico é mais do que importante que profissionais comprometidos com a busca por uma "pretensa ideia de verdade histórica" ocupem tais lugares. Até porque no mesmo espaço virtual ocorrem disputas de memórias, de ideologias, e de formas de organização de diversas sociedades, logo, o conhecimento dos profissionais das humanidades pode contribuir para evitar o aprofundamento ou a disseminação, sem crítica, de visões excludentes, conservadoras e segregacionistas que contribuem para a perda de direitos civis e sociais em diversas sociedades. É claro, que atualmente já existem diversos profissionais ocupando o ciberespaço com seus diversos projetos, entre eles é possível destacar o *Café História*⁹⁶, tanto o site como o canal no Youtube, o canal *LeituraobrigaHISTÓRIA*⁹⁷, o canal *História da ditadura*⁹⁸, o site *Memoro: La Banca della memória*⁹⁹ e o site *Brasil Museu da Pessoa*¹⁰⁰. Os dois últimos podem ser usados como fonte para os profissionais da ciência humana. Todavia, ainda são poucos comparados a outras mídias que existem e não estão comprometidos com um debate historiográfico mais profundo e repleto de concepções de mundo excludentes, como por exemplo, o desenvolvimento de movimentos nazistas na Internet.

“E assim, nesta concepção da rede como ambiente privilegiado às manifestações políticas, também os grupos de extrema-direita identificaram as brechas para se fortalecerem e encontraram um meio de comunicação seguro, atrativo e econômico. (...) Criado sob os princípios éticos “Deus, Pátria, Justiça Social e Família”, o Libre Opinión oferece aos internautas fartas opções de navegação: fóruns, jogos online, informações sobre a Argentina e países vizinhos através da Agência de Notícias RED KALKI ou do Tablero de Anuncios. (...) O Libre Opinión possui as seguintes seções: *Registrarse, Acceso Miembros, Weblogs Libres, Libro de visitas, Lista de Correo, Juegos Online, Down-*

⁹⁶ <https://www.cafehistoria.com.br> acessado em 07/10/2017 e <https://www.youtube.com/user/cafehistoriatv>, acessado em 07/10/2017.

⁹⁷ <https://www.youtube.com/channel/UCtMjnvODdK1Gwy8psW3dzrg>, acessado em 07/10/2017.

⁹⁸ <https://www.youtube.com/channel/UC23UMRXSeC8P51saoOUDVCQ>, acessado em 07/10/2017.

⁹⁹ <http://www.memoro.org/it/>, acessado em 07/10/2017.

¹⁰⁰ <http://www.museudapessoa.net/pt/home> acessado em 07/10/2017

loads, Buscar Quiénes Somos, Centro de Ayuda, Banners, Términos e Condiciones, Publicidad, Contactos e Comunidad Libre Opinión. Nesta última, os frequentadores não escondem suas preferências pela simbologia nazista e abusam de suásticas, cruzes gamadas, ícones da SS (Schutzstaffel), imagens de Adolf Hitler, Heinrich Himmler e Joseph Goebbels. O mesmo portal também participa de um contraditório movimento internacional de grupos xenófobos, antissemitas, racistas em defesa da “liberdade de expressão” na Internet. Trata-se de um movimento que exige o direito de defender a limitação de preceitos básicos da cidadania a uns poucos que se auto elegem escolhidos e superiores. Liberdade de expressão para os idealizadores do *LO* se confunde com o direito de exigir que o outro, o diferente, não tenha direitos...¹⁰¹

Além da página citada acima ainda é possível destacar *Metapédia*¹⁰² um site com links para páginas de extrema direita, a página no facebook *Partido Nacional Socialista dos trabalhadores Brasileiro - PNSTB*¹⁰³ e a página no facebook *Fascistas Brasileiros*¹⁰⁴. Estas últimas páginas possuem mais de mil curtidas e dão links para outras páginas de extrema direita. Esta é somente uma das necessidades de a academia ocupar tais espaços, pois ainda existe uma série de páginas no *Facebook*, no *Youtube* e em outras mídias que deturpam conceitos históricos de acordo com seus interesses ou ideologias. Por isso, a presença de historiadores comprometidos com debate historiográfico e com a busca por "verdades histórica" e ideais democráticos são imprescindíveis na história do tempo presente. Dessa maneira, o canal Quinhoar é uma tentativa de ocupar tais locais e promover a ampliação de conhecimentos para os alunos de ensino médio e principalmente com eles.

¹⁰¹ MAYNARD, Dildon Cândido Santos. *Escritos sobre história e Internet* Editora multifoco Rio de Janeiro, 2011 p. 72-79;

¹⁰² <http://pt.metapedia.org/wiki/Holocausto>, acessado em 07/10/2017.

¹⁰³ <https://www.facebook.com/PNSB88/>, acessado em 07/10/2017.

¹⁰⁴ <https://www.facebook.com/Fascistas-Brasileiros-331854906902135/>, acessado em 07/10/2017.

Público

Ao longo desse capítulo iremos estabelecer algumas reflexões sobre a história pública, destacando algumas de suas características e as relações realizadas pelo canal Quinhoar, com a mesma, levando em consideração o objetivo de produzir conhecimento histórico.

2.1 História pública.

"...todos os historiadores deveriam ser encorajados a desenvolverem Suas habilidades em história pública. (...) deveríamos todos nos tornar Historiadores públicos; isso ajudaria a reconciliar a teoria e a prática..."¹⁰⁵

Ao longo desse capítulo iremos refletir sobre algumas questões pertinentes à história pública.

O campo da história pública tem se desenvolvido no Brasil recentemente, entretanto, suas origens, na realidade brasileira, é um pouco anterior, o mesmo já existe desde a década de 1990, através de uma série de práticas que hoje se enquadram dentro da história pública, e são realizadas principalmente por professores. Aliás, muitos profissionais já a praticavam sem necessariamente nomear seus trabalhos como história pública. Por isso, a história pública está mais ligada à maneira como a mesma se realiza ou opera, do que a uma definição fechada.

De acordo com Jill Liddington¹⁰⁶, tem existido uma demanda cada vez maior por história e para suprir essa busca existe uma série de profissionais que estão se debruçando sobre o passado. O autor chama atenção para o fato de o conceito história pública ser muito escorregadio, pois o mesmo pode ser utilizado em tantos sentidos que pode acabar perdendo a relevância, por isso, o autor destaca.

"... O estudo de história pública está ligado a como adquirimos nosso senso de passado por meio da memória e da paisagem, dos arquivos, da arqueologia, e por consequência [o] modo como esses passados são apresentados publicamente..."¹⁰⁷

¹⁰⁵ CAUVIN, Thomas, por que deveríamos todos nos tornar Historiadores Públicos? Medium. <https://medium.com/@fredzgur/por-que-dever%C3%ADamos-todos-nos-tornar-historiadores-p%C3%ABAblicos-358d4787e7ed> Acesso 19/12/17.

¹⁰⁶ LIDDINGTON, Jill ____ O que é História Pública? In.: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). *Introdução a história pública*. São Paulo: ed, Letra e Voz, 2011

¹⁰⁷ Ibid p. 34

Portanto, podemos afirmar que a prática da história pública está intimamente associada com a maneira que os historiadores olham para o passado e para quem e como, os mesmos pretendem divulgar ou comunicar suas pesquisas.

A história pública como conceito, de acordo com as historiadoras Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Gouveia de Oliveira¹⁰⁸, nasceu nos anos de 1970 e ganhou espaço no Canadá, Austrália, Itália, África do Sul e Estados Unidos. Na Europa, emergiu como prática do uso público da história com fins políticos e ideológicos e ocorreu, também, uma influência da busca pela justiça social.

Inicia-se com um questionamento sobre como os trabalhos não chegavam à sociedade, onde se destacam, nesse período, trabalhos que ficaram conhecidos como história marginal ou história dos excluídos, pois trabalhavam com outros objetos.

Nos Estados Unidos, a origem da história pública se remete à década de 1970, com um grande desemprego, devido à crise do capitalismo, à qual afetou os formandos, daquela época, particularmente na *University of California*, e os impulsionou para outras áreas de atuação, como, por exemplo, museus, centros de cultura, parque temáticos. Nesse contexto, tem destaque para o desenvolvimento, em 1978, *The Public Historian*.

Dentro da academia teve destaque, em 1979, a criação do *National Council on Public History*, o qual teve, em 1981, seu primeiro curso com Paul Mattinely. A década de 1980 ganhou um novo fôlego com os trabalhos de Wesley Johnson e a divulgação da ciência fora da academia. Hoje, nos Estados Unidos, a história pública está organizada, através da *Nacional Council on Public History (NCPH)*, e em diversas pós-graduações e graduações.

Na história pública dos Estados Unidos criou-se uma demanda por institucionalizar, com cursos de pós-graduação, destinados a ensinar procedimentos básicos. Tal medida tem influenciado outras áreas, como ocorre na Inglaterra. Entretanto, este procedimento criou uma grande polêmica entre os diversos profissionais, pois ao tratar a história pública como se fosse um novo campo ou separando-a da ciência história, ao exigir uma certificação para realizar história pública, acaba gerando uma perda de conhecimento, e ao mesmo tempo aparenta-se uma medida contraditória, pois uma das principais características da história pública é o compartilhamento e as relações e interrelações que a mesma cria.

¹⁰⁸ ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). Introdução à história pública. São Paulo: Ed. Letra e Voz, 2011.

Na Inglaterra, durante a década de 70, ocorre um grande desenvolvimento de pesquisas com as temáticas histórias dos trabalhadores, história das mulheres, história dos homossexuais. Demais grupos, que não faziam parte da história, começam a se tornar objetos de estudos. Todas estas novas perspectivas contribuíram com o desenvolvimento da história pública, pois muitos pesquisadores estavam preocupados em ouvir e também aproveitar as formas de comunicação que se desenvolveram na década de 1970, como por exemplo, a televisão e o cinema, os quais já faziam parte da vida das pessoas. Assim, na academia, da Inglaterra, existia uma demanda interna por novos objetos de estudos, até então marginalizados, e as tecnologias existentes possibilitaram o início de uma história pública, principalmente ao utilizarem, como por exemplo, a câmera Super-8. Todas estas mudanças contribuíram para o desenvolvimento da história pública na Grã-Bretanha, a qual se caracterizou por uma separação entre profissionais públicos e profissionais acadêmicos da história pública. Os trabalhos giraram em torno do patrimônio e da memória nacional, destacando o English Heritage, um fundo governamental voltado para a área.

Na Austrália a história pública se destacou com trabalhos sobre comunidades aborígenes, afetadas com a colonização. O interessante é que tais trabalhos possibilitaram a criação de políticas públicas para garantir a ampliação de direitos, com a perspectiva de uma política social reparadora. Caracterizando assim, uma possibilidade prática de mudança na sociedade, a partir de conhecimentos e divulgação destes, pelas práticas desenvolvidas na história pública.

Além disso, no caso específico do Brasil é interessante destacar, de acordo com Ricardo Santhiago,¹⁰⁹ que a história pública já se tornou presente em artigos livros, encontros científicos, debates, palestras e cursos.

"...está instalado um campo de diálogo vigoroso e interdisciplinar-entronizado no campo da História, mas ramificado para outras áreas, como a Educação, as Comunicações, os Estudos do Patrimônio (sem falar nas áreas "públicas": Sociologia Pública, Antropologia Pública, e, talvez mais notavelmente, a Arte Pública..."¹¹⁰

¹⁰⁹ SANTIAGO, Ricardo. ____ Duas palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In.: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTIAGO, Ricardo (orgs.) *História no Brasil: sentidos itinerários* ed. Letra e Voz.

¹¹⁰ Ibid p. 24

É um espaço que tem unido diferentes profissionais, com os mais variados conhecimentos, com o objetivo de divulgar saberes através de outros formatos ou outras narrativas. Entretanto, a preocupação em divulgar o conhecimento histórico não é um dado novo, pois o mesmo já estava no horizonte de diversos historiadores e demais profissionais, há anos. Como exemplo podemos citar Raphael Samuel (1994), Jerome de Groot (1998), Paul Ashton e Paula Hamilton (2010). Todavia, dentro da história pública a divulgação científica ganha uma grande intensidade e potencial.

Dentro do contexto histórico brasileiro, a questão é mais densa, pois a expressão história pública se transformou em um guarda-chuva conceitual que vem abrigando trabalhos como: usos da memória; usos do passado; demanda social; percepção pública da história; divulgação científica da história e assim por diante. Entre os pesquisadores destaca-se Ulpiano Bezerra de Meneses, Marieta de Moraes Ferreira, com os seguintes trabalhos: *Ensino de história: Usos do passado, memória e mídia*¹¹¹ e *O ensino de história em questão: Cultura Histórica, usos do passado*¹¹². Logo surgiram alguns questionamentos como: *Por que dar um novo nome a uma velha prática*. Como questionou Liddinton.

O que há de novo neste debate é a ênfase em fazer história e pensar a história que está se desenvolvendo. Não é uma disputa por um novo campo disciplinar, com métodos e objetos próprios, embora exista quem o defenda, mas a possibilidade de refletir a prática de construção da própria história, na perspectiva de uma ampla divulgação. É uma forma de produzir conhecimento histórico que se soma a um amplo debate acadêmico já previamente existente e acrescenta novos prismas para o desenvolvimento do conhecimento histórico. Para que tal construção ocorra é necessária uma estrutura mínima que permita a existência do debate, destacando-se nesse sentido, a Rede Brasileira de História Pública.¹¹³

De acordo com Ricardo Santhiago é possível mencionar quatro áreas de estudo sobre a atuação da história pública. São elas:

- História feita para o público (ampliação da audiência);

¹¹¹ Célia Santana Silva, Rocha, Helenice; Magalhães, Marcelo; Ribeiro, Jaime; Ciambarella, Alessandra (Org.) *Ensino de História: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014. 280p

¹¹² GONTIJO, Rebeca; Aparecida Bastos Rocha, Helenice; Magalhães, Marcelo De Souza. *O Ensino de História Em Questão - Cultura Histórica, Usos do Passado* Ed. FGV

¹¹³ <https://www.facebook.com/rebrahip/> Acesso 30/12/2017.

- História feita com o público (onde a ideia de autoridade compartilhada é fundamental);
- História feita pelo público (incorporando formas não institucionais de memória e história);
- História e público (incorporando uma reflexividade e a auto reflexividade).

É claro, que tais tipologias não são fechadas e servem como um horizonte para a produção do conhecimento.

Além dessas classificações acima a história pública traz uma grande questão que é a da linguagem, ou seja, se preocupa em produzir um conhecimento histórico em uma linguagem não apenas acadêmica, de forma que seja acessível e também prazerosa para os mais diversos públicos. Sem perder, contudo, o rigor científico da pesquisa. Realizar uma história diante desses critérios é um grande desafio.

"...Uma Visão da história pública como divulgação científica, calcada em sua função "tradutora", é simples apenas na aparência. Aquela convencionalização implica uma transformação mais ampla - se não, negligenciarmos o caráter estrutural da linguagem, de seu lugar privilegiado no interior de um sistema simbólico, de uma cultura. A linguagem, como fenômeno cultural, não se traduz conteúdos, mas é. Desse ponto de vista, uma escrita criativa da história predisposta à divulgação, e assim por diante. E isso se considerarmos a linguagem tão somente em uma dimensão semântica, cognitiva. A história pública engloba um conjunto de qualificativos que, salvo engano, requer modificações durante todo o processo de pesquisa, não apenas no momento de seu escoamento. Mais uma vez, me parece que este campo, entendido como um lugar de debate, é o que tem permitido superar a visão da história pública como "questão de linguagem", embora ela continue à espreita..."¹¹⁴

¹¹⁴ SANTIAGO, Ricardo. ____ Duas palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In.: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTIAGO, Ricardo (orgs.) *História no Brasil; sentidos itinerários* ed. Letra e Voz. p. 29.

Portanto, a história pública não é uma simples tradução, mas todo o percurso da pesquisa é pensado de forma diferente, com critérios que se somam aos rigores acadêmicos e com objetivos distintos daqueles desenvolvidos na esfera acadêmica. É claro, que a pesquisa é uma atividade social que se realiza completamente quando é comunicada, porém a diferença está no público que a história pública quer atingir e nos meios utilizados para se fazer isto. Por isso mesmo, são práticas e ações que se somam à academia e bebem do conhecimento produzido na mesma. Todos estes pontos nos ajudam a compreender que a história pública não está associada a uma definição específica, mas está ligada a debates em torno do fazer histórico e práticas ou meios de concretizar a divulgação e seus objetivos, específicos de cada trabalho desenvolvido.

Todavia, de maneira bem resumida, podemos destacar as seguintes características da prática da história pública. Tais características foram aprendidas no curso Ensino de História e História Pública ministrada pelo professor Rodrigo Almeida Ferreira¹¹⁵

- **Ampliação:** Existe um objetivo central na história pública que é extrapolar os muros da academia e promover um diálogo com outros públicos;
- **Divulgação:** A narrativa histórica pode sofrer algumas alterações para se adequar à necessidade de divulgar e atender outros públicos. Como também novos recursos tecnológicos podem ser utilizados, com suas respectivas linguagens, como por exemplo, cinema, televisão, blogs, vlogs, gibis, redes sociais, etc.
- **Autoridade compartilhada:** Esta é uma das principais características e aquela que gera mais polêmicas. A autoria compartilhada se desenvolve quando, em projeto de história pública, faz-se necessário o conhecimento de outras áreas, o que é muito comum. Como exemplo, um historiador precisa aprender a trabalhar em conjunto com um cineasta e respeitar os limites na narrativa fílmica, caso se queira trabalhar com o cinema. O mesmo vale para outros formatos de narrativas como os Vlogs¹¹⁶, que passam por edições gráficas onde a criação artística é importante e ainda está sujeita

¹¹⁵ Disciplina do programa PROFHIST, realizada na Universidade Federal Fluminense - Instituto de História, segundo período de 2017. Bibliografia consultada: FRISCH, Michael. "A História pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa." In: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele R., SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-71. LIDDINGTON, Jill. "O que é história pública?" In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). Introdução à história pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

¹¹⁶ **VLOG:** "...é a abreviação de videoblog (vídeo mais blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos..." In.: *Significados de Vlog*. <https://www.significados.com.br/vlog/>, acesso em 03/06/2018

a uma relação direta com o público, através de comentários, críticas ou sugestões que podem até mudar a direção do projeto inicial. Assim, o resultado final não será somente de autoria do historiador, mas de toda a equipe de profissionais envolvida. Além disso, ao compartilhar a autoria pode ocorrer a produção de outros sentidos históricos feitos em outras narrativas, os quais podem ser produzidos por historiadores ou por outros profissionais.

- **Circularidade:** A história pública pode provocar impactos intensos com e no público, mudando sentidos iniciais e criando outros, pois o conhecimento passa a circular em um âmbito maior, gerando outras apropriações de sentidos, ou seja, uma polissemia. Tal característica não é algo novo para os historiadores, pois a história não é uma via de mão única, e dentro do universo acadêmico existem diversos campos de fala e com sentidos variados. A história pública deixa a polissemia muito clara e trabalha com ela, de acordo com seus objetivos. Como exemplo de circularidade, podemos destacar o filme *Chico Rei*,¹¹⁷ que pode ser utilizado para aprofundar outras reflexões históricas, destacar outros imaginários sociais e outras formas de narrativas históricas, como uma peça musical.
- **Problematizações:** Busca retratar ou trazer narrativas que problematizam os significados históricos, ao invés de apenas desconstruí-los ou apresentá-los. Busca construir uma narrativa a partir de evidências e com rigor científico.
- **Militante:** Comprometida com determinada questão histórica ou uma política social reparadora. Movimento negro, movimento feminista, movimento LGBT.
- **Produtora de conhecimento.** O historiador que trabalha com a prática da história pública tem o potencial de gerar conhecimento histórico, pois tais práticas não rompem com o rigor da pesquisa histórica e com o conhecimento de se buscar a "pretensa ideia de verdade histórica", apenas realizam mudanças na narrativa para se adequar a outros públicos não acadêmicos, não rompendo com a academia, mas se somando a mesma.

¹¹⁷ FERREIRA, Rodrigo de Almeida. História Pública e cinema: O filme Chico Rei e o conhecimento Histórico. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 27. Nº 54, p. 275-294, julho-dezembro de 2014.

- Educação: Muitos professores já utilizam a história pública em suas aulas, pois através da mediação do professor é possível utilizar todas essas narrativas áudio visuais em sala de aula. Com o intuito de sensibilizar o público, ampliar conhecimento, promover pensamento crítico e conscientizar, para a importância de direitos universais.

Dentre todas estas características é necessário destacar, a importância da autoridade compartilhada, não apenas para a história pública, mas principalmente para a elaboração do canal Quinhoar. Nesse processo de compartilhamento de autoridade existe um fluxo de informações entre o produtor de conhecimento e o próprio público ou receptor, entretanto, o público não está em uma posição passiva, pois interage como produtor influenciando e criticando e até sugerindo o processo de criação e de desenvolvimento do conhecimento e de sua forma ou narrativa. É um exercício constante de interação. Nesse sentido, de acordo com Michael Frisch, podemos destacar sobre a história pública:

"Entende-o como um diálogo real, no qual fontes e bases de autoridade diferentes têm reivindicações distintas e particulares, que podem competir, ser comparadas, avaliadas e relacionadas por meio daqueles, encontros importantes que o cenário da história pública pode apoiar e estimular (...)"¹¹⁸

Assim, o processo de produção de conhecimento é compartilhado entre o historiador e o público. E, nesses aspectos, o suporte digital oferece ferramentas interessantes, por aproximar as pessoas e favorecer a integração. Um exemplo disso são as possibilidades de comentários nas páginas do *YouTube*, que serão analisadas no subitem seguinte.

A história pública demanda uma variedade de conhecimento, assim, muito dificilmente um único historiador vai dar conta de solucionar todos os desafios que a prática da

¹¹⁸ FRISCH, Michael: *A história pública não é uma via de mão única ou de A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa*. In.: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTIAGO, Ricardo (orgs.) *História no Brasil. Sentidos itinerários* ed. Letra e Voz.

história pública traz. Até porque, muito da produção do conhecimento irá ocorrer de maneira interdisciplinar, sendo necessária uma relação com outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a programação (algoritmos), a comunicação, o designer gráfico, entre outros. Nesse quesito é importante ter em mente, que um profissional deve respeitar os limites de sua profissão e não invadir o campo de conhecimento alheio impondo conceitos ou maneiras de se fazer algo que são próprios de sua área. Limite este que também exige sabedoria do profissional para também não perder os rigores fundamentais na busca da “pretensa ideia de verdade histórica”. O rompimento dos limites pode ocorrer quando o profissional se recusa a dialogar, e não faz as alterações necessárias para acessar um público maior ou diferenciado, ou quando o historiador analisa uma determinada área do conhecimento, ou o resultado final de uma produção, com critérios e olhares que são específicos de seu próprio campo de conhecimento acadêmico.

Na prática, a história pública mobiliza áreas distintas de conhecimento que influenciam o resultado final. Na interação dos diversos campos de conhecimento são necessárias adequações, de acordo com cada linguagem que se trabalha na história pública. Logo, a produção de conhecimento histórico ocorre de maneira diferenciada e com critérios específicos influenciando na narrativa final. Um exemplo prático disso são as diversas variações na narrativa histórica, quando se prioriza fazer um trabalho para o cinema, para o *YouTube*, para um *blog*¹¹⁹, para uma aula expositiva, para um *podcast*¹²⁰ e para uma dissertação acadêmica. Estas e muitas outras formas de produzir conhecimento histórico trazem critérios e exigências específicas que limitam e transformam o resultado final, porém todas têm o potencial de gerar conhecimento histórico.

Quando se trabalha com a história pública e a autoria compartilhada, o critério específico de cada linguagem e os limites existentes para se alcançar um determinado resultado ficam muito nítidos e, por isso mesmo, corre-se um risco muito grande de analisar ou exigir que os critérios de um determinado campo incidam com mais intensidade sobre as demais escolhas. Por isso, é necessário ter clareza de seus objetivos, pois os mesmos vão nortear todas as escolhas

¹¹⁹ "Blog é uma palavra que resulta da simplificação do termo **weblog**. Este, por sua vez, é resultante da justaposição das palavras da língua inglesa *web* e *log*. *Web* aparece aqui com o significado de rede (da internet) enquanto que *log* é utilizado para designar o registro de atividade ou desempenho regular de algo. Numa tradução livre podemos definir blog como um "**diário online**". In.: *Significado de Blog* <https://www.significados.com.br/blog/>, acesso em 03/06/2018.

¹²⁰ " Assim como a TV, o rádio e o jornal, o **podcast** é uma mídia de transmissão de informações, porém a origem da mídia podcast é muito recente e ainda está em seu processo de crescimento, principalmente no Brasil, onde atinge poucas pessoas." . In.: *Podcast: O que é*. In.: <https://mundopodcast.com.br/artigos/o-que-e-podcast/>, acesso em 03/06/2018.

que serão feitas na pesquisa, no formato e na publicização da mesma dentro das práticas de história pública.

A história pública deve ser vista como prática e reflexão e é feita prioritariamente com a autoria compartilhada. Tal característica não tem o objetivo de eliminar a história e sua profissionalização, mas promover um diálogo com outras áreas. Dessa maneira, incentivar uma ampla divulgação com qualidade e rigores científicos. Além disso, a história pública não pertence, somente, ao historiador. Existem e podem existir diversos profissionais que trabalham com esta prática e se mostram comprometidos com a busca por uma “pretensa ideia de verdade histórica”. O que podemos perceber é a existência de um frutífero debate em torno da chave história pública, e tal debate pode criar uma ponte entre o acadêmico e o não acadêmico, caracterizando a autoridade compartilhada do início da pesquisa até a sua divulgação, e os mais variados desdobramentos da mesma. Pois, através da história pública, o conhecimento histórico irá gerar uma circularidade onde não é possível prever ou controlar as consequências. Por exemplo, existem trabalhos que fazem ligações entre filmes e conhecimento acadêmico, há filmes que são resultados de uma tese de doutorado ou até o oposto. As ideias e conceitos circulam. O compartilhamento e a circularidade são características marcantes da história pública.

Dentro da perspectiva da história pública a ideia de circularidade ganha uma dimensão maior, ou seja, através da circularidade obtém-se outras informações, a ponto de adquirir sentidos diferentes do original. Podendo inclusive assumir novos formatos. A história passa a ser tão repetida em uma determinada sociedade ou grupo social que passa a criar grupos de identificação e significados. Tal acontecimento é bem nítido em filmes, como por exemplo, *Chico Rei*, que aborda a escravidão e através da circularidade ganhou diversas interpretações¹²¹. Passando pelas visões de resistência, pela visão do escravo enquanto sujeito histórico, escravos estereotipados, o filme mostra outras possibilidades de alcançar a liberdade, como por exemplo, a alforria, além do quilombo. Existe no filme a possibilidade de outras análises do escravismo, além do embate entre a luta de classe predominante na visão marxista. Em suma, a circularidade promove debates e a ampliação de conhecimentos na sociedade, mesmo com visões não consensuais na academia. Estabelece uma possibilidade de diálogo entre os historiadores e a sociedade, mesmo que tal comunicação seja a negação de uma determinada visão.

¹²¹ FERREIRA, Rodrigo de Almeida. História Pública e cinema: O filme Chico Rei e o conhecimento Histórico. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 27. Nº 54, p. 275-294, julho-dezembro de 2014

Além disso, a história pública e seu potencial para a circularidade do conhecimento pode promover a modificação ou a reconstrução de imaginários sociais,¹²². Este condiciona, justifica, orienta, como uma diretriz para diversas ações práticas, na sociedade. É interessante destacar que o imaginário social é algo abstrato que se concretiza na visão das pessoas quando estas passam a utilizá-lo para criar intervenções ou nortear suas ações em uma determinada esfera social. O imaginário é sentido, é percebido, como um conjunto de símbolos, de práticas que acabam sendo internalizadas.

Aliás, o símbolo no imaginário social muitas vezes se apresenta no formato de narrativa, dando coerência e sentido à esfera social. O imaginário social e suas concretizações por meio de narrativas estão associados a diversos interesses, sejam eles políticos, econômicos ou sociais, logo, não existe neutralidade e, sim, um jogo de interesses, conflitos e disputas por hegemonia. Assim, interferir ou influenciar a modificação de imaginários sociais tem como consequência a criação de novas narrativas, às quais podem valorizar, empoderar ou legitimar grupos sociais até então excluídos, ou confirmar a ordem hegemônica. Entretanto, a história pública, ao criar novas narrativas e por meio destas mobilizar imaginários sociais, seja na perspectiva da construção ou desconstrução, possibilita, por meio da circularidade, a criação de brechas para a transformação da sociedade, seja por ações práticas, decorrentes das alterações de imaginários, ou por políticas públicas de reparação histórica.

Entretanto, o compartilhamento, principalmente da esfera digital, e a circularidade são um dos principais desafios enfrentados pelos historiadores, pois eliminam a possibilidade de controle do historiador sobre estas características. Todavia, é imprescindível no cenário atual, que tais profissionais trabalhem na perspectiva da história pública. Até porque o acesso à informação não significa produção de conhecimento, principalmente o conhecimento histórico. Segundo Jurandir Malerba,¹²³ os historiadores acadêmicos não tendem a ocupar o espaço da história pública, deixando-o para outros profissionais que podem não estar preocupados com a "pretensa ideia de verdade histórica" ou comprometidos com projeto social excludente.

¹²² BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social* in.: Leach, Edmund et Alii *Anthropos- Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

¹²³ MALERBA, Jurandir. *Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a história? Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não-acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History*. *Hist. Historiogr.* Ouro preto, nº 15, agosto, 2014, p. 27-50, doi: 10.15848/hh. V0i15.692.

"...Nesse último quesito, com pouquíssimas exceções, devemos reconhecer que a historiografia acadêmica brasileira ainda tem jogado um papel muito tímido, ao abrir mão da ocupação dos espaços públicos de debate para manter-se confinada nos circuitos fechados da academia. " ¹²⁴

" O crescimento desse campo sem fronteiras muito definidas que se chamou de *Public History* articula-se de modo orgânico com a recente explosão ruidosa de formas populares de apresentação do passado. Esses mesmos fenômenos acontecem em maior ou menor medida no Brasil: constata-se uma sensível demanda social por história nos mais diversos espaços de formação de opinião fora das universidades, novos lugares de exercício da profissão, uma demanda crescente de consumo popular de história, verificável no aparecimento de revistas especializadas de divulgação com grandes tiragens e, por outro lado, uma agressiva produção “historiográfica” que insiste em se autopromover como uma “nova história” – não acadêmica, diferente e superior àquela. Tal ampliação gigantesca do interesse pelo campo, levada a cabo por profissionais tanto internos como externos à área acadêmica da história, tem duas implicações incontornáveis. A primeira é que o interesse pelo passado, ou, ao menos, suas formas populares de apresentação, atualmente nos cercam por todos os lados. Hoje o passado significa “negócios” e, não menos importante, “poder”! Um segundo ponto que distingue o Brasil dos outros casos que vimos apresentando é que, lá em outros países onde se pratica e se discute o estatuto da *Public History*, historiadores acadêmicos, com formação universitária, compartilham o mesmo *common ground* dos produtores de versões populares da história. Os historiadores “públicos” no exterior, que conquistaram ou criaram novas áreas de atuação profissional, seja em organismos estatais ou privados, na mídia, em museus e arquivos, em sindicatos e associações de classe, seja nos novos canais virtuais, todos eles têm formação, treinamento universitário profissional no tratamento dos princípios ou fundamentos da história como ciência. Ora, isso não é o que se passa no Brasil, onde a perícia narrativa e as articulações mercadológicas parecem ser suficientes para garantir a qualquer leigo o domínio do ofício. " ¹²⁵

¹²⁴ Ibidem p. 31;

¹²⁵ Ibidem. p. 31-32;

Logo, de acordo com o historiador acima, e em virtude das diversas demandas pela história, faz-se necessária a atuação de historiadores comprometidos com o conhecimento histórico, para acessar esta variedade de informações e fontes produzidas na internet, utilizando-se da história pública digital, e com o objetivo de produzir saber. Para isso, o profissional deve ter um olhar apurado para elaborar as perguntas mais interessantes e ter claros seus objetivos, caso contrário, corre o risco de afundar no mar de informações que a internet causou.

Apesar dos desafios, a história pública possibilita uma compreensão mais sensível e prazerosa dos conhecimentos históricos, principalmente nos dias atuais, quando o passado e seus desdobramentos despertam tanto fascínio. De acordo com Anita Lucchesi é importante no cenário atual criar uma aproximação entre os historiadores e a história pública.

(...) a aproximação do historiador que trabalha com história oral dos canteiros da história digital e da história pública pode, a meu ver, incentivar a criação de novos experimentos, mobilizando ferramentas e acervos digitais, bem como as linguagens "amigáveis" do ambiente digital, para chegar a outros públicos, informá-los e, em certa medida, tocá-los. As novas tecnologias não introduzem apenas uma mudança de suporte, mas, (...) trazem novas dinâmicas e relações subjetivas que precisam ser investigadas, que sugerem novas práticas, possibilidades e, igualmente, responsabilidades.¹²⁶

De acordo com Gerald Zahavi,¹²⁷ a ponte para a academia é uma curiosidade histórica aparentemente insaciável, a qual pode ser estimulada pela história pública e suas possibilidades de formulação e reconfiguração de políticas públicas por meio de pesquisas históricas. Assim, tal prática tem atraído por reverenciar, esclarecer, politizar, empoderar diversos temas. E ainda ensina a lidar com a controvérsia.

Uma das principais controvérsias enfrentada pela história pública, de acordo com Zahavi, concentra-se na seguinte pergunta: *que medidas práticas podem ser dadas a fim de*

¹²⁶ LUCCHESI, Anita. *Conversas na antessala da academia: o presente a oralidade e a História pública digital* Revista História oral ABHO volume 17, n. 1 (2014) <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=341>

¹²⁷ ZAHAVI, Gerald. *Ensinando História Pública no século XXI* In.: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). *Introdução à história pública*. São Paulo: ed., Letra e Voz, 2011.

priorizar na história pública um enfoque crítico e analítico sem abrir mão da acessibilidade e os atrativos de um projeto?

Para responder a tal indagação é necessário salientar que o "vídeo-história", ou o canal no *YouTube*, que este trabalho pretende concretizar, deve ser o produto final de uma investigação historiográfica e com um resultado capaz de transmitir as informações e análises desejadas. Certamente, não é um trabalho fácil e, diante desse desafio, Ana Maria Mauad e Fernando Dumas¹²⁸ destacam a importância da narrativa a ser construída, a qual passa a ter uma grande importância dentro dos diversos trabalhos de história pública. Em suas palavras:

".....Quando estabelecemos uma relação entre a narrativa dos resultados de uma pesquisa histórica, concebida para um livro, e uma narrativa audiovisual construída a partir dos mesmos resultados, não nos limitamos a realizar uma simples transferência de mídia. A vídeo-história implica na elaboração de um novo tipo de texto histórico, que considere na sua produção, a natureza de enunciação de fontes trabalhadas. Assim, as fontes orais, visuais e sonoras, elementos fundamentais nesta reflexão historiográfica, devem ter sua substância de expressão preservada para compor o texto histórico. "¹²⁹

Portanto, em um trabalho de história pública não se pode negligenciar a pesquisa histórica e muito menos a narrativa a ser construída, pois ambas são fundamentais e articulá-las de forma consistente é o grande desafio do canal *Quinhoar: Ensino de História*, o qual é o objetivo final deste trabalho

¹²⁸ MAUAD, Ana Maria, DUMAS, Fernando. _____ Fontes orais e visuais na pesquisa histórica: Novos métodos e possibilidades narrativas In.: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). Introdução à história pública. São Paulo: ed. Letra e Voz, 2011.

¹²⁹ *Ibidem* p. 81

2.2 Quinhoar na história pública e o ensino de História

.... Eu sinto que nós temos uma obrigação de retornar a história para as pessoas que a contaram para nós. E há tantas maneiras criativas (...). Nós precisamos encontrar um jeito de manter o cuidado histórico como um elemento central na história pública – e não esquecer que ela diz respeito ao público. Deve ser história bem feita, mas também precisa servir a uma necessidade maior.¹³⁰

Ao longo deste subitem iremos abordar algumas questões teóricas referentes à produção do canal Quinhoar. Destacamos alguns comentários feitos no vídeo teste do canal. O vídeo teste se chama *Politeísmo e Monoteísmo*, se encontra no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=-UKRZk-iuc&t=12s>, e foi feito para recolher as primeiras sugestões e críticas dos alunos. Além disso, analisaremos alguns comentários feitos, a partir das características de compartilhamento da história pública, e, por último teceremos algumas relações com a prática do ensino de história.

O canal Quinhoar foi pensado, inicialmente, para ser utilizado em sala de aula através do uso de celulares, pois os mesmos estão presentes no dia a dia das escolas baseadas no quadro e na exposição de conteúdo. Logo, o objetivo inicial era utilizar os celulares e as demais tecnologias a favor do processo educacional. Entretanto, ao longo do processo de pesquisa e de produção do canal, foi ganhando novos contornos teóricos e metodológicos e, no momento atual, está sendo pensado especificamente para os alunos do Ensino. É claro, que nada o impede de ser usado em sala de aula e para outros públicos. A partir desse comentário, é necessário destacar que o Quinhoar se encontra dentro da chave de compreensão da história pública digital, pois seu formato e inclusive as fontes que o mesmo produz, a partir dos comentários no canal, são totalmente digitais.

Ou seja, Quinhoar é feito com o objetivo de ampliar ao máximo o público que irá ter acesso a história produzida nesse canal. Portanto, está comprometido com o rigor histórico e com uma narrativa mais atrativa para o público jovem. Além disso, tem no horizonte de

¹³⁰ DUNAWAY, David King In.: SANTHIAGO, Ricardo. “A História Pública é a institucionalização de um espírito que muitos historiadores têm tido, por milhares de anos”: Uma entrevista com David King Dunaway sobre História Oral, História Pública e o passado nas mídias. Revista Transversos. “Dossiê: História Pública: Escritas Contemporâneas de História”. Rio de Janeiro, Vol. 07, nº. 07, pp. 203-222, Ano 03. Set. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.25607. p. 214.

expectativas a busca por temas inclusivos, que promovam uma reflexão democrática e a ampliação de direitos sociais.

Dentro da chave de compreensão da história pública digital cabe-nos fazer algumas ponderações sobre qual história é essa que o canal Quinhoar pretende divulgar e produzir. Uma história digital ou uma história por meios digitais? Com o objetivo de contribuir com esse debate citamos Serge Noiret, para quem:¹³¹

"...a história digital requer reescrever e reinventar os métodos profissionais e dominar as novas práticas digitalizadas (CLAVERT; NOIRET, 2013). Às mudanças quanto às novas práticas profissionais dos historiadores são de tal ordem - falou-se até de um novo historicismo (FICKERS, 2012) - que devemos nos interrogar sobre qual o impacto da história digital sobre as formas tradicionais de narração do passado e sobre os tempos históricos (HARTOG, 2012; NORA, 2011). Podemos nos perguntar, à luz da difusão pública das tecnologias, se não é o caso de rever em profundidade até mesmo a relação que temos com o passado, a memória e a história no presente (JOUTARD, 2013)"¹³²

Dentro dessa nova forma de produzir história o canal Quinhoar apresenta uma narrativa digital onde som, imagem, texto e oralidade trabalham juntos para o desenvolvimento de um sentido histórico. O canal se encontra entre os dois conceitos citados anteriormente. Ou melhor, Quinhoar tem uma história digital, pois utiliza os recursos tradicionais de pesquisa do campo da ciência história para uma narrativa comprometida com a "pretensa ideia de verdade histórica", entretanto está vinculado aos interesses de um novo público, um público jovem, associado com as exigências de uma nova geração. E também é uma história por meios digitais, pois toda a sua produção e divulgação foi feita e continuará sendo feita com recursos digitais,

¹³¹ NOIRET, Serge História Pública Digital Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.1, nº.1, p. 28-51, maio 2015
<http://www.ibict.br/liinc> doi:<http://dx.doi.org/0.8225/liinc.V1i1.797>.

¹³² Idem p. 29

incluindo fontes digitais e demandas anunciadas por esse mesmo público de forma digital, através dos comentários no canal. Tal característica não é uma novidade do Quinhoar, pois temos historiadores¹³³ ocupando o espaço digital em diversos locais do mundo.

"...Na Europa, como em outros lugares, há hoje em dia muitos historiadores que convivem com o digital, e que não são, digamos "historiadores digitais" ou "humanistas digitais". São a própria história (fontes e historiografia) e a memória do passado, que, de fato, tornaram-se digitais, prescindindo de como os historiadores, individualmente e/ou como grupo profissional organizado, relacionam-se atualmente com a "virada digital" (digital turn), as humanidades digitais e a "história (pública) digital..."¹³⁴

O canal Quinhoar não é, portanto, uma novidade. Ele surge como um exercício para ocupar um novo local de conhecimento que está crescendo e sendo utilizado nos dias atuais. Para ocupar tal local é imprescindível aprender com as práticas da história pública.

"...Para garantir o devido distanciamento no confronto com o passado, gerenciar essa coletas de documentos, "filtrar", mediar, conectar comunidades e públicos diversos, encaminhar os novos conhecimentos sobre o passado por meio do potencial das tecnologias digitais, uma geração de novos historiadores, que podemos chamar "historiadores públicos digitais" (digital public historians), tornam-se os profissionais intermediários necessários para enquadrar cientificamente o trabalho de coleta de documentos e gerir criticamente novos

¹³³ Tem como exemplo de historiadores, ocupando o espaço digital e produzindo outras narrativas, entre outros o canal no *YouTube*, LeituraobrigaHistória <https://www.youtube.com/channel/UCtMjnvODdK1Gwy8psW3dzrg>, acesso em 08/01/2018;

¹³⁴ NOIRET, Serge História Pública Digital Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.1, nº.1, p. 28-51, maio 2015 <http://www.ibict.br/liinc> doi:<http://dx.doi.org/0.8225/liinc.V1i1.797>. p.33

arquivos "inventados" - que não existiam, isto é, fisicamente-, trazidos para a rede graças às contribuições de todos..."¹³⁵

Em vista da necessidade de estar presente neste novo espaço de produção e circulação de conhecimento, o Quinhoar procura ocupar uma parte minúscula dentro do grande oceano de dados e metadados, mas com a perspectiva de dar exatamente o seu quinhão, a sua parte, dentro de um cenário digital onde estão presentes diversos interesses e muitos projetos de sociedade, os quais podem ser até conflitantes. Portanto, pretende-se criar narrativas inclusivas, democráticas, um contraponto, calcado na pesquisa histórica, às visões extremistas, excludentes e preconceituosas que circulam nas redes sociais e, de maneira geral, na web, como por exemplo, o *Metapedia*,¹³⁶ que é um sítio da extrema direita, com o intento de rever o conhecimento histórico e oferecê-lo ao grande público.

É claro que tal proposta parte de uma possibilidade micro de transformação, devido às necessidades de conhecimentos de computação gráfica, que não serão totalmente alcançadas. Uma vez que se trata de amplo campo de conhecimento, e por ainda estar em uma fase muito inicial de produção, precisando de tempo para que a circularidade de informações sobre o próprio canal ocorra. Porém, apresenta o potencial para promover debates e versões mais coerentes dos fatos históricos. Além de promover conhecimento e participações ativas e democráticas no pequeno espaço escolar, para o qual ele foi idealizado.

Dentro dos propósitos traçados acima, Quinhoar pretende trabalhar com a perspectiva teórica que os professores, de maneira geral, podem ser intelectuais orgânicos e transformadores, dentro da concepção teórica de Gramsci e Henri Giroux¹³⁷. Por serem intelectuais podem e devem ocupar a web para promover a ampliação de conhecimentos.

¹³⁵ Idem p. 37

¹³⁶ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Escritos Sobre História e Internet*. Editora Multifoca Rio de Janeiro 2011. http://pt.metapedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal, acesso em 09/0/2018,

¹³⁷ GIROUX, Henry A. ____ *Professores como intelectuais Transformadores* In.: Os professores como intelectuais. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Artmed, 1997.

Acompanhamos, nesse sentido, o esforço pioneiro de Antônio Gramsci em compreendê-lo enquanto sujeito, cujas ações estão relacionadas ao mundo no qual está inscrito: economia, valores, cultura, política. O deslocamento do intelectual de uma posição isolado para uma imersão no cotidiano, com função social, o torna mais humano e sujeito histórico.¹³⁸

Dentro da perspectiva acima, um intelectual não pode estar dissociado do dia a dia, não são seres isolados das transformações sociais e, por isso mesmo, estão aptos a realizarem associações pertinentes para a compreensão social. Henri Giroux avança no pensamento de Gramsci ao afirmar que não precisamos apenas criar, mas sim democratizar. Nesse aspecto, os professores têm uma enorme potencialidade de ampliar a democratização do conhecimento, seja durante as suas aulas, ou em vídeo aulas realizadas na web, dentro dos mais variados formatos. Para desenvolver tal atuação é imprescindível, de acordo com Fernando de Araújo Penna e Rodrigo de Almeida Ferreira,¹³⁹ a reflexão crítica, teórica e conceitual sobre o saber e a atuação do intelectual enquanto agente público.

Logo, para desenvolver uma atividade intelectual você deve estar dentro do processo, vivenciando e buscando conhecer a realidade, que é exatamente o que os professores realizam em suas aulas e o que o canal Quinhoar almeja pôr em execução, ao entrar no universo digital e ocupar praticamente parte desse universo, ao utilizar o compartilhamento e a circularidade para gerar debates democráticos. Portanto, Quinhoar é um meio de promover a atuação intelectual de professores na internet e gerar uma possibilidade de transformação social, ao utilizar um novo modelo de comunicação para desenvolver e aprofundar a relação entre professor e aluno. Tal modelo de comunicação apresenta uma linguagem mais acessível, mas nem por isso reducionista.

¹³⁸ PENNA, Fernando de Araújo, FERREIRA, Rodrigo de Almeida. O trabalho Intelectual do professor de História e a construção da educação democrática: Práticas de história pública frente a BNCC e ao Esp., Mimeo, 2018.

¹³⁹ Ibidem.

O uso de linguagem mais acessível não deve ser confundido como reducionismo ou banalização do saber: embora seja um risco. O trabalho intelectual, mediado pela crítica, deve contribuir para superação do senso comum. A apresentação e explicação do saber favorecem a criticidade do conhecimento corrente.¹⁴⁰

Todo o esforço em criar uma linguagem acessível vem de encontro com a tentativa de criar possibilidades de transformação social. Pois, o trabalho do professor não está sendo visto como uma simples reprodução de habilidades e informações técnicas. Os trabalhos dos docentes não partem de uma concepção neutra, mas estão associados a concepções teóricas, interesses políticos e ideológicos que circulam na sociedade e, também, na internet. Portanto, a visão do professor enquanto intelectual transformador é fundamental para o desenvolvimento do canal no *YouTube* e, também, para entender os seus objetivos finais, os quais estão associados com o interesse de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico.

" Tornar o pedagógico mais político significa inserir a escolarização diretamente na esfera política, argumentando-se que as escolas representam tanto um esforço para definir-se o significado quanto uma luta em torno das relações de poder. Dentro desta perspectiva, a reflexão e ação críticas tornam-se parte do projeto social fundamental de ajudar os estudantes a desenvolverem uma fé profunda e duradoura na luta para superar injustiças econômicas, políticas e sociais, e humanizarem-se ainda mais como parte desta luta. () Tornar o político mais pedagógico significa utilizar formas de pedagogia que incorporem interesses políticos que tenham natureza emancipadora; isto é, utilizar formas de pedagogia que tratem os estudantes como agentes críticos."¹⁴¹

¹⁴⁰ Idem p. 5;

¹⁴¹ GIROUX, Henry A. ____ Professores *como intelectuais Transformadores* In.: Os professores como intelectuais. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Artmed, 1997. p. 163.

Como consequência dessas novas relações entre o político e o pedagógico, temos como horizonte de expectativas a construção de uma narrativa mais democrática, plural, comprometida com os ideais de inclusão social e com a crítica à estrutura capitalista hegemônica. Nesse sentido, a aproximação entre alunos e professores, gerada pela história pública digital permite, através dos comentários, escutar a voz dos estudantes, suas experiências, críticas e, assim, construirmos conhecimento juntos, dialeticamente.

Dentro desse contexto, o currículo para as vídeoaulas, não se mostrará de maneira fixa e rígida e também não será totalmente elaborado a priori, até porque a demanda e os interesses do público também serão ouvidos para a produção dos demais temas de aulas. Todavia, a elaboração teórica seguirá como norte as reflexões desenvolvidas por Circe Bittencourt,¹⁴² Tomaz Tadeu,¹⁴³ Antonio Flávio Barbosa Moreira,¹⁴⁴ Carmen Teresa Gabriel,¹⁴⁵ Cinthia Monteiro de Araújo,¹⁴⁶ Jarbas Santos Vieira,¹⁴⁷ os quais apresentam uma ampla discussão sobre currículo, suas teorias, conflitos e interesses políticos. Debate este que extrapola os limites desse trabalho, mas estará norteando a produção dos vídeos.

Nesse sentido, as aulas apontarão para um currículo constituído e constituinte de múltiplas narrativas sobre o passado, às quais são produzidas no presente, e que criam e recriam representações subjetividades e, também, relações de poder. Pois, compreendemos que todo currículo é uma disputa de projetos que vai muito além daquilo que está simplesmente escrito em uma lista de conteúdo a serem dados, mas é composta de múltiplas partes, como por exemplo, o currículo formal, o real, o oculto, o avaliado e ainda analisado a partir de diversas teorias.

¹⁴² BITTENCOURT, C. *História nas propostas curriculares atuais*. In.: BITTENCOURT, Circe. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004;

¹⁴³ SILVA, Tomaz Tadeu. *Currículo e Identidade social: territórios contestados*. In.: Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, Ed. Vozes, 1995.

¹⁴⁴ MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. O campo do currículo no Brasil: os anos noventa. Currículo sem fronteiras, v.1, n.1. p. 35-49, jan/jun. 2001; disponível <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss1articles/moreira.pdf>

¹⁴⁵ LE RAVALLEC, Carmen Teresa Gabriel. *O outro como elemento incontornável na produção do conhecimento histórico*. In.: MONTEIRO, A. M. e PEREIRA, A. (org.). Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas. Rio de Janeiro, Pallas, 2013;

¹⁴⁶ ARAÚJO, Cinthia Monteiro de. *Por outras histórias possíveis: Construindo uma alternativa à tradição moderna*. In.: MONTEIRO, A. M.; GABRIEL, C. T.; ARAUJO, C. M.; COSTA, W. (orgs.) Pesquisa em Ensino de História. Entre desafios epistemológicos e apostas políticas. Rio de Janeiro, Mauad X, 2014.

¹⁴⁷ Vieira, J. Política educacional, currículo e controle disciplinar (implicações sobre o trabalho docente e a identidade do professorado) Currículo sem Fronteiras, v.2, n.2, p. 111-136, jul/dez 2002 Disponível: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol2iss2articles/jarbas.pdf>;

Logo, o currículo não é neutro, assim como a história, ele está comprometido com um determinado projeto de sociedade, com uma identidade do sujeito ou com a história que se deseja resgatar ou inculcar.

Quinhoar está comprometido com a possibilidade de permitir a existência de diversas memórias e histórias, que podem ser apropriadas por diversas classes, gêneros e grupos étnicos. E, por isso, não é possível ter um currículo fixo, atemporal, pois, o mesmo apresenta todas as contradições e projetos em disputa de uma sociedade capitalista, dependente economicamente e extremamente desigual como a nossa.

Todavia, isso não significa que um planejamento, calcado nos conceitos de currículo anunciados pelos historiadores acima, não será feito. O currículo que norteará o Quinhoar será definido considerando a possibilidade de sempre ser repensado e renovado, atentando para o fato de que o verdadeiro poder de transformação ou de permanência está na habilidade de identificar a constituição do próprio conhecimento e a sua contribuição para a consolidação de uma determinada visão ou projeto. Nesse trabalho, especificamente, a produção de conhecimento ocorre através da história e esta será abordada em uma perspectiva de inclusão e transformação social ou de resistência à ordem capitalista hegemônica.

Os temas selecionados a partir das concepções acima de currículo serão ensinados a partir de um processo de didatização ou mediação cultural, de acordo com a historiadora Ana Maria Monteiro:¹⁴⁸

"...Esse processo de didatização é processo de mediação cultural pelo qual sentidos são produzidos com base em nos significados nos significados que os docentes atribuem aos saberes ensinados em suas explicações e que buscam controlar mediante as avaliações exigidas pelos sistemas educacionais..."¹⁴⁹

¹⁴⁸ MONTEIRO, Ana Maria Formação de professores entre demandas e projetos Revista História Hoje vol.2, nº3 2013;

¹⁴⁹ Idem p. 30

Nessa lógica de compreensão, não basta apenas ter o conhecimento do objeto de ensino, pois é preciso ter domínio teórico-metodológico dos modos de produção daquilo que se deseja ensinar e, ainda, das formas de transformá-lo em uma narrativa compreensível para os alunos. Pois, dentro dessa perspectiva, o conhecimento histórico escolar não ficará retido na escola e poderá servir para um agir no mundo, dentro de uma perspectiva crítica capaz de subverter ordens opressoras, resistir e questionar discriminações.

Diante destas necessidades e objetivos, o professor precisa ter um vasto repertório de atividades que possa realizar com alunos de origens sociais e experiências diferenciadas. Tendo em mente que dentro desse processo enfrentará resistências, preconceitos e verdades estabelecidas e absolutas, mas que apesar dos obstáculos enfrentados, a relação constituída entre os alunos e os professores é fundamental para o processo de mediação.

".... Os professores que atuam na educação básica não estão ali produzindo conhecimento novo a ser validado pelos seus pares com base na utilização correta e adequada de referenciais teórico-metodológicos. No contexto escolar, realizam um trabalho de articulação entre saberes oriundos da produção científica e saberes dos alunos, seus próprios saberes e aqueles que circulam na sociedade, de modo a tornar possível sua compreensão, ou seja, uma reelaboração de forma que os sentidos atribuídos pelos alunos - e que dependem dos sentidos atribuídos pelos professores ao saber ensinado - se aproximem dos significados validados. Esse processo denominado transposição didática."¹⁵⁰

É claro que este não é um processo fácil, pois não, se trata de simplesmente apresentar para o público um conhecimento acadêmico tal como ele é. É preciso ter uma produção desse conhecimento de forma diferenciada, para que o mesmo possa fazer sentido para os mais variados públicos. E, como os públicos variam, a elaboração desse conteúdo também

¹⁵⁰ Idem p. 30 p. 32;

muda constantemente. Ao longo dessa relação fronteira que ocorre entre aluno, professor e conhecimento acadêmico, alguns riscos prejudiciais ao conhecimento podem ocorrer, como, por exemplo, reducionismo, generalizações, anacronismos, todavia eles devem ser enfrentados em um constante processo de superação por meio de estudos e pesquisa, com auxílio do professor.

"...Defendo, então, que a didatização é processo de mediação cultural ou simbólica, pois sua realização implica a relação entre diferentes sujeitos e saberes e a possibilidade de atribuição de sentidos no fazer curricular, tanto pelos docentes como pelos alunos..."¹⁵¹

A partir dos conceitos acima, o canal Quinhoar pretende realizar a didatização ou a mediação cultural a partir das possibilidades e limites da história pública digital utilizando os recursos digitais como uma importante ferramenta de comunicação e na relação entre professores, alunos e conhecimento acadêmico. Sinalizando que a cibercultura presente no dia a dia dessa nova geração de estudantes constitui um importante espaço-tempo de fronteira para a constituição do saber. Por isso, a própria produção do Quinhoar foi colocada nesse espaço e convocou diversos públicos para a sua gênese desde as ideias iniciais.

Dentro desse aspecto é possível perceber a participação ativa de diversos estudantes na produção do canal, através das mais variadas formas, os quais chamaram atenção para diferentes critérios, interesses e detalhes que estavam despercebidos. Tal participação vem ocorrendo por meio de um vídeo teste que inaugurou o canal e por pedidos de participação, feitos pessoalmente para professores, inspetores, alunos do sexto, sétimo, oitavo, nono e ensino médio. Muitos alunos se interessaram e deram instigantes contribuições para o desenvolvimento do canal por meio dos comentários, situados abaixo do vídeo teste. Comentários estes que serão expostos a seguir com algumas interpretações e relatos de suas consequências dentro

¹⁵¹ Idem p. 33

das salas de aulas. É importante salientar que tais comentários estão sendo entendidos como documentos primários digitais.¹⁵²

O vídeo teste¹⁵³ foi postado em setembro de 2017 e até o presente possui 547 visualizações com 132 comentários. O vídeo teve em torno de cinco minutos de conteúdo divulgados e foi filmado pela câmera do celular, sem muitos recursos, com uma edição bem simples. Basicamente foi postado na forma que foi gravado. Abordou os conceitos de politeísmo, monoteísmo e a intolerância religiosa com religiões de matrizes afrodescendentes. Tal vídeo também foi exposto no processo de qualificação dessa pesquisa, e recebeu importantes contribuições que nortearam e nortearão os demais vídeos.

Além disso, na caixa de comentário, referente ao vídeo, é possível ver o pedido para a participação no desenvolvimento do canal e a vinculação do mesmo com o projeto de pesquisa.

POLITEÍSMO E MONOTEÍSMO

547 visualizações

 97  4  COMP



QUINHOAR Ensino de História

Publicado em 3 de set de 2017

TESTE PARA O CANAL QUINHOAR ENSINO DE HISTÓRIA. AINDA SENDO ELABORADO PELO MESTRADO PROFISSIONAL, PROFHIST 2016/2017. Aqueles que assistirem o vídeo, e desejarem, façam abaixo as críticas que acharem mais relevantes. Sintam-se a vontade para criticar o conteúdo e o formato. Escrevam os temas de história que gostariam de assistir nos vídeos, assim como as abordagens. Não esqueçam de indicar livros, links ou outras indicações que possam me ajudar na elaboração do canal. Muito obrigada.

Categoria **Pessoas e blogs**

Licença **Licença padrão do YouTube**

¹⁵² ALMEIDA, Fábio Chang de. *O Historiador e as Fontes digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas*. AEDOS, vol. 3, n. 8, 4 novembro 2011, pp. 9-30. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>>. Acesso em: 18 fev. 2013;

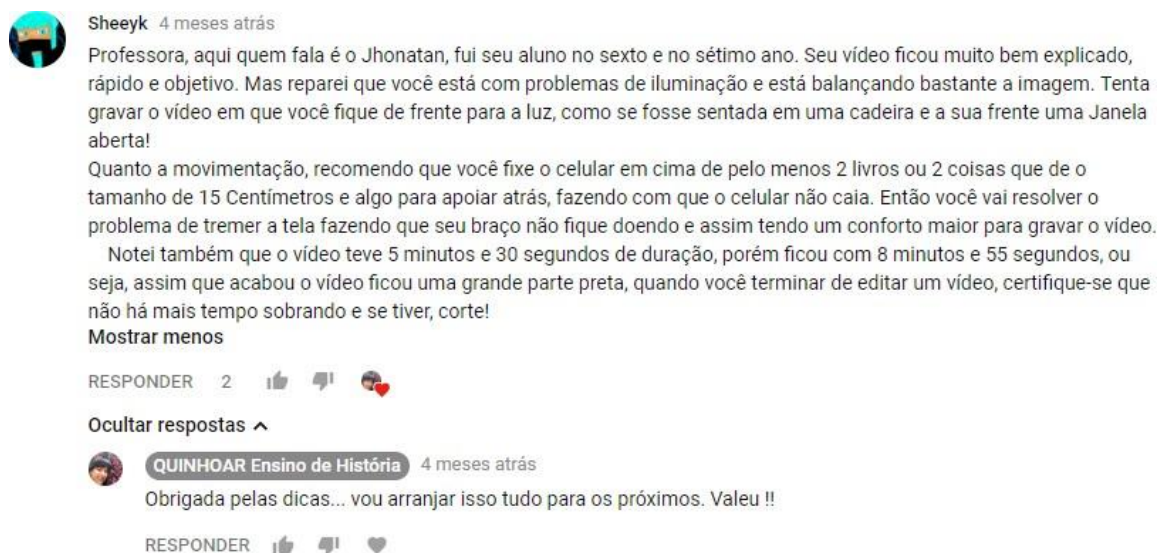
¹⁵³ https://www.youtube.com/watch?v=_-UKRZk-iuc&t=9s acesso em 12/01/2018;

Como foi exposto, desde o início o canal se preocupou em permitir uma ampla participação em todos os aspectos possíveis para a construção do mesmo. Tal característica está intimamente relacionada com a autoria compartilhada na história pública e na produção do canal.

Nesse aspecto, os diversos comentários promoveram um importante canal de relacionamento e de troca. Por meios dos mais variados comentários foi possível perceber quais eram os temas de interesse, o formato de vídeo que mais agradava, e principalmente reforçar o relacionamento professor e aluno. Veja abaixo alguns comentários.

- **Aperfeiçoamento técnico e visual**

Entre os comentários podemos destacar aqueles que se preocuparam com a parte mais técnica e visual, algo que é muito característico dessa nova geração de alunos.






Sheeyk 4 meses atrás

Professora, aqui quem fala é o Jhonatan, fui seu aluno no sexto e no sétimo ano. Seu vídeo ficou muito bem explicado, rápido e objetivo. Mas reparei que você está com problemas de iluminação e está balançando bastante a imagem. Tenta gravar o vídeo em que você fique de frente para a luz, como se fosse sentada em uma cadeira e a sua frente uma Janela aberta!

Quanto a movimentação, recomendo que você fixe o celular em cima de pelo menos 2 livros ou 2 coisas que de o tamanho de 15 Centímetros e algo para apoiar atrás, fazendo com que o celular não caia. Então você vai resolver o problema de tremer a tela fazendo que seu braço não fique doendo e assim tendo um conforto maior para gravar o vídeo.

Notei também que o vídeo teve 5 minutos e 30 segundos de duração, porém ficou com 8 minutos e 55 segundos, ou seja, assim que acabou o vídeo ficou uma grande parte preta, quando você terminar de editar um vídeo, certifique-se que não há mais tempo sobrando e se tiver, corte!




Mostrar menos

RESPONDER 2   

Ocultar respostas ^

QUINHOAR Ensino de História 4 meses atrás

Obrigada pelas dicas... vou arranjar isso tudo para os próximos. Valeu !!

RESPONDER   

O aluno ofereceu sugestões importantes para a o público alvo do canal, cujos problemas devem ser corrigidos nos próximos vídeos, pois o visual e seus recursos são partes importantes das narrativas produzidas no formato digital, e são critérios exigidos pelos mesmos. Além dos critérios visuais, há demanda por vídeos rápidos e mais didáticos. O próprio aluno possui um canal sobre games no *YouTube*.

As exigências por um vídeo com mais recursos técnicos e uma edição melhor continuaram nos seguintes comentários.



Regina Célia 4 meses atrás

Ótimo vídeo! Explicação objetiva e tudo mais. Porém, pode por um tripé também ou senão tiver colocar o celular apoiado em alguma coisa. Vídeo top d+!!!

RESPONDER 1

Ocultar respostas ^



QUINHOAR Ensino de História 4 meses atrás (editado)

Obrigada.... irei arrumar melhor o material técnico.

RESPONDER



IS Rocha 3 meses atrás

Gostei muito do vídeo, bem elaborado, com explicação simples e direta. Com ilustrações e comentários bem elaborado. Porém a edição tem q melhorar, pois no final ficou um espaço enorme sem nada. o tempo poderia ficar entre 5 min ficaria perfeito. O lugar q gravou ficou bom, mas pode melhor. Escolha lugares alternativos para ficar um vídeo atraente e descontraído.

RESPONDER

Ocultar respostas ^



QUINHOAR Ensino de História 3 meses atrás

Anotado. Obrigada



Nathan Lima 4 meses atrás

Vc só podia cortar o final que ficou tudo escuro sem nada

RESPONDER

Ocultar respostas ^



QUINHOAR Ensino de História 4 meses atrás

Pode deixar vou caprichar mais na edição.



Marcella Albaine 3 meses atrás

Olá, Raquel. Conforme pedido, vi aqui. Eu acho que a câmera tremendo é um negócio que incomoda bastante. A bibliografia ao final passa MT rápido, não consegui ler. No final do vídeo a tela fica preta durante um tempão. Revendo essas coisas técnicas, tem tudo para dar certo. Sucesso!

RESPONDER

Ocultar respostas ^



QUINHOAR Ensino de História 3 meses atrás

Obrigada, vou melhorar isso.



Katia Rocha 4 meses atrás

Adorei a aula sobre Politeísmo e Monoteísmo. Clara e objetiva. As gravuras mostradas no decorrer da explicação tornaram a explicação mais clara. Gostaria que sugerir que levasse convidados.

RESPONDER

Ocultar respostas



QUINHOAR Ensino de História 4 meses atrás

Obrigada... em breve quando o canal estiver mais estruturado pretendo partir para esse caminho. Anotado.

RESPONDER



Michelle Candea 3 meses atrás

Raquelzinha o vídeo está mto legal! Tenho algumas criticas: sugiro você conseguir alguém para filmar e assim você conseguiria ficar mais centralizada no vídeo...melhorando a sua posição para apresentação ! A outra sugestão é e deixar as legendas para o final do vídeo...tipo um resumo da aula...pois durante a apresentação elas tiram o foco de sua explicação! Tbm sugiro uma sonorização mais leve...que não atrapalhe a captação do conteúdo! Espero ter contribuído! Caminho de sucesso garantido!

Bjos Michelle

Mostrar menos

RESPONDER



QUINHOAR Ensino de História 2 segundos atrás

Obrigada, ficarei mais atenta para isso.

RESPONDER



Tatiane Barbosa 4 meses atrás (editado)

Adorei o vídeo! Seria legal um trabalho de edição para cortar a parte após o término da sua fala, pq, qd comecei, achei que o vídeo fosse grande e não é! O que é ótimo pq o legal é elaborar vídeos concisos e objetivos, mas que passam informação. Arrasou!

RESPONDER

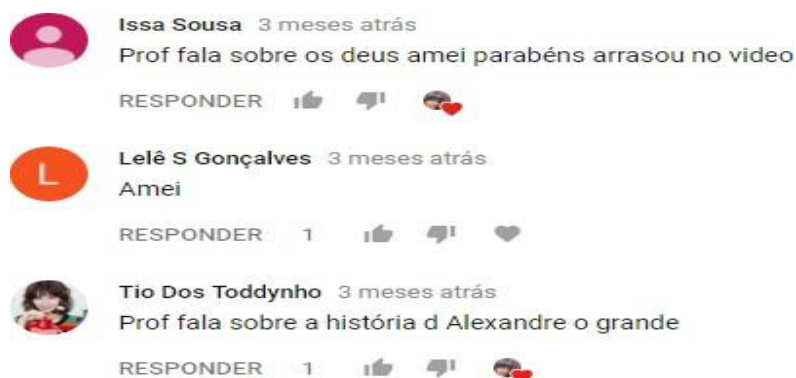


Adicione uma resposta pública...


Todos os comentários acima tem em comum a preocupação com relação à forma e com o visual, demonstrando que não apenas o conteúdo em si é importante, mas também os recursos técnicos da edição, a presença de imagens, sons, texto e outras ferramentas digitais, como os *gifs*,¹⁵⁴ que podem contribuir para a construção de uma narrativa histórica e para a sua melhor compreensão. Tal desejo já está presente nos alunos, mas também em diversas pessoas que assistiram ao vídeo. Em comum elas observaram a necessidade de melhorar o formato, a estética do mesmo. Isso demonstra a importância que as ferramentas digitais e a história pública podem ter na construção do conhecimento, pois abrem um importante canal de diálogo e circularidade de informações, as quais já estão presentes em determinados grupos da sociedade.

- **Sugestões de temas históricos;**


A circularidade das informações e conhecimentos históricos fica mais nítida com os comentários abaixo, os quais sinalizam para a existência de um desejo por saber mais sobre assuntos históricos, que de alguma forma circulam na sociedade.



¹⁵⁴ "Um tipo particular de *GIF* bastante conhecido é o chamado *GIF* animado. Ele na verdade é composto de várias imagens do formato *GIF*, compactadas em um só arquivo. Essa variante é utilizada para compactar objetos em jogos eletrônicos, para usar como emoticon em mensageiros instantâneos e para enfeitar sites na Internet." Edivaldo Brito In.: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html> acesso 12/01/2018;


 Professora adoreiiii , no próximo vídeo faz sobre os deuses gregos bjsss 😊

RESPONDER 2   


 Duda Cerqueira 3 meses atrás
Faz sobre a mitologia grega

RESPONDER 2   

Ocultar respostas ^


 **QUINHOAR Ensino de História** 3 meses atrás
Anotado. obrigada

RESPONDER   


 adrielle Pereira 3 meses atrás
professora fala sobre Zeus tchau adorei seu videoo

RESPONDER 1   

Ocultar respostas ^

 **QUINHOAR Ensino de História** 3 meses atrás
Anotado. Falarei.


RESPONDER   

 Teteus Gamer 3 meses atrás
Professora vaz um video contando mais sobre os colizeus(sla como escreve

RESPONDER   

 Cleyton Nascimento 3 meses atrás
Professora ótimo vídeo,mas fala tbm sobre Deuses gregos😊😊👏👏

RESPONDER   

 thays Arizôa 3 meses atrás
Professora fala de zues Deus

RESPONDER 2   

Ocultar respostas ^

 **QUINHOAR Ensino de História** 3 meses atrás
ok. Obrigada.

RESPONDER   



erislene vieira 3 meses atrás

Professora fala sobre mitologia grega .amei seu video .

RESPONDER   

Ocultar respostas ^



QUINHOAR Ensino de História 3 meses atrás

Anotado.

RESPONDER   



Alex Souza 3 meses atrás

Oi Raquel , meu nome é iasmim ,estudo no hilton gama e já fui sua aluna no sexto e no sétimo ano e eu queria saber se a senhora podia relatar a matéria do Egito

RESPONDER   

Ocultar respostas ^



Alex Souza 3 meses atrás

Gostei ,muito bem explicado só que podia melhorar a câmera que está tremendo muito

RESPONDER   



QUINHOAR Ensino de História 3 meses atrás

Obrigada, vou providenciar

RESPONDER 1   

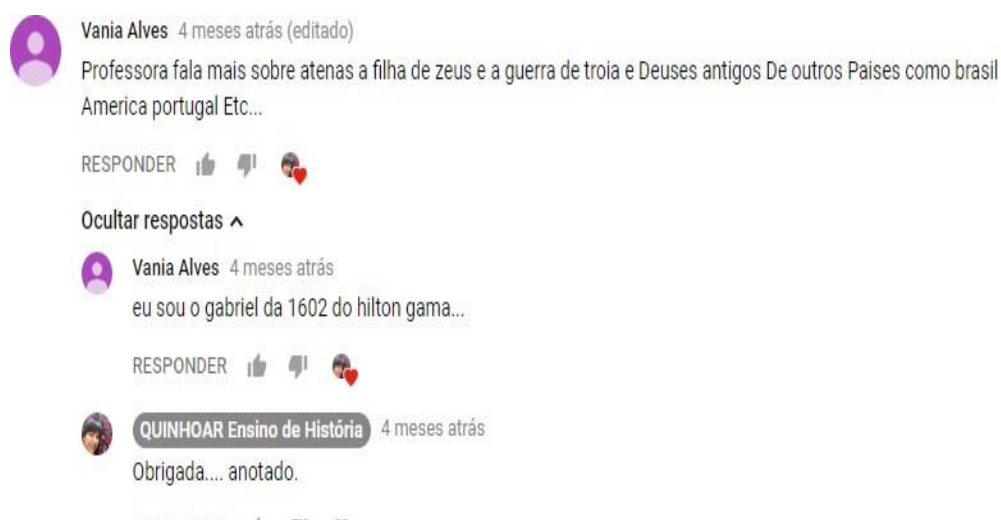


QUINHOAR Ensino de História 3 meses atrás

Anotado.

- **Mitologias de outros povos;**

Nos comentários abaixo é possível perceber um interesse por mitologias de outros locais, como as lendas brasileiras e figuras mitológicas da América, às quais não são abordadas, pelos currículos tradicionais.



Os comentários acima destacam a necessidade de conhecer mais a história antiga. Dentro desse contexto, muitos dos alunos vieram até mim, informando que tinham encontrado o canal e feito comentários sobre o que acharam, de acordo com o que eu havia pedido em todas as minhas turmas.¹⁵⁵ Devido a essa participação mais direta eu conseguir identificar a participação ativa de muitos alunos do sexto ano, os quais estavam estudando matérias dentro da cronologia da história antiga e aproveitaram a possibilidade de comunicação para pedir mais informações, principalmente sobre mitologia grega. Aliás, esse assunto é muito comentado em sala de aula, em parte pela presença das figuras mitológicas em séries, filmes, jogos que os

¹⁵⁵ Durante o ano de 2017 trabalhei com turmas do sexto, sétimo, nono, primeiro, segundo e terceiro ano do Médio. Sou professora do estado e do município do Rio de Janeiro. E em todas as minhas turmas, as quais se localizam na região da Pavuna/ RJ e Coelho da Rocha/ São João de Meriti, eu divulguei o canal e pedi participação em sua produção.

alunos do sexto ano têm acesso e também pela própria seleção de conteúdo para a série, que tradicionalmente inicia-se pela antiguidade.

O interesse e a participação dos alunos do sexto ano foi uma bela surpresa, pois o público alvo do canal eram os alunos do Ensino Médio, com uma temática e abordagens voltadas para eles. Todavia, não podemos afirmar com exatidão que todos os comentários eram do sexto ano, pois devido às próprias características da história pública digital, não é possível saber com certeza a identidade dos comentaristas. Muitos alunos utilizaram perfis de seus pais, de seus colegas e *fakes* para participarem do canal. Todavia, acredito que tal dificuldade não invalida os resultados da pesquisa, pois os mesmos estão calcados nos interesses circulantes por história na sociedade e suas consequências para a produção do conhecimento e não na identificação da autoria em si. Além disso, a participação dos alunos do sexto ano, em sala de aula, comentando entre si e com a professora, foi um indício que eles se interessaram bastante pelo canal.

Nessa perspectiva é interessante afirmar que o canal, mesmo sendo criado fora do espaço escolar, se fez presente com os comentários, exigências por mais vídeos, críticas de colegas, alunos e ex-alunos que tomaram conhecimento do canal e participaram de alguma forma.

- **Aprofundamentos de temas históricos;**

Porém, nem todos os pedidos de temas foram sobre a Antiguidade, é possível perceber a circularidade de outras temáticas no dia a dia dos alunos com pedidos de temas pouco trabalhados nos currículos tradicionais. Entre eles podemos destacar os seguintes:



Gabriel Oliveira 1 semana atrás (editado)

Uma das professora que fez um ativista como não amar? Fale sobre as revoluções Industriais e comunismoXcapitalismo

RESPONDER   

Ocultar respostas ^



QUINHOAR Ensino de História 6 dias atrás

Obrigada. Você é especial bjs



rosangela toledo 3 meses atrás

Gostei muito do vídeo abordar conceitos. Parabéns!

RESPONDER   



Ana Santos 3 meses atrás

Ficou ótimo professora! Fala sobre a guerra da Síria.

RESPONDER   



Ray divert 3 meses atrás

Amei prof

RESPONDER   



João Lucas nascimento villas boas 3 meses atrás

Faz sobre aquele grupo nazista o klu klus klan

RESPONDER   



Lívia Tagarelinha 3 meses atrás

Gostei!!!!!!! Seria possível mostrar alguns conteúdos em músicas ou HQ?



kaylane santos 4 meses atrás

Professora grava um vídeo falando sobre metodologia!

RESPONDER   

Ocultar respostas ^



QUINHOAR Ensino de História 3 meses atrás

Farei.

Nesses comentários é possível perceber uma série de temas bem abrangentes a variados, como Brasil colonial, a monarquia, o movimento feminista, os movimentos nazistas, como a Ku Klux Klan. A ideologia comunista, o socialismo, o capitalismo, assuntos atuais como a guerra na Síria, conceitos diversos e metodologia do fazer historiográfico. E ainda manifestam interesses pela visão de mundo do produtor dos vídeos. Além de diversas outras abordagens, como a utilização de música e HQs. Muitas opções de narrativas e temas sugeridos pelos alunos e demais pessoas que se interessaram pelo canal, sinalizando que existe um grande interesse pela história, mas principalmente por narrativas e temas que fogem dos currículos tradicionais da sala de aula.

Por isso, o currículo do canal, mesmo tendo um tema inicial que norteará os primeiros vídeos,¹⁵⁶ também será sensível à própria demanda do público que já no vídeo teste sinalizou para diversos assuntos que por si só dariam muitas aulas e abordagens variadas, apesar de ser uma pequena amostra dos interesses dos alunos.

- **Posicionamentos e novas abordagens sobre o tema exposto no Vídeo;**

Além desses comentários e suas sugestões de aulas cabe-nos destacar comentários referentes ao conteúdo, propriamente, do vídeo. Ou seja, pessoas que mostraram sua opinião sobre politeísmo, monoteísmo e as religiões africanas. Nessa lógica se destacaram os seguintes comentários.



Daisy Santiago Nery 4 semanas atrás

Você deixou bem claro o conteúdo apresentado. O respeito as religiões foi marcante, também concordo que apesar das diversidades , cada um tem o direito de seguir a religião escolhida.

RESPONDER   

¹⁵⁶ Os temas selecionados para os primeiros vídeos abordam a Escravidão no Brasil e serão trabalhados especificamente no capítulo 3 desta pesquisa.



Andresa Gouveia 4 meses atrás

Quanto ao conteúdo da aula, apesar de ser monoteísta tb concordo que ninguém deve sofrer perseguição por conta da sua fé. Exatamente porque a minha crença diz que todos os seres humanos são dotados de livre arbítrio para escolherem conforme lhes convém e tb que devem ser amados independente de suas escolhas. Ao nos chamar à reflexão, vc falou sobre a perseguição sofrida pelos judeus por sua fé monoteísta, assim como a perseguição que adeptos de religiões politeístas vêm sofrendo atualmente. Apesar de saber que essa é uma realidade, já que esse é um canal interativo, gostaria de trazer à luz o fato de que ainda hoje religiões monoteístas também sofrem preconceito e perseguição por sua forma de acreditar. Não apenas em países onde não se tem liberdade religiosa, mas tb em países "livres" como o nosso. Penso que esse questionamento torna a nossa reflexão menos tendenciosa, no sentido de expor que tanto politeístas como monoteístas sofrem perseguição e preconceito por sua maneira de crer, ainda hoje.

Mostrar menos

RESPONDER   

Ocultar respostas ^



QUINHOAR Ensino de História 4 meses atrás

Obrigada pelos comentários, a ideia é elaborar séries didáticas sobre diversos temas e dentro das mesmas mencionar diferentes prismas, como o que você mencionou. Anotei a sugestão para os próximos vídeos, obrigada.



AndreTV3103 André Teixeira 4 meses atrás

Muito bacana a aula! Precisamos mesmo aprender a respeitar as diferenças existentes em nossa sociedade. Professora em uma outra oportunidade fale sobre o Holocausto dos Judeus. Parabéns pelo canal!

RESPONDER   



Luiz Carlos Ramos Cruz 4 meses atrás

Poderiam ter incluído uma abordagem ao ateísmo.

RESPONDER   

Estes comentários apresentaram outras formas de se observar o debate em torno das perseguições religiosas, deixando claro suas opiniões e sugeriram temas complementares ao vídeo teste.

- **Sugestões para utilizar outras mídias digitais**

Observamos também sugestões de outras mídias digitais como grupo whatsapp, mas, não será contemplado neste trabalho.



- **Posicionamentos mais agressivos;**

Destacou-se, ainda, um comentário específico que foi visto pelos alunos e mencionado em quase todas as minhas turmas. Devido à intensidade de suas palavras o comentário gerou uma série de debates interessantes.



Genji Gamer 3 meses atrás

q merda de video

RESPONDER   

Ocultar respostas ^



Mais uma pessoa aleatória 3 meses atrás

Que isso jovem

O comentário acima foi visto como inadequado, principalmente no sexto ano, mas foi mencionado em outras séries, e acabou promovendo alguns debates, em sala, sobre o *ciberbullying*, outras violências que ocorrem na Internet e a necessidade de ética para nortear os escritos na web. E também como uma importante oportunidade para ensinar que atitudes como estas não ajudam de forma construtiva, por isso, os alunos que viram não deveriam responder da mesma forma. Pois, comentários baseados em xingamentos e brigas entre eles não ajudariam no desenvolvimento do canal, até porque o mesmo estava inserido no campo educacional. Todavia, o comentário possibilitou discutir crimes raciais e atitudes extremamente preconceituosas que ocorrem no mundo virtual, assim como também algumas medidas de proteção dos mesmos.

Aliás, os comportamentos agressivos são uma realidade constante na Internet, o que mais uma vez mostra muita intolerância com relação ao outro e também a necessidade de professores ocuparem a web com o objetivo de contribuir para que valores humanísticos possam fazer parte desse ambiente virtual, promovendo debates respeitosos e baseados em argumentos apurados. Nesses aspectos, os historiadores Kylde Batista Vicente e Fábio d`Abadia de Sousa nos chamam atenção para ocuparmos e ensinarmos na e pela web.

" (...). Não há nenhum segredo em ensinar a ser humano no mundo virtual. Basta ensinarmos como é ser humano no mundo real. (...) é possível que ti-









véssemos incorporado alguns valores de ética, cortesia e etiqueta que são essenciais para a convivência civilizada no mundo real. Uma prova de que esses valores civilizatórios ainda não chegaram à internet é maneira incrivelmente grosseira com que geralmente as pessoas se tratam quando têm opiniões diferentes sobre determinado assunto. Os xingamentos com palavras de baixíssimos calão com que um se refere ao outro provam que a discordância no mundo virtual ativa o mais selvagem dos nossos lados; o desejo de aniquilar o diferente. A tolerância e o respeito às diferenças precisam, com urgência, fazer parte da Internet. É aí, principalmente, que nós, professores, entramos.(...)" ¹⁵⁷

- **Comentários incentivadores;**

E por último, mas não menos importantes existiram diversos comentários encorajadores que por si só sinalizam para a importante relação entre alunos e docentes, e como ela intensifica ou fragiliza o processo educacional. Entre estes vídeos os destaques são:

 **Saabrina Santos** 3 meses atrás
Vc arrosouuuuu melhorando a cada dia ne tia tiamo
RESPONDER   

 **Ray divert** 3 meses atrás
Amei prof
RESPONDER   

 **TETEUZINHO** 4 meses atrás
O video ficou otimo    
RESPONDER   

¹⁵⁷ VICENTE, Kyldes Batista Vicente; SOUSA, Fábio d' Abadia. Precisa-se de professores para a terra de ninguém In.: Revista Observatório vol 3, n. 5. Agosto. 2017 p. 453;



Daniel de Almeida 3 meses atrás

Excelente canal com difusão de ideias que atendem a todos, de igual modo, com clareza e precisão. Parabéns, professora Raquel Elison!

RESPONDER



Certamente os comentários demonstram mais a relação carinhosa que ainda existe entre professor e aluno do que uma análise crítica do vídeo. Entretanto, tal relação se constituiu em sala de aula e também colabora para a aproximação e o desenvolvimento do conhecimento.

Além dos comentários, o vídeo gerou muito debate em sala de aula, nas escolas onde leciono e, também, no dia a dia dos pais. Possibilitando muitas participações e sugestões que foram dadas no final de reuniões pedagógicas, nos corredores, no caminho pela escola, porém por terem sido totalmente espontâneas e orais não puderam ser utilizadas e comprovadas ao longo desse trabalho, mas que também farão parte dos vídeos que surgirão no canal, além desse trabalho escrito.

Os comentários acima abrem a possibilidade real de uma relação entre professor aluno, ou demais públicos, mediados por intermédio da história pública digital. Tal possibilidade pode se transformar em um importante caminho de diálogo e de produção de conhecimento, principalmente entre esta nova geração de alunos conectados todo o momento através de celulares. Aliás, estes mesmos aparelhos já fazem parte do dia a dia dos professores e são responsáveis por alguns conflitos entre o os mesmos. Talvez possamos utilizá-los em favor da educação, permitindo que os alunos os utilizem pedagogicamente, como, por exemplo, para acessar canais de *YouTube* com qualidade e potencial para desenvolver conhecimento e não somente informações, e, dessa maneira, atenuar os conflitos. Contudo, para isso ocorrer da melhor forma possível, precisamos ocupar a Internet e os novos caminhos de comunicação.

(...). Assim como não é possível mais agirmos como os únicos detentores do saber- até porque muitas das vezes os nossos alunos têm acesso ao mesmo material que pesquisamos para o preparo de nossas aulas- também não é mais

admissível ignorarmos a quase simbiose de nossos estudantes com seus smartphones. (...) ¹⁵⁸

Apesar de toda a dificuldade que o mundo virtual possa apresentar ele também é um campo aberto para novas experiências, nas quais os jovens já se fazem presentes de diferentes maneiras e tendo acesso às mais variadas informações. Entretanto, informação, por si só, não é conhecimento, e talvez esse seja o momento dos professores entrarem no mundo virtual como os atores essenciais para realizar a ponte entre o dilúvio de informações e a produção de conhecimento crítico sobre o mesmo e sobre o mundo real.

Por tudo exposto acima, acredito que um canal de história no *YouTube* tem potencial para promover o ensino e o aprendizado de temas relevantes da ciência história, desde que consiga unir os critérios teóricos, metodológicos e científicos da academia com as exigências e desafios da história digital e da história pública. Duas formas de trabalho, dos historiadores que têm se desenvolvido frente às demandas dessa nova geração *Zappiens*.¹⁵⁹.

Como qualquer área do conhecimento, a história pública sofre algumas críticas que devem ser levadas em consideração na hora de produzir um trabalho acadêmico. Um dos primeiros cuidados que se deve ter em mente é o perigo de desenvolver um trabalho apenas por princípios mercadológicos, ou seja, tomar cuidado para não perder o rigor científico e ficar subordinado aos princípios capitalistas de consumo e lucro, os quais podem ser exigidos por um determinado tipo de público que só esteja interessado na forma do produto e não em seu conteúdo.

Outra crítica que a história pública recebe está ligada à produção de outros sentidos históricos que não passam necessariamente pelo crivo da academia. Nesse ponto específico, defendo a produção de conhecimento gerado pela circularidade e pela autoria compartilhada.

¹⁵⁸ Idem p. 455.

¹⁵⁹ ARRUDA, Eucídio Pimenta. Aprender história com jogos digitais em rede: possibilidades e desafios para os professores In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; RIBEIRO, Jayme Fernandes; CIAMBARELLA, Alessandra (orgs). *Ensino de história: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. P. 239-254_CAIMI, Flávia Eloisa. Geração *HOMO ZAPPIENS* na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. p. 167 e SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes. A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto;2012_. O Homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

Todavia, existem visões ou correntes dentro da academia que possuem dificuldade de trabalhar com a autoria compartilhada e com a possibilidade de promover conhecimento histórico mesmo quando este não estiver totalmente adequado a uma determinada linha historiográfica. É claro, que este trabalho chama atenção para a possibilidade de gerar debates sobre um determinado ponto da história ou sensibilizar o público para outras temáticas que estariam apenas presente na academia.

Além deste aspecto, também se destaca a remuneração do professor dentro do trabalho da história pública digital, pois esta forma de trabalhar pode ser alvo diretamente da precarização das relações trabalhistas, uma vez que tal trabalho vem se mostrando de maneira autônoma e com a remuneração, quando esta existe, está vinculada, na maior parte das vezes, ao número de visualizações, no caso específico do *YouTube*, ou na utilização de propagandas muitas das vezes não vinculadas ao tema do trabalho. Não existe nenhuma garantia de direitos nessa área. Todavia, tais limitações práticas não tiram a importância deste espaço digital e público de aprendizado, mas sinalizam para a importância de ocupá-lo e iniciar uma luta pela conquista de direitos nessa nova fase do capitalismo e dentro dessa nova área de atuação. Ou, pelo menos, utilizar a história pública digital como resistência.

Quinhoar: Ensino de História

Esse capítulo irá abordar o desenvolvimento, propriamente, das primeiras aulas do canal Quinhoar: Ensino de História. A abordagem das primeiras aulas e a narrativa construída seguirá as demandas da Geração Zappiens, por isso, as aulas foram pensadas para ter uma linguagem mais informal, tendo no máximo dez minutos de duração. E com alguns efeitos visuais e imagens para atrair o interesse dos alunos do ensino médio.

Os temas selecionados foram assuntos essenciais para a compreensão da escravidão do século XVIII, dentro da cronologia do Brasil Colônia, século XVIII. Por isso, conceitos como escravidão¹⁶⁰, tráfico negreiro, expansão marítima comercial, colonização, entre outros foram destacados nos vídeos. É interessante destacar, que tal escolha do tema surgiu mediante o interesse dos alunos por estas temáticas ao longo de dez anos de prática de ensino na Rede Pública Estadual do Rio de Janeiro.

Além disso, o capítulo também constrói, a partir dos desdobramentos dos temas acima, algumas possibilidades de aula que podem ser utilizadas por outros professores, e também transformadas em vídeos aulas no canal Quinhoar: Ensino de História.

A narrativa construída para as aulas teve como suporte teórico as reflexões do autor Paul Ricoeur sobre a história e a narrativa. E também, o trabalho do autor Gabriel Henrique A. Teixeira sobre as diversas operações analógicas no ensino de história¹⁶¹.

¹⁶⁰ Pretendo utilizar na elaboração das aulas expositivas autores que trabalham com uma perspectiva de escravos como sujeitos das transformações e assim fugir dos binômios senhor cruel / escravo rebelde ou binômio senhor camarada / escravo submisso, utilizado em outras visões historiográficas. Para isso, pretendo dialogar com os seguintes autores Robert Slenes, João José Reis, Flávio dos Santos Gomes, Sidney Chalhoub, Sílvia Hunold Lara e Leila Mezan Algranti mencionados in PROENÇA, Wander de Lara: **Escravidão no Brasil: Debates Historiográficos Contemporâneos** in *Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior"*, Doutor em História – UNESP/Assis acessado em <http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/wander.PDF> 05/06/2017. As aulas sobre o negro após a abolição serão baseadas nos trabalhos de Hebe Mattos e Martha Abreu, principalmente no livro *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história/ Carolina Vianna DANTAS, Hebe Mattos Abreu (org.). - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012*

¹⁶¹ TEIXEIRA, Gabriel Henrique A. *A operação analógica no ensino de história: usos e parâmetros para a educação básica*. Dissertação (Mestrado em História) Instituto e ciências humanas e sociais., Curso de mestrado em Ensino de História/PROFHISTÓRIA. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rj, 2016.

3. 1: Quinhoar e a geração Zapiens: Construção teórica de aulas para o canal no YouTube. Escravidão, tráfico negro e a apropriação dos conceitos de Paul Ricoeur

" É preciso formar professores pesquisadores, conhecedores de questões teóricas e metodológicas da história- afinal, vão produzir conhecimento histórico escolar - mas que estejam capacitados para atuar como pesquisadores da sua prática docente, o que possibilitará a construção de saberes experienciais em novas bases. (...)"

162

Ao longo desse subitem iremos abordar algumas questões referentes às atuais demandas dos alunos, entendidos como geração Zapiens¹⁶³, ou seja, uma nova geração ávida por permanecer o maior tempo possível conectada à internet e nas redes sociais, com uma sociabilidade líquida e capacidade e necessidade de mudar rapidamente. Tal conceito será melhor esclarecido ao longo desse capítulo, através do trabalho de Paula Sibilía. Além disso, a pesquisa tem como objetivo, também, traçar algumas reflexões sobre as narrativas produzidas ao longo da primeira aula. O suporte teórico para o canal Quinhoar está em articulação com os conceitos de Paul Ricoeur. As aulas elaboradas para o cenário virtual abordam temas referentes à escravidão e ao tráfico negro¹⁶⁴.

¹⁶² MONTEIRO, Ana Maria *Formação de professores entre demandas e projetos* Revista História Hoje vol.2, nº3 2013; p. 37.

¹⁶³ SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes. A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto; 2012____. *O Homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

¹⁶⁴ ALADRÉN, Gabriel *O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa* in _____ DANTAS, Carolina Vianna, ABREU, Hebe Mattos (org.) *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. PEREIRA, Amílcar Araujo. *O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ, 2013. (Capítulo 1, pp. 47-82) DÁVILA, Jerry. *Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil: 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. (Introdução, pp. 17-46) FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. Prefácio e “Introdução”, pp. 7-31 PEREIRA, Amílcar Araujo. *O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro:Pallas/FAPERJ, 2013. (Capítulo 1.2, pp.83-108) PEREIRA, Amílcar A. “*Por uma autêntica democracia racial!*”: os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história. In Revista História Hoje, ANPUH, v. 1, n. 1, 2012.GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. *Movimento negro e educação*. Revista Brasileira de Educação, set. 2000, nº 15, pp. 134-158.

Durante esse trabalho foi selecionada uma temática para o primeiro ano do Ensino Médio. Porém, as demais séries, também, podem ser contempladas, pois no decorrer do processo educacional estudamos alguns períodos do Brasil Colonial, destacando a escravidão o patriarcalismo¹⁶⁵ e como estas duas esferas se interrelacionam, principalmente no que diz respeito aos conceitos construídos sobre o que é ser mulher no Brasil colônia¹⁶⁶ e principalmente mulher negra e as diversas relações patriarcais mantidas ainda hoje com a mesma¹⁶⁷.

A temática selecionada teve como principal objetivo debater com meus alunos os conceitos de escravidão, tráfico negreiro, diáspora africana.

Com intuito de desenvolver esta aula ou debate procurei fazer um recorte temático e cronológico, ou seja, Brasil Colônia século XVIII¹⁶⁸, nordeste brasileiro e engenho de açúcar, utilizando o conceito de escravo como sujeito das transformações sociais. Para realizar

¹⁶⁵ VAINFAS, Ronaldo. Patriarcalismo e Misoginia. In.: *Trópico dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil* Editora Nova Fronteira, RJ, 1989 p. 116-149.

¹⁶⁶ PRIORE, Mary Del. Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: Editora UNESP, 2009. FIGUEIREDO, Luciano Mulheres nas Minas gerais. In.: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo, Contexto, 2004. RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In.: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo, Contexto, 2004. PRIORE, Mary Del. Da Colônia ao Império. In.: Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na História do Brasil. São Paulo, ed.: Planeta do Brasil, 2011. BELLINI, Lígia. *A coisa Obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil Colonial* Ed.: Brasiliense, 1989. ALGRANTI, Leila Mezan. Educação feminina vozes dissonantes no século XVIII e a prática colonial. In.: MONTEIRO, John Manuel (org) *História & utopias Textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História*, ANPUH, 1996, disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S17.24.pdf>, FARIA, Sheila de Castro. Mulheres Forras e estigma Social. In.: Revista Tempo, Rio de Janeiro, Sete letras, vol. 5, nº 9, jul.2002.

¹⁶⁷ DINIZ, Gláucia R. S. Gênero, casamento e família: interações entre novos modelos e papéis. In: Seminário internacional fazendo gênero 7, 2006, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.p.1-7. Disponível http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/Glucia_Diniz_05_B.pdf.

PAZ, Camila Candeia VITTO, Silmara, SPERB, Raphael Carlos. O Uso da Imagem Feminina nos Programas de Auditório. Do Chacrinha ao Pânico na TV! In.: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Blumenau – 28 a 30 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0990-1.pdf>. DIOTTO, Nariel, PIRES, Tatiana Diel, SOUTO, Raquel Buzatti. A (des) igualdade de gênero e o feminicídio: a evolução sociocultural da mulher e os reflexos da dominação patriarcal. *Derecho y Cambio Social Fecha de publicación: 02/01/2017*. www.derechocambiosocial.com | ISSN: 2224-4131 | Depósito legal: 2005-5822

¹⁶⁸ FRAGOSO, João (org). *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. MATTOS Hebe Maria, "A escravidão moderna nos quadros do Império português: o Antigo Regime em perspectiva atlântica", In: FRAGOSO, João, Maria Fernanda Bicalho, Maria de Fátima Gouvêa (orgs.), *O Antigo Regime nos trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, pp. 141-162. MATTOS, Hebe Colonização e escravidão no Brasil — Memória e historiografia In.: FRAGOSO, João, GOUVÊA, Maria de Fátima, Coleção *O Brasil Colonial 1443-1580*. Volume 1. Civilização Brasileira, RJ, 2014. FRAGOSO, João, GOUVÊA, Maria de Fátima, Coleção *O Brasil Colonial 1580-1720*. Volume 2. Civilização Brasileira, RJ, 2016. FRAGOSO, João, GOUVÊA, Maria de Fátima, Coleção *O Brasil Colonial 1720- 1821*. Volume 3. Civilização Brasileira, RJ, 2017. SCHWARTZ, Stuart. B. Uma sociedade escravista colonial In.: *Segredos Internos - engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. SP: Companhia das Letras/CNPQ, 988 P. 209-223. WEHLING, Arno, WHELING, Maria José C. de M. O poder na colônia. In.: Formação do Brasil colonial. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994, p. 299-312.

esse trabalho, depois de uma aula expositiva e factual, pretendo aprofundar o tema utilizando imagens que sejam do interesse dos alunos e fazem parte de sua realidade.

No intuito de exemplificar a dinâmica dos vídeos foi desenvolvido uma aula sobre a mulher negra e o patriarcalismo a partir de dois clipes de músicas que serão passados e utilizados como fontes para as interpretações da sociedade brasileira atual, levando em consideração o passado de patriarcalismo de escravidão e suas permanências.

Dentro dessa perspectiva, pretendo utilizar os clipes, as imagens e demais recursos visuais, intensamente presente nas aulas para as redes sociais e *Youtube*, como analogias para auxiliar a produção de conhecimento histórico, com os alunos. As analogias são compreendidas a partir do estudo, desenvolvido pelo autor Gabriel Henrique A. Teixeira.

" Partimos do pressuposto de que, durante o processo de transposição didática interna, o uso de analogias ganha destaque por seu potencial explicativo e potencializador da aprendizagem. Para tanto, na transposição interna conduzida pelo professor, tal recurso tem a força de atuar na constituição epistêmica do saber histórico ensinado¹⁶⁹ (...)Dessa forma, podemos inferir que o papel constitutivo da analogia e de outras técnicas argumentativas pelo docente corrobora o pressuposto de que a trajetória de construção do saber histórico escolar não se esgota na noosfera, mas tem na sala de aula entre a narrativa docente e a recepção do aluno, sua última fase..."¹⁷⁰

¹⁶⁹ MONTEIRO, Ana M. F. C. Entre o estranho e o familiar: o uso de analogias no ensino de história. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 25, n.67, set/dez. 2005, pp. 333-347 in TEIXEIRA, Gabriel Henrique A. *A operação analógica no ensino de história: usos e parâmetros para a educação básica*. Dissertação (Mestrado em História) Instituto e ciências humanas e sociais., Curso de mestrado em Ensino de História/PROFHISTÓRIA. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016 pg. 36

¹⁷⁰ TEIXEIRA, Gabriel Henrique A. *A operação analógica no ensino de história: usos e parâmetros para a educação básica*. Dissertação (Mestrado em História) Instituto e ciências humanas e sociais., Curso de mestrado em Ensino de História/PROFHISTÓRIA. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016 pg. 36

Entretanto, de acordo com o trabalho do autor acima as analogias e metáforas estarão intimamente associadas com a linguagem formal, com a construção do conhecimento histórico científico. Evitando-se assim os erros epistemológicos.

Nesse primeiro momento esta aula serve como recurso didático para compreender os principais objetivos, porém posteriormente serão transformados em vídeos aulas.

Os clipes são:



A Carne (Compositor: Seu Jorge, Marcelo Yuca E Wilson
Capellette)¹⁷¹

A carne mais barata do mercado é a carne negra (5x)
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
Que vai de graça pro subemprego E pros hospitais
psiquiátricos
A carne mais barata do mercado é a carne negra (5x)
Que fez e faz história segurando esse país no braço

¹⁷¹<https://www.youtube.com/watch?v=B1Binn6oupA> acessado em 6/06/2017;

O cabra aqui não se sente revoltado Porque o revólver já
está engatilhado
E o vingador é lento
Mas muito bem intencionado
E esse país /Vai deixando todo mundo preto /E o cabelo
esticado
Mas mesmo assim
Ainda guardo o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar
A carne mais barata do mercado é a carne negra (5x)

Este clipe terá como objetivo detectar algumas permanências da escravidão. Nesse sentido, pretendo utilizar os conceitos de cultura de história, usos do passado¹⁷² como um importante norte de produção das narrativas, comprometidas com os rigores da pesquisa histórica.

"...O conceito de cultura histórica procura dar conta da relação efetiva e afetiva que um grupo mantém com seu passado. Não se restringe à historiografia, pois pretende abarcar os múltiplos agentes envolvidos com sua elaboração, os meios pelos quais se difunde, as representações que legitima e, também, sua recepção. O estudo da cultura histórica engloba, portanto, as várias formas de elaboração da experiência histórica e sua articulação com a vida de uma comunidade, considerando que agentes sociais diversos contribuem nessa elaboração e muitas vezes concorrem entre si.⁵ Os autores defendem o argumento

¹⁷² GONTIJO, Rebeca Sobre cultura histórica e usos do passado: a Independência do Brasil em questão 1 DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320140803>, acessado em 27/05/2018.

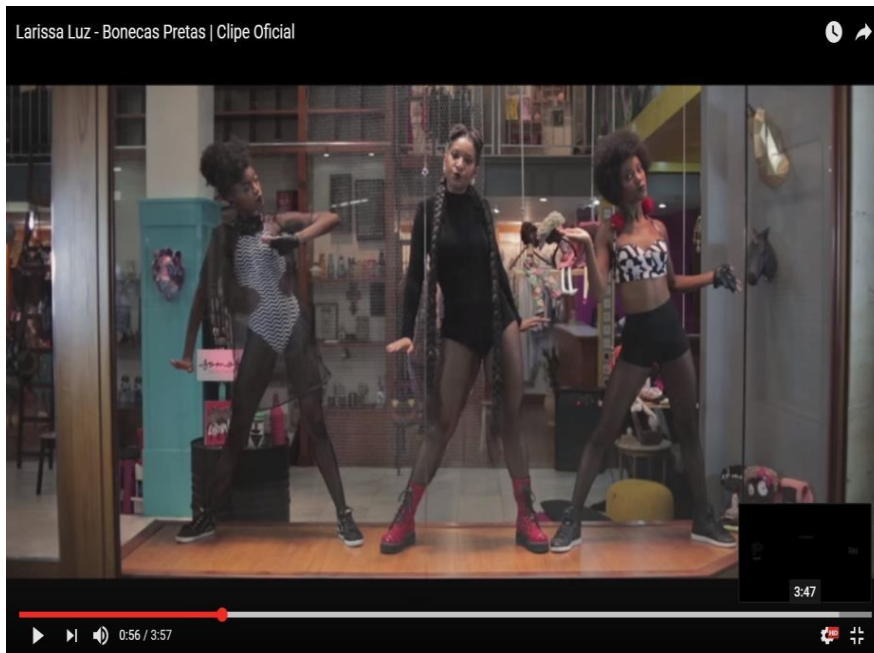
de que a cultura de história não se confunde com a consciência histórica, pois a engloba e expande. Acompanhando a definição de Sergio Campos Matos, argumentam que a consciência histórica é aquela que um grupo significativo de sujeitos em sociedade apresenta ao compartilhar um passado comum e que condiciona as formas de pensar o presente e projetar futuros coletivos.⁶ Já a noção de cultura de história englobaria, também, “os silêncios e as recusas desses sujeitos em relação ao passado, seja por meio de atitudes deliberadas ou não, resultantes ou não de vontades coletivas”.⁷ Portanto, os autores procuram demarcar a diferença entre a cultura de história e a cultura histórica, destacando o afastamento da primeira em relação à consciência histórica, ao contrário da segunda, que dela se aproxima. (...)¹⁷³

O segundo clipe trata do patriarcalismo com uma música bem emblemática e cantada por grande número de alunos.

¹⁷³ GONTIJO, Rebeca Sobre cultura histórica e usos do passado: a Independência do Brasil em questão 1 DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320140803>, acessado em 27/05/2018. **As notas abaixo foram retiradas do trabalho da autora, presentes no artigo acima.** 5 Sobre cultura histórica, convém lembrar que o conceito tem sido pensado desde os anos 1980 e 1990 de forma sistemática por autores como Jörn Rüsen, Aleida e Jan Assmann, Bernard Guenée e Jacques Le Goff, em diálogo com estudiosos da relação entre história e memória coletiva, como Pierre Nora, Paul Ricoeur etc. De modo geral, parte-se da constatação de que a visão que uma dada sociedade tem de seu passado não é resultado exclusivo, nem mesmo predominante, da produção dos historiadores acadêmicos. As imagens, ideias, nomes e valores que compõem a visão do passado resultam de uma série de fatores que atuam em um processo dinâmico de discussão sobre a experiência passada e a construção de sentido. A cultura histórica abarca, portanto, os múltiplos enfoques e narrativas onde o que está em jogo não é o conhecimento erudito sobre a história, mas a autocompreensão da comunidade num dado presente e suas possibilidades de projeção no futuro. Ver: SÁNCHEZ MARCOS, Fernando. *Cultura histórica* [2009]. Disponível on-line em: http://www.culturahistorica.es/cultura_historica.html; RÜSEN, Jörn. *¿Qué es la cultura histórica: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*, 1994. Trad. de F. Sánchez e Ib Schumacher. Versão espanhola inédita do texto original em alemão publicado em FÜSSMANN, H. T. Grütter y RÜSEN, J. (Eds.). *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*. Keulen, Weimar y Wenen: Böhlau, 2009, p.3-26. Disponível em: http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf.

⁶ A referência citada é MATOS, Sérgio Campos. *Consciência histórica e nacionalismo: Portugal, séculos XIX e XX*. Lisboa: Horizonte, 2008.

⁷ PIMENTA, João Paulo et al. Op. Cit. p.4. Outra referência importante para a definição do conceito de cultura de história pelos autores é RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007. Os autores também deixam claro que a *cultura de história* não se confunde com a noção decostume conforme a definição E. P. Thompson; ou com a noção de tradição, proposta por Rüsen. Almanack. Guarulhos, n.08, p.44-53, 2º semestre de 2014 fórum 46



Bonecas Pretas (Larissa Luz)¹⁷⁴

Um caso contestável

Direito questionável

Necessidade de ocupar

Invadir as vitrines, lojas principais

Referências acessíveis é poder pra imaginar

Mídias virtuais

Anúncios constantes

Revistas, jornais

Trocam estética opressora

Por identificação transformadora

Procuram-se bonecas pretas

Procura-se representação!

¹⁷⁴<https://www.youtube.com/watch?v=Qk3-0qaYTzk> 23/05/2017;

O objetivo da aula será refletir sobre a objetificação da mulher como consequência do patriarcalismo e também algumas questões referentes às representatividades das mulheres negras.

A escolha desses dois clipes foi consequência direta dos textos estudados durante o curso *Narrativa, imagem e construção do fato histórico*¹⁷⁵ e suas temáticas aplicadas na sala de aula. O primeiro texto que contribuiu para tal seleção foi o texto de Didi-Huberman, *Diante da Imagem*¹⁷⁶, nesse texto autor destaca a importância de um olhar mais independente de padrões estéticos e regras de análise para compreender uma imagem e as diversas mensagens que a mesma pode conter. Destacando que a imagem deve ser vista de uma forma dialética onde o espectador deve-se desprender de seu conhecimento prévio sobre a mesma para perceber detalhes até então invisíveis.

"... As imagens não devem sua eficácia apenas na transmissão de saberes. Sua eficácia, ao contrário, atua constantemente nos entrelaçamentos ou mesmo no imbróglio de saberes transmitidos e deslocados, de não saberes produzidos e transformados "¹⁷⁷

Dessa maneira, as imagens dos clipes podem ser muito úteis para uma aula de história com tais temáticas, pois mesmo que o professor prepare os diversos detalhes da mesma as imagens e os conhecimentos serão apropriados dialeticamente pelos alunos, os quais, nesse processo podem ressignificar com suas próprias experiências. Por isso, a aula e as imagens podem caminhar para variadas temáticas de acordo com a turma e a série. Por isso, novamente de acordo com autor Didi-Huberman, no livro citado, é necessário realizar a exegese¹⁷⁸, ou seja, estar atendo para infinitas relações, associações e até desdobramentos fantásticos ao analisar uma imagem. Tal compreensão de imagens é algo muito fecundo, principalmente se tem em

¹⁷⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Instituto de História. Professor Jorge, de Araujo Souza PRO-FHISTÓRIA -2017

¹⁷⁶ DIDI-HUBERMAN, George: *Diante da imagem* Questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo; Editora 34, 2015

¹⁷⁷ Ibidem pg. 23

¹⁷⁸ De acordo com o autor DIDI-HUBERMAN, "... são uma abertura a todos os ventos do sentido..." in DIDI-HUBERMAN, George.: *Diante da imagem* Questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo; Editora 34, 2015 p. 29

mente a diversidade dos alunos e suas experiências de vida e também conhecimentos que podem contribuir muito com essa exegese da imagem.

Além das contribuições analíticas específicas da imagem como fonte, é necessário destacar que as escolhas, por trabalhar com clipes e imagens, surgiram mediante a compreensão de que estamos lidando com uma nova geração de alunos que necessitam de recursos diferenciados. Dentro dessa expectativa se destaca o texto *Geração homo Zapiens* na escola, da autora Flávia Eloísa Caimi¹⁷⁹ e também as análises de Angela Dilmann Nunes Bicca e Ana Paula de Araújo Cunha em *Identidades Nerd/ Geek na web*¹⁸⁰. O texto da Flávia Eloísa Caimi contribui dentro da perspectiva, de salientar a existência de uma nova geração dentro da sala de aula que usa intensamente as tecnologias digitais e tal uso mudaria a forma de pensar e de se apropriar do conhecimento ou até mesmo produzir outras formas de conhecimento. Por isso, os clipes foram retirados de uma plataforma muito conhecida e utilizada pelos alunos, ou seja, foram retirados do *YouTube*, que é amplamente acessado pelos mesmos, inclusive durante as aulas.

A partir do conhecimento produzido pela autora Flávia Caimi é possível inferir que uma forma de se comunicar com essa nova geração e produzir conhecimento dialeticamente é o professor se apropriar dos próprios meios de comunicação dos alunos, ou melhor, utilizar a própria rede de mensagens dos mesmos, ou a ideia de estar sempre conectados para aprofundar temas em sala de aula. Entre outras especificidades mencionadas no fragmento abaixo.

"... Entre os mais tópicos comportamentos manifestados pelo *Homo zapiens* para com a escola, destacam-se: a) reconhece a escola como um dos interesses, entre muitos outros, como rede de amigos; trabalho de meio turno, encontros sociais;b)considera a escola desconectada de seu mundo e da vida cotidiana;c) demonstra comportamento ativo, em alguns casos hiperativo; d) concede atenção ao professor por pequenos intervalos de tempo; e) quer estar no controle daquilo com que se envolve e não aceita explicações do mundo apenas

¹⁷⁹ ARRUDA, Eucídio Pimenta. Aprender história com jogos digitais em rede: possibilidades e desafios para os professores In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; RIBEIRO, Jayme Fernandes; CIAMBARELLA, Alessandra (orgs). *Ensino de história: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 239-254. CAIMI, Flávia Eloísa. *Geração HOMO ZAPPIENS* na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica.

¹⁸⁰ BICCA, Angela Dilmann Nunes; CUNHA, Ana Paula de Araújo. *Identidades Nerd/ Geek na web: um estudo sobre pedagogias e culturas juvenis. Conjectura. Filos. Educ, Caxias do Sul, v. 8, p. 87-04, jan/abr. 2013.*

segundo as convicções do professor; f) aprende por meio dos jogos, de atividades de descobertas e investigação, de maneira colaborativa e criativa." ¹⁸¹

Exemplificando de uma forma mais concreta, o professor não estará mais concorrendo com os celulares e sua inserção no mundo virtual, pois o mesmo pode servir como suporte para assistir os clipes em sala e até mesmo para enviá-los, com os comentários referentes à aula, para amigos ausentes ou demais grupo de interesse no tema. Assim, quando o professor percebe que existe uma nova geração, que necessita de um novo tipo de acesso ao conhecimento, fica sensibilizado a se aproximar e promover aulas mais significativas. Tendo, é claro, o professor como mediador do debate.

Todos esses novos recursos tecnológicos permitem que a aula saia do espaço físico da escola e ganhe uma dimensão maior, pois as diversas pessoas envolvidas durante a exposição física das aulas poderão continuar o debate sobre permanências da escravidão e representatividade negra feminina, além dos muros da escola. E ainda terão, através dos debates em sala, recursos conceituais para interpretar outras músicas, imagens e fatos históricos. Dessa maneira, as aulas seriam expandidas através da internet e principalmente por meio dos recursos que a mesma oferece, como por exemplo, os canais no *Youtube*, aulas no *Facebook* e demais redes sociais e seus recursos de compartilhamento¹⁸². As aulas têm um potencial enorme de divulgação e de produção de conhecimento ao promover um encontro com essa nova Geração *Homo zappiens* através das mídias digitais. Além disso, a expansão das aulas para o cenário virtual propiciaria ao professor ocupar um importante espaço de disputa e de consolidação de projetos políticos e ideias. As aulas expandidas para tais espaços virtuais promoveriam a circulação de conhecimentos comprometidos com um rigor científico. É poderiam contribuir para a construção de imagens positivas acerca do professor e de sua autoridade, com relação à produção científica, em detrimento de demais comentários e vídeos nas redes sociais, que supostamente não estivessem comprometidos com critérios científicos. É interessante afirmar que tais

¹⁸¹ ARRUDA, Eucídio Pimenta. Aprender história com jogos digitais em rede: possibilidades e desafios para os professores In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; RIBEIRO, Jayme Fernandes; CIAMBARELLA, Alessandra (orgs). Ensino de história: usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. P. 239-254_CAIMI, Flávia Eloisa. Geração *HOMO ZAPPIENS* na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. p. 167

¹⁸² Atualmente existem diversas redes sociais que se interrelacionam por meio de opções de compartilhamento de imagens, textos áudios e vídeos, promovendo uma grande circulação da informação e também de debates através dos espaços de comentários que muitas possuem.

aulas não são um rompimento com aulas mais tradicionais e presenciais, as aulas expandidas poderiam complementar e aprofundar a prática de ensino dos professores.

As discussões desenvolvidas a partir do texto da intelectual Ana Paula de Araújo Cunha em *Identidades Nerd/ Geek na web* são fundamentais para destacar grupos diversos dentro dessa nova geração e ao mesmo tempo realizar uma contextualização sobre os recursos tecnológicos, pois os mesmos não foram desenvolvidos para atender uma necessidade de aprendizagem, todos os atuais recursos tecnológicos e seus subprodutos, como clipes, músicas séries, show, vídeos games, redes sociais atendem a uma imperativa necessidade do capitalismo, que é o consumo. Assim, é necessário realizar uma relativização, dentro de diversos conteúdos históricos, e salientar que existe uma dinâmica econômica, que exerce influência e limitações na vida de todos e que, principalmente, guiam o objetivo final de um determinado produto. Logo, os clipes de música podem ser apropriados para aprofundar o debate sobre permanências escravistas na atualidade, ou promover uma representatividade da mulher negra, porém continuam intimamente associados e comprometidos com um padrão social de consumo designado pelo regime capitalista, e mais grave ainda, ter acesso ou não a esse novo padrão de consumo pode determinar o valor que o sujeito terá dentro da sociedade.

"...Aliás, trata-se de um processo que não pode ser desconectado com o consumo de diferentes produtos, os quais permitem que os/as integrantes de algum grupo cultural juvenil, por exemplo, se identifiquem com esse e/ou aquele estilo de vida, como destacou Schmidt(2006)..."¹⁸³

Por isso, é possível utilizar as teorias marxistas ou gramscianas aos estudos e a elaboração da aula, as quais, apesar de serem passíveis de críticas e de não possibilitar todas as respostas para a compreensão social dos dias atuais, e especificamente da sala de aula, trazem chaves importantes para a compreensão do atual cenário político e econômico. Até porque muito dos alunos estão sendo educados, no atual modelo de escola pública, para compor um exército de reserva de mão de obra, o qual atenderá os objetivos de acumular lucro do sistema capitalista. Logo, é importante ter como horizonte uma visão macro da sociedade brasileira, e as teorias

¹⁸³ BICCA, Angela Dilmann Nunes; CUNHA, Ana Paula de Araújo *et alii*. Identidades Nerd/ Geek na web: um estudo sobre pedagogias e culturas juvenis. Conjectura. Filos. Educ, Caxias do Sul, v. 8, n°, p. 87-04, jan/abril. 2013 p. 91

marxistas são fundamentais para tal análise, e o papel social que tanto os professores como os alunos desempenhariam de acordo com o modelo capitalista¹⁸⁴.

Outro importante texto que contribuiu muito para as escolhas dos clipes, e também para todo o processo de desenvolvimento das aulas virtuais ou expandidas, foi o texto *Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão*, de autoria da Paula Sibila¹⁸⁵. Tal texto também contribuiu para entender essa nova geração de estudantes, que ainda está em formação, uma vez que estudantes que não tem acesso aos recursos tecnológicos também se fazem presentes em salas de aulas. Este texto trabalha com a concepção de uma nova geração de estudantes e suas relações com os diversos meios tecnológicos, de forma mais profunda. O texto inicia destacando o papel da sociedade de controle de Gilles Deleuze, em 1990, e suas características, que são consumo exacerbado, marketing e publicidade, fluxos financeiros, interconexão em redes globais de comunicação. Todos ainda marcantes no cenário atual. E aprofunda com o conceito de entronização da empresa que contagia a todos com seu "espírito empresarial", propagando um culto da performance ou do desempenho individual. E tal programa busca sempre uma autossuperação que vai além dos limites físicos e emocionais e ainda mantém uma íntima relação entre mercado comunicação e tecnociências. Dentro do cenário histórico do tempo presente, a escola mostra-se incapaz de desenvolver todas as habilidades para tais exigências, do modelo neoliberal, e ainda não consegue acompanhar todas as demandas desses novos estudantes marcados pelas características neoliberais da sociedade de controle.

Tais demandas neoliberais marcam as subjetividades de uma nova geração que se configurou de maneiras totalmente distintas, por isso, alguns alunos em sala de aula apresentam uma sociabilidade líquida, mais superficial, interconectados, capacidade para mudar rapidamente, criatividade, livre iniciativa, perfil empreendedor, originalidade. Destacando que todas essas exigências, e outras, emergem em uma cultura que enaltece a busca pela celebridade e o sucesso imediato.

Nesse cenário, os dispositivos eletrônicos, como os celulares passam a ter importância vital, devido ao fácil acesso aos diversos softwares e também por suprir a necessidade de estar sempre conectados, sendo, ainda, um importante catalisador para o processo de metamorfose

¹⁸⁴ NICODEMOS, A. O trabalho docente de História no PEJA/RJ: as possibilidades de elaboração, execução e ressignificação de um currículo crítico/ Alessandra Nicodemos. – 2013. 283 f. Orientador: Clarice Nunes. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2013. O trabalho anterior aborda algumas questões sobre os alunos e suas realidades econômicas, no caso específico desse trabalho alunos da Peja.

¹⁸⁵ SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes. A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto;2012____. *O Homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

do sujeito. Todos estes novos requisitos da sociedade contemporânea contribuem para o processo de formação de um novo sujeito, o qual ainda está em gestação, porém com força suficiente para se debater contra o atual modelo de escola, o qual ainda é o do século XVIII, para a emergente sociedade burguesa. Como a autora desenvolve bem no fragmento abaixo:

“... , todavia, surge aqui um choque digno de nota: justamente essas crianças e adolescentes, que nasceram ou cresceram no novo ambiente, têm de se submeter todos os dias ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores escolares. Tais rigores alimentam as engrenagens oxidadas dessa instituição de confinamento fundada há vários séculos e que, mais ou menos fiel a suas tradições, continua a funcionar com o instrumento analógico do giz e do quadro-negro...”¹⁸⁶

Todas estas cruciais mudanças em voga, exigem uma mudança crucial da própria estrutura física da escola e principalmente um novo olhar e novas abordagens por parte dos professores. Por isso, optei por aprofundar os temas propostos em clipes que podem ser acessados por diversos aparelhos celulares, durante a aula e posteriormente também. Contudo, não acredito que a escola está fadada ao desaparecimento, pois a mesma ainda serve aos interesses da atual economia capitalista, porém a mesma precisa ser reformulada com todos os profissionais que trabalham dentro da escola. E na tentativa de iniciar tais reformulações, e por reconhecer o processo de mudança em voga nos meus alunos, pretendo iniciar uma reestruturação em todas as minhas aulas com a introdução da internet e dos celulares no dia a dia do meu trabalho, como professora de Educação Básica.

Todavia, a própria utilização dos diversos recursos tecnológicos que alimentam a conformação subjetiva desses novos sujeitos, causa alguns empecilhos no processo de aprendizagem. Um dos primeiros pontos a serem destacados é a enorme quantidade de informação com o qual os alunos devem lidar hoje em dia, o que faz com que eles tenham acesso, mas

¹⁸⁶ Ibidem p. 51

apresentam dificuldades para transformar a informação em conhecimento, além de apresentar grandes dificuldades em manter a concentração.

... Em vez da interioridade e da concentração requerida pelo discurso pedagógico, o discurso midiático requer exterioridade e descentramento: recebo informações que não chego a interiorizar_a prova é que, um minuto depois de ter mudado de canal, já não lembro mais o que vi_e devo estar submetido à maior diversidade possível de estímulos: visuais, auditivos, táteis, gustativas" ¹⁸⁷.

E além das dificuldades ditas acima ainda se destaca um grave círculo vicioso causado pelo tédio, ou seja, o aluno tem muito acesso à informação, mas não consegue transformá-las em conhecimento, e logo se entedia de tanta informação, porém volta a buscar mais informações nos meios virtuais para se livrar do tédio. Este círculo não exige tanta atenção, como por exemplo, ler um livro e resumi-lo, o que faz com que as crianças tenham resistências quando o professor da escola do século XVIII, nos dias atuais, exija dele instrumentos cognitivos não experimentados ou aprofundados por eles, e muitas das vezes não amplamente valorizados na sociedade atual.

Tendo como objetivo, montar uma aula para esses novos sujeitos e sabendo das possíveis dificuldades pedagógicas a serem enfrentadas, sem mencionar as dificuldades estruturais da escola e os enfrentamentos políticos, optei por fazer uma ligação entre o ensino mais tradicional com aulas expositivas, utilizando recursos tradicionais como quadro e o livro, e aulas mais dinâmicas com recursos tecnológicos para o aprofundamento do debate.

As aulas sobre escravidão foram elaboradas em dois momentos. A princípio optei por construir com eles um conhecimento histórico básico, com definição de conceitos, cronologia e trabalhos de fixação individualizados no caderno, como por exemplo, exercícios e textos. No intuito de produzir um conhecimento básico sobre o tema escravidão. E as questões relacionadas às permanências produzidas pelo passado escravista e sobre identidades da mulher negra nos dias atuais serão produzidas em um debate coletivo utilizando os clipes, citados acima, como as principais fontes históricas. Assim, as letras seriam interpretadas e associadas com as

¹⁸⁷ Ibidem p. 77 citações 61 Coreia;

imagens, dando margem para outras possibilidades de análise e outros temas a serem associados ao debate e também para a compreensão de tais cliques dentro da lógica capitalista de produção.

Os conceitos associados à representação negra serão desenvolvidos tendo como referência o trabalho de Stuart Hall no livro *Cultura e Representação: Imagem do negro nas mídias e nas redes sociais*.¹⁸⁸ O autor trabalha com o conceito de representação atrelado à ideia do outro, do diferente. A representação é uma criação, um ato de criar novas simbologias. E, ao trabalhar com tal definição de conceito, o autor busca estabelecer perguntas referentes à construção das mesmas, tentando buscar o que está por trás das imagens. E estabelece um marco ao tratar o corpo negro, pois é este com suas características que justifica a raça. A diferença se estabelece ao definir corpos diferentes e buscar desconstruir tais diferenças visando aprofundar a compreensão do significado da representação e de seu funcionamento. E para se fundamentar nas análises trabalha com o conceito de Regime de Representação. Abaixo está a definição.

... Essa acumulação de significados em diferentes textos, em que uma imagem se refere a outra ou tem seu significado alterado por ser "lida" no contexto de outras imagens, chama-se intertextualidade. Todo o repertório de imagens e efeitos visuais por meio dos quais a "diferença" é representada em um dado momento histórico pode ser descrito como *regime de representação*"¹⁸⁹

O conceito de Regime de Representação pode ser aplicado às imagens dos cliques para entender como elas são construídas, o contexto histórico por trás das mesmas e possibilitar o desenvolvimento de perguntas que podem servir de viés para o debate. Por exemplo, sobre o clipe *A carne*, podem ser feitas as seguintes perguntas:

- Porque os negros são identificados como "carne negra"?
- Quais são as consequências na atual sociedade de ser reduzido a apenas uma "carne", ser desumanizado?
- Por que a "carne negra" é a mais barata?
- Por que a "carne" mais barata vai para presídios e para o subemprego?

¹⁸⁸ HALL, Stuart, **Cultura e representação**. In _____ O Espetáculo do outro. Rio de Janeiro: Apicuri/Puc, 2016

¹⁸⁹ Ibidem. HALL, Stuart, **Cultura e representação**. In _____ O Espetáculo do outro. Rio de Janeiro: Apicuri/Puc, 2016 p. 150

- Existem outras "carnes" no mercado? Quais são elas?
- O que é esse mercado mencionado na música?
- Quanto custa para o negro ser a "carne mais barata"?
- Qual o preço da "carne negra"?
- Por que o país deixa todo mundo preto e de cabelo esticado?
- Por que o cabelo deve ser esticado?
- Por que a "carne negra" ainda tem o direito de brigar por respeito?
- Como a "carne negra" luta, atualmente, por respeito?

Ao tentar responder uma ou algumas dessas perguntas é possível se abrir um caminho para entender algumas permanências do sistema de escravidão no Brasil e como tais permanências estão associadas às lutas de resistência do passado e principalmente do presente. Além de possibilitar uma maior conscientização do lugar social, que alguns alunos ocupam na sociedade.

A aplicação do mesmo conceito de Regime de Representatividade e as devidas contextualizações históricas no segundo clipe podem estimular outras perguntas de relevância para contribuir com a compreensão da atual. Entre elas podemos destacar:

- Por que não existem bonecas pretas?
- Quem procura por bonecas pretas?
- O que significa para a mulher ser uma boneca?
- O que significa ser uma boneca preta?
- Por que é preciso ocupar as vitrines e os mercados como bonecas pretas?
- Que mercado é esse onde bonecas pretas são vendidas?
- Por que a representação é importante e precisa ser procurada, buscada?
- O que significa para a mulher, e para a mulher negra estar em uma vitrine como boneca?

E além do conceito acima neste clipe específico é possível, a partir do conceito de estereotipagem, observar como a mulher, seja ela negra ou não, pode ser reduzida a uma simples boneca que pode ser vendida. A definição básica do conceito de estereotipagem pode

ser entendida de acordo com o autor como "...constatar que "estereotipado" significa "reduzido" a alguns fundamentos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadas" ¹⁹⁰. E assim outras perguntas podem ser feitas, veja:

- Por que uma mulher é uma boneca?
- O que é necessário fazer para se enquadrar no conceito de boneca?
- Vale a pena ser uma boneca?

As permanências históricas serão trabalhadas relacionando a interpretação da música *A Carne* com as imagens de escravos sendo vendidos, especificamente nestas duas imagens abaixo.

Desembarque - Mercado de Escravos ¹⁹¹

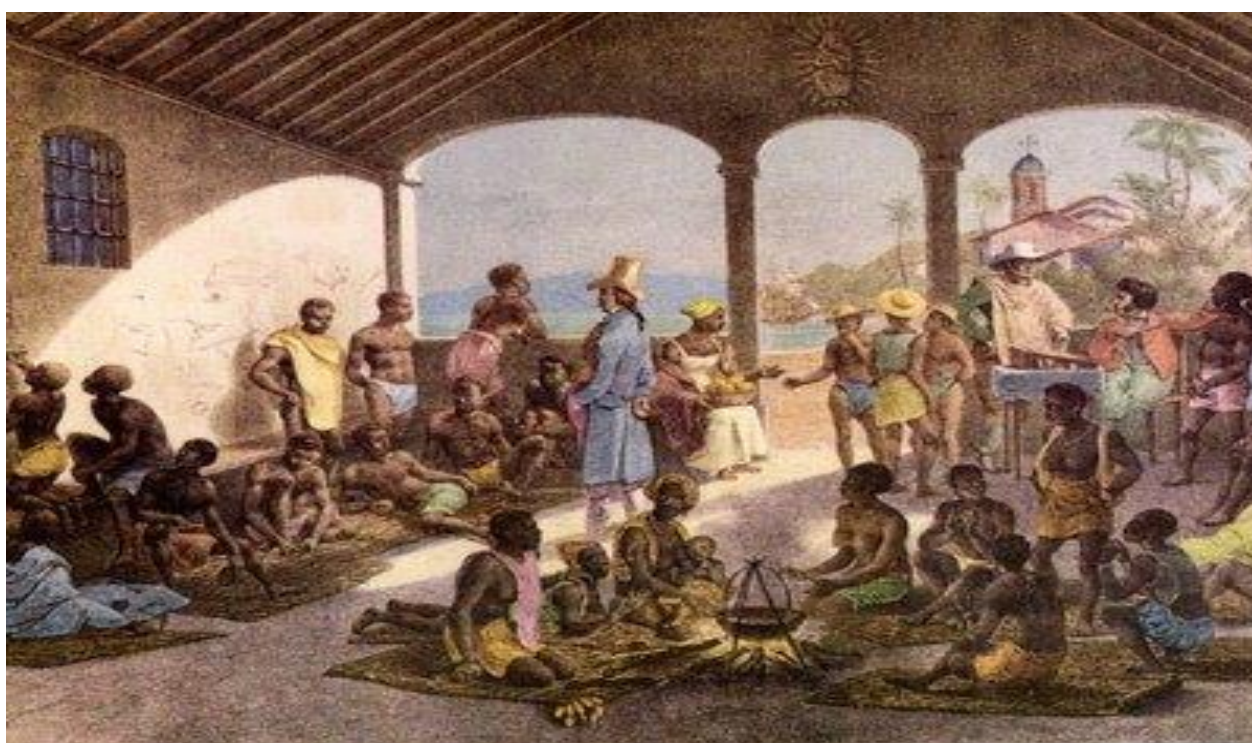
Figura 1

¹⁹⁰ Ibidem. HALL, Stuart, **Cultura e representação**. In _____ O Espetáculo do outro. Rio de Janeiro: Apicuri/Puc, 2016 p. 173

¹⁹¹ RUGENDAS FIGURA 1 Desembarque na Alfândega, ao fundo vê-se a fachada do Mosteiro e Igreja São Bento, figura 2 no alto, à direita vê-se a torre da Igreja de São Francisco da Prainha (na rua Sacadura Cabral, Largo da Prainha) COARACY, Vivaldo. Memórias da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Livraria José Olímpio Editora, 1965 pp. 360 e 376



Figura 2



Nessas duas imagens é possível observar a venda de escravos em dois lugares importantes do Rio de Janeiro e assim destacar a relação de compra e venda que marcava africanos escravizados, e principalmente, a elite branca aristocrática no Brasil.

O conceito de escravidão moderna associada à venda de africanos escravizados e a cor da pele negra será desenvolvida como o fator histórico responsável por transformar seres humanos em coisas e objetos possíveis de serem vendidos, alugados e mortos. Além disso, o conceito de escravidão e sua prática está associada com a expansão do capitalismo no mundo atlântico e sua crescente necessidade de lucrar com o aumento dos vários mercados, visão esta defendida por Gabriel Aladréon no livro *O negro no Brasil*¹⁹². Dessa maneira, a ideia de lucro/venda será utilizada como uma ligação entre o passado com a venda de escravos, e as várias carnes de pessoas e seus preços vendidas de diferentes formas no presente, assim pretendo realizar uma reflexão sobre os seres humanos atuais que continuam sendo inferiorizados e excluídos de diversas maneiras, impedidos de obter melhoria de vida por ter a cor de pele negra, e, portanto ainda vistos ou de alguma forma tratados como coisas de menor valor ou de menor importância.

O mercado como o lugar dentro do sistema capitalista de vendas de objetos também será utilizado tanto como possível ligação entre passado e presente, na sociedade atual, como também uma forma de ligar os dois cliques, pois ambos trabalham com a visão de venda em algum mercado. O primeiro vendendo a carne negra e o segundo vendendo bonecas negras. Com o objetivo de aprofundar essa permanência histórica focada em uma prática capitalista pretendo utilizar o trabalho do autor Cláudio de Paula Honorato, *Valongo: o mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758- 1831*,¹⁹³ como meio para obter informações sobre o mercado de escravos. Nessa dissertação o autor desenvolve explicações sobre o mercado de escravos trazendo fontes que podem dar detalhes sobre a venda dos africanos escravizados. Abaixo uma das fontes utilizadas pelo autor, produzida por dois viajantes que passaram pelo Valongo em 1817. São eles: J. B. von Six e C.F.P. von Martius.

" Logo que estes escravos chegaram ao Rio de Janeiro, são aquartelados em casas alugadas para tal fim na Rua do Valongo, junto do mar. Veem-se ali crianças, desde os seis anos de idade, e adultos de ambos os sexos, de todas as idades. Eles fazem meios nus, expostos ao sol nos pátios, ou fora, em volta das casas, ou separados segundo os sexos, distribuídos em diferentes salas. Um mulato ou preto, já prático do serviço, cuida dos alimentos e presta aos

¹⁹² ALADRÉON, Gabriel Aula um: O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa in: __DANTAS, Carolina Vianna, ABREU, Hebe Mattos (org.) *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 18 e 20.

¹⁹³ HONORATO, Cláudio de Paula VALONGO: *O mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758- 1831*. Dissertação de mestrado - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História 2008.

recém-chegados os necessários cuidados. O prato principal é o pirão da farinha de mandioca ou o angú de fubá, cozido com água, mais raramente a carne salgada do rio grande do Sul; o preparo desses simples manjares fica entregue tanto quanto possível a eles próprios, que os comem em uma abóbora escavada ou nas cuias da árvore de cuité (...) Negros e negras que se comportam bem, recebem como recompensa fumo ou rapé. Passam a noite sobre esteiras providas de cobertores de lã. Muitos desses escravos pertencem ao regente e são remetidos para aqui, das colônias africanas, como tributos. Quem deseja comprar escravos dirige-se para fazer a escolha à Rua do Valongo, onde os guardas os apresentam inteiramente nus, em filas. O comprador verifica o vigor físico e a saúde, ora apalpando o corpo todo, ora fazendo o negro executar rápido movimento especialmente a extensão do punho cerrado. Defeitos orgânicos ocultos, sobretudo a tão comum disposição a catarata, é o que mais se receia nestas compras. Feita a escolha, é determinada o preço da compra, que aqui monta em trezentos e cinquenta a setecentos florins por um negro saudável e viril ; o vendedor fica responsável ainda por prazo de quinze dias , caso se descobrirem quaisquer defeitos físicos. O comprador leva consigo então a sua aquisição, que segundo a necessidade, ele destina para artesão, tocador de mulas ou criado" ¹⁹⁴

A resistência dos africanos escravizados será trabalhada tendo como exemplo as disputas judiciais que ocorriam no Brasil para obter a alforria. E uma caso emblemático foi das escravas Rubina e Fortunata desenvolvidos e explicados no livro *Visões da liberdade* de Sidney Calhoub¹⁹⁵. O caso das escravas seria contado resumidamente como exemplo para as várias formas que existiam para obter a liberdade e fazendo paralelos com formas de resistências atuais, sempre deixando os alunos falarem e fazerem as associações com outras formas mais comuns de resistência como as fugas e os quilombos e também com outras resistências do presente, como por exemplo, as cotas raciais. Nesse ponto abriria para o debate.

¹⁹⁴ Spix, Johann Baptist Von & Martius, Karl Friedrch Philip von. Viagem pelo Brasil, 2v. 1 ° ed. alemão, 1823 - tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo/Brasília: Editora Melhoramentos -INL 1976 p. 57-58 retirado de HONORATO, Cláudio de Paula VALONGO: O mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758- 1831. Dissertação de mestrado - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História 2008. P 78.

¹⁹⁵ CHALHOUB, Sidney *Visões da Liberdade; uma história da última década da escravidão na corte*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990. p. 108-122

Em suma os cliques interpretados à luz dos diversos conceitos estudados nos trabalhos dos diversos autores citados podem promover um aprofundamento dos conteúdos históricos e uma ressignificação dos mesmos, possibilitando com que eles sejam apropriados e divulgados pela nova geração de alunos e sua circulação potencializada com os mais variados recursos tecnológicos, mesmo dentro de uma sala de aula tradicional. E, além disso, todas as questões acima e reflexões podem ser adaptadas para a produção de diversas aulas no canal Quinhoar, criando uma base de dados que através dos celulares podem ser acessados em sala e também compartilhados.

Tais aulas produzidas no estudo acima serviram de norte para os primeiros vídeos do canal Quinhoar e geraram diversas narrativas históricas, entre elas se destaca a narrativa abaixo.

Inicialmente, as vídeos-aulas terão uma explicação resumida, factual, com localização cronológica e geográfica sobre o tema. E, posteriormente, um pequeno resumo dos acontecimentos históricos, selecionados e referentes ao tema. Em seguida, ocorrerão as abordagens de alguns conceitos mais tradicionais, como por exemplo, explicar minimamente o que foi o tráfico de escravos no século XVIII e a escravidão na América portuguesa¹⁹⁶. Somente depois de uma breve contextualização histórica os vídeos irão promover uma reflexão ou aprofundamento de algum aspecto do tema. Assim tem destaque a seguinte forma de organização intelectual das aulas. Veja

- 1- Contextualização histórica;
- 2- Reflexão ou aprofundamento referente ao tema;

Dependendo do tema e suas complexidades tais divisões poderão ser concretizadas em dois vídeos distintos, com no máximo oito minutos podendo ser menos. O critério para os oito minutos foi a necessidade de informação rápida e constante que os jovens possuem hoje¹⁹⁷.

¹⁹⁶ ALADRÉN, Gabriel O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa in _____DANTAS, Carolina Vianna, ABREU, Hebe Mattos (org.) *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

¹⁹⁷ SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes. A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto;2012____. *O Homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

Após a pesquisa histórica e a produção de um material acadêmico escrito ocorrerá a divisão do mesmo em pequenos temas que podem gerar os vídeos. E posteriormente a produção de uma narrativa¹⁹⁸, com o conteúdo pesquisado, mas com uma linguagem voltada para os jovens da geração atual. E, por último, um roteiro¹⁹⁹ com as possíveis edições e efeitos que serão introduzidos na narrativa, como por exemplo, imagens, músicas, gifs.²⁰⁰ Demais efeitos podem ser produzidos no Premiere e After Effects, como o texto, o zoom, alguns efeitos na voz, entre outros. Essa última etapa será produzida a partir da criatividade do editor e o conhecimento das ferramentas digitais, que os programas utilizados possuem. Ficando a seguinte divisão didática e técnica:

- 1- Produção de uma narrativa mais dinâmica, dialogando diretamente com o público;
- 2- Introdução de efeitos na narrativa para melhor explicar o conteúdo, sensibilizar ou promover uma reflexão crítica.

Seque em seguida, um exemplo, de uma possível narrativa, geradas a partir do estudo sobre o tema escravidão e tráfico negreiro mencionado no início deste subitem.

- - **Vídeo/Relatório: Aula expositiva sobre o tema: O tráfico de escravos**

A vídeo aula foi produzido e postado no *YouTube*²⁰¹. Até o dia 29/05/2018 foram 641 visualizações no *Youtube*, e 4.152 visualizações no *Facebook*. O vídeo foi compartilhado nas redes sociais: *Facebook* em 29 de abril de 2018. Segue abaixo o relatório de sua produção, dividido em seis quadros principais.

¹⁹⁸ A fala propriamente do professor, na apresentação do vídeo.

¹⁹⁹ O roteiro pode ser alterado, e, muito provavelmente, ele será, quando for concretizado nos programas After Effects e Premiere. Estas alterações irão ocorrer devido ao próprio potencial de criação dos programas ou devido a possíveis erros que são comuns ocorrer e imprevisíveis.;

²⁰⁰ As imagens, os gifs, as músicas e demais efeitos serão baixados da internet, priorizando material de domínio público, como por exemplo, os diversos efeitos de croma que estão disponíveis no *YouTube* (<https://www.youtube.com/watch?v=ykihxrIuJ0s&list=PLXYva-98vozVQmNkfUJYWHYL5RoNyGT0b>, acesso em 04/08/2017), em canais do próprio *YouTube* que oferecem materiais gratuitamente, como por exemplo, Ajuda no *YouTube* (https://www.youtube.com/user/youtubehelp?sub_confirmation=1, acesso em 04/08/2017) e A.R. EFEITOS SONOROS (<https://www.youtube.com/channel/UCgz4mHJmCG8Cz3ZveDN9yCg>, acesso em 04/08/2017).

²⁰¹ <https://www.youtube.com/watch?v=rJ4MJO21KcQ>;

| | |
|------------------------------------|--|
| Quadro | 1 |
| Tempo | 00:00 até 0:50 / Duração de 50 segundos. |
| Texto | Olá... eu me chamo Raquel sou professora de história e esse canal é o Quinhoar: Ensino de História. Que bom que você está aí, pois na aula de hoje nós vamos conversar um pouquinho sobre o tráfico negreiro. Mas calma, não precisa se assustar. Tráfico, que a gente vai falar não é nada errado, não é nada ilegal, não. É que lá, para meados do século XVIII, tráfico, a palavra tráfico, estava associada com a venda e a compra de pessoas. Éeeee por mais estranho que possa parecer comprar e vender pessoas não era errado, não era ilegal. Lá Em meados do século XVIII. É o que a gente vai falar um pouquinho nesse vídeo. Mas antes de continuar não se esqueça de curtir aí no canal, se inscrever e principalmente compartilhar. Porque o Quinhoar é para vocês e com vocês. |
| Objetivos | Apresentar o canal; Atrair a atenção do público; Contribuir com a divulgação do canal no <i>YouTube</i> e no Facebook; Introduzir o tema da vídeo-aula: Tráfico Nегreiro, século XVIII; |
| Recursos didáticos | Vinheta do canal circulando no fundo da imagem. Produzida no After Effects e Adobe Premiere; Imagem de fundo Entertainment Croma Long ²⁰² ; |
| Conceitos e palavras-chaves | Quinhoar: Ensino de História; Tráfico Nегreiro, Século XVIII |
| Leituras Básicas | |

| | |
|------------------|--|
| Quadro | 2 |
| Tempo | 0:51 até 0:57. Duração de 6 segundo. |
| Texto | Vinheta. |
| Objetivos | Criar uma identidade ao canal; Criar uma imagem que traga a ideia de construção de conhecimento histórico. Sendo este feito por meio de muitas fontes, muitas abordagens, muitas teorias e escolhas. E, em um constante movimento de ida e vinda; Reforçar a ideia de compartilhamento, com a palavra Quinhoar espalhando suas letras no final; Sensibilizar e atrair o público com imagens ²⁰³ , efeitos ²⁰⁴ e música ²⁰⁵ ; |

²⁰² A imagem de fundo é um cenário virtual para o efeito Croma Key, chamado Entertainment Croma Key, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aEcX5YGu-W4>, acesso 29/05/2018. Existe uma biblioteca de cenários virtuais, no próprio Youtube. Este as disponibilizam gratuitamente no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=58YOxeznPFU&list=PLNSskrElaTxPEgvd3Jr-tyEUqhYDeMZmv>, acesso em 29/05/2018.

²⁰³ As imagens foram obtidas na biblioteca de imagens gratuitas do Google, disponível em: <https://images.google.com>, acesso em 29/05/2018;

²⁰⁴ Os efeitos e a imagem do cubo, em si, foi produzida no programa After Effects, da Adobe Premier.

²⁰⁵ A música foi obtida na biblioteca de áudio do *YouTube* (Brasil), disponível em: <https://www.youtube.com/user/AudioLibraryBR>, acesso em 29/05/2018. Nome da música: *Grassy Hill [Alternativo e punk Brihante]*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Fk1agJ-AbI>, acesso em 29/05/2018.

| | |
|------------------------------------|--|
| Recursos didáticos | Imagem de práticas da escravidão a e mulher negra; Imagem do Che Guevara. Imagem do Holocausto; Imagem de diferentes rostos e culturas; Imagem do homem-tanque na praça da paz Celestial (China) ²⁰⁶ ; Efeitos sobre um cubo girando irregularmente feito no After Effects; Música <i>Grassy Hill [Alternativo e punk Brilhante]</i> ; |
| Conceitos e palavras-chaves | Conhecimento Histórico ²⁰⁷ ; |
| Leituras Básicas | KOSELLECK, Reinhart ²⁰⁸ ;ARRUDA, Eucínio ²⁰⁹ ;GOMES, Ângela de Castro ²¹⁰ ;SARLO, Beatriz ²¹¹ ;HARTOG, François, ²¹² ;MIRANDA, Sonia Regina ²¹³ ; MONTEIRO, Ana Maria ²¹⁴ ;POLACK, Michael ²¹⁵ ;ARENDDT, Hannah ²¹⁶ ;NUNES, Benedito ²¹⁷ ; |

É interessante destacar com relação à vinheta, que, a mesma, foi produzida com o objetivo de gerar uma imagem, que sinalize ou reflita sobre a construção do conhecimento histórico. O cubo seria a "pretensa ideia de verdade histórica", inatingível. As diversas imagens representariam as fontes, os documentos, as teorias e os critérios científicos, utilizados para

²⁰⁶ As imagens foram obtidas na biblioteca de imagens gratuitas do Google, disponível em: <https://images.google.com>, acesso em 29/05/2018;

²⁰⁷ O conhecimento adquirido para compreender o processo de conhecimento histórico, assim como as leituras realizadas foram feitas durante as discussões, nas aulas do curso Teoria da História com os professores Marcia de Almeida Gonçalves e Daniel Pinha, segundo semestre de 2016, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História -PROF/HISTÓRIA- Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ.

²⁰⁸ KOSELLECK, Reinhart. *"Espaços de experiência e horizonte de expectativas: duas categorias históricas"*. Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora da Puc-Rio, p. 305-327. KOSELLECK, Reinhart, "História Magistrae Vitae". In Futuro passado. Para uma semântica de los tiempos históricos. Barcelona: Ediciones Paidós, p. 41-66. KOSELLECK, Reinhart *Los estratos del tempo: estudios sobre la historia*. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 2001, p. 35-92.

²⁰⁹ ARRUDA, Eucínio pimenta. Cultura e ensino de História na perspectiva das redes sociais e do ciberespaço. In BERETA, Cristiane; ZAMBONI, Ernesta (orgs.). *Ensino de história, memória e culturas*. Curitiba; CRV, 2013

²¹⁰ GOMES, Ângela de Castro. "É a história uma ciência"? O IHGB e os historiadores da primeira República In *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009;

²¹¹ SARLO, Beatriz. Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia das letras; Belo Horizonte: editora da UFMG, p. 9-44.

²¹² HARTOG, François. Regime de historicidade. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 9-4.

²¹³ MIRANDA, Sonia Regina. Aprender e ensinar o tempo histórico em tempos de incertezas: reflexões e desafios para o professor de história. In.: Marcia Gonçalves, Helenice Rocha, Luis Reznik, Ana Maria Monteiro (org). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 231-262.

²¹⁴ MONTEIRO, Ana Maria. Tempo presente no ensino de história: o anacronismo em questão. In.: In.: Marcia Gonçalves, Helenice Rocha, Luis Reznik, Ana Maria Monteiro (org). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 191-214.

²¹⁵ POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In.: Revista Estudos Históricos. V, 2, n.3, 1989, p. 3-15. POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In.: Revista Estudos Históricos. V, 5, n.10, 1992, p. 200-212.

²¹⁶ ARENDT, Hannah. O conceito de história _ Antigo e Moderno. In.: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p.69-126.

²¹⁷ NUNES, Benedito. Experiência do tempo. In.: Novais, Adauto (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 131-140.

tentar se aproximar, o possível, da "pretensa ideia de verdade histórica". O movimento do cubo aponta para o ofício do historiador em um constante movimento de ida e vinda ao passado.

O movimento variável do cubo, também é uma tentativa de apontar para as opções que historiador faz, de acordo com seus objetivos, de acordo com as exigências de sua pesquisa, de acordo com os conceitos e as teorias utilizadas. A configuração final do cubo, não apresenta todas as imagens ou todas as suas faces, representando assim, questões que não foram totalmente respondidas, estradas que ainda existem para serem percorridas, lacunas e limitações do processo da pesquisa.

Todavia, o cubo, pode girar novamente apresentando novas facetas, novos ângulos e novos encaixes não tão perfeitos.

Logo, o cubo tem potencial de gerar uma imagem final, nova ou com detalhes diferentes, e, proveniente do processo de construção histórica.

A palavra Quinhoar explodindo e se espalhando sinaliza para o objetivo final desse trabalho que é o compartilhamento do conhecimento produzido no encontro com o "outro". No caso específico desse trabalho o encontro da academia com o professor de educação básica e este com seus alunos em processo cíclico e mediado pela história pública digital.

| Quadro | 3 |
|---------------|--|
| Tempo | 0:58 até 9:06. Duração de 8 minutos e 10 segundos |
| Texto | Bem... A nossa história começa no século XV com as grandes navegações ou expansão marítima e comercial, que resumidamente foi a saída dos portugueses dos espanhóis da Península Ibérica na Europa com o objetivo de estabelecer novas relações comerciais. Essa saída foi feita através de viagens marítimas pelo Oceano Atlântico e por vários outros oceanos, também. Uma das principais consequências da expansão marítima e Comercial foi a descoberta ou a dominação de novos continentes de novos territórios. Estas novas terras ficaram conhecidas como Novo Mundo, novo porque era tudo, novo. Novos animais, novos vegetais, novas pessoas, novas culturas, novas formas de enriquecer, de lucrar, Novo Mundo. Uma, dessas novas terras, desses novos mundos. Foi aqui na América, o território hoje chamado de Brasil. Os portugueses foram os primeiros europeus a chegarem aqui no Brasil. E como eles chegaram aqui, eles logo se intitularam donos da terra. E nem levaram em consideração as diversas tribos nativas que aqui já estavam. Que aqui moravam, e que de fato eram os verdadeiros donos desse território. Os portugueses falaram: '_. Eu sou dono, essa terra é minha e agora eu vou começar a pensar maneiras de lucrar de enriquecer com esse novo território, com esse Novo Mundo. Eles não estabeleceram forma de enriquecer de lucrar inicialmente, não. Demorou um pouquinho para eles começarem a extrair a riqueza. As principais riquezas extraídas, aqui do Brasil, inicialmente, foram: O pau-brasil, por causa da madeira muito utilizada para fazer Caravelas e Naus. E, também, por causa do pigmento vermelho, que vai ser muito utilizado na Europa. E vai ser muito lucrativo. Além do pau-brasil eles também extraíram o óleo da baleia, o sal e diversos outros produtos. De acordo com os interesses deles. |

O problema inicial foi. Para extrair estas riquezas foi preciso mão-de-obra. Pessoas para trabalhar na extração desses produtos. E, como é, que os portugueses vão solucionar esses problemas? Os portugueses vão introduzir aqui no Brasil a escravidão mercadoria. Pegaram diversos africanos e transformaram esses africanos, em escravos. Trouxeram estes africanos, aqui, para o Brasil, na condição de escravos. Não foi só para o Brasil que eles vão trazer. Africanos foram enviados para diversos lugares do mundo, de forma forçada. De acordo com os interesses dos Portugueses e dos Espanhóis, e também de outras Nações, estados-nações da Europa. O fato é que em meados do século XVII, mais de dois milhões e meio, de africanos, foram enviados aqui para o Brasil, na condição de escravos, para trabalhar para os portugueses. Imagina só você estava lá de boa feliz e contente, na sua terra, com sua família, com seus amigos, com seus rituais, com sua cultura com sua forma de viver. Aí... vêm pessoas que talvez você nunca tenha ouvido falar na sua vida, ou visto te aprisionam. Pegam você com força, coloca você em uma embarcação obriga você atravessar um oceano inteiro. Para outra terra totalmente diferente da sua e falam que você vai ser um escravo, que a partir de agora você pode ser comprado vendido, leiloada, trocado que você perdeu a sua humanidade. Imagina o quão cruel isso foi? Isso aconteceu com muitas, e muitas pessoas, e foi a prática da escravidão mercadoria. Esses escravos ou africanos escravizados tem toda uma história. Tem nome. Foram trazidos, aqui, para o Brasil, forçados. Essa travessia, forçada, dos africanos escravizados ficou conhecida como diáspora africana. E muitos deles nem sequer conseguiram chegar vivos no território do destino deles, pois muitos morreram nessa travessia. Porque ela era perigosa, muito difícil e os que não morriam na Travessia preferiam se suicidar. Muitos se jogaram, se lançaram no mar, para tentar fugir do destino da escravidão. É claro que muitos, desses africanos escravizados estabeleceram diversas resistências, para lutar contra esse sistema, contra essa opressão. Mas isso a gente vai estudar com calma, devagarzinho, nos próximos vídeos. É só aguardar. Entretanto, você deve estar se perguntando, aí na sua cabeça. Por que? Por quê? Por quê? Por que os portugueses resolveram fazer isso? Qual é a explicação histórica para isso? O porquê disso? Bem diversos historiadores se debruçaram sobre esse tema e realizaram diversas pesquisas para tentar chegar a uma resposta para essa indagação. Entre esses historiadores, a galera que estuda o passado de acordo com fontes, fazendo pesquisas. Entre esses historiadores se destacam Hebe Mattos e Gabriel Aladrén. Que foram os dois historiadores que eu consultei para fazer essa aulazinha para vocês. Então de acordo com os historiadores existem três grandes explicações históricas para a diáspora africana: A primeira delas é o mercantilismo, que era o sistema econômico da época. Afirmava que existiam na colônia, no caso o Brasil, e uma Metrópole, no caso Portugal. A colônia tinha como principal objetivo ser explorada. E, a Metrópole tinha direito de retirar as riquezas dessa terra, da sua colônia, de acordo com seus interesses. O mercantilismo foi utilizado como principal Norte como principal instrumento de raciocínio de pensamento dos portugueses e dos espanhóis daquela época, daquele período. A segunda explicação foi a insuficiência demográfica. Não existiam pessoas aqui em quantidade suficiente para extrair toda a riqueza que os portugueses desejavam. E a terceira era o próprio conhecimento da escravidão mercadoria, pois os portugueses já a praticavam e já havia introduzido a escravidão mercadoria em outras colônias suas. Apesar que... na Europa nesse momento, a escravidão mercadoria estava em desuso. Quando ela foi intensamente praticada, aqui na América. Principalmente no

| | |
|------------------------------------|--|
| | <p>Brasil, e nos Estados Unidos. Assim, a diáspora africana foi a maior migração forçada, de toda a história. E mais do que isso como milhões de Africanos vieram aqui para o Brasil eles ajudaram, eles contribuíram para a formação de toda a sociedade brasileira. Por isso, é fundamental, é muito importante estudar a África, estudar a realidade desses africanos escravizados. Entender que eles eram muito mais que mercadoria. Eles eram sujeitos. Eles participaram da formação de uma nação e até hoje eles precisam ser valorizados. Os africanos escravizados deixaram diversos herdeiros que toda população negra, que faz parte do nosso território. Por isso, é fundamental respeitar toda essa população e garantir que seus direitos sejam praticados, sejam viabilizadas, pois, muitos deles ainda estão excluídos. Muitos deles estão excluídos de direitos básicos como saúde, educação segurança e diversos outros. Então vamos parar, vamos prestar atenção porque nós somos diversos, nós somos coloridos, nós somos herdeiros, desses africanos e nós fazemos parte desse grande Brasil.</p> |
| Objetivos | <p>Apresentar contexto do o tráfico de escravos africanos a partir do século XV -VXIII; Abordar os conceitos de Diáspora Africana; Destacar visualmente povos nativos; Sensibilizar o público; Enfatizar o pacto colonial com gráfico; Conscientizar para a importância do estudo da África; Estimular o respeito ao "outro"; Destacar e exclusão social que afeta a população negra no Brasil;</p> |
| Recursos didáticos | <p>Imagem de fundo da Biblioteca Científica de Oberlausitzische, Gorlitz, Alemanha²¹⁸; Imagem do mapa mundi com efeitos visuais.²¹⁹; Imagem de caravelas, povos indígenas; Imagens de pau-brasil, sal, baleia; Imagens de mãos acorrentadas, pessoas acorrentadas, assustadas.²²⁰; Títulos escritos durante o vídeo com informações.²²¹; Gráfico com efeitos visuais sobre o pacto colonial²²²;</p> |
| Conceitos e palavras-chaves | <p>Grandes Navegações; Novo Mundo; Povos indígenas; Escravidão Mercadoria Moderna; Diáspora Africana; Mercantilismo²²³; Colônia; Metrópole; Pacto colonial;</p> |

²¹⁸**Biblioteca Científica de Oberlausitzische, Gorlitz, Alemanha.** Disponível em: <https://misteriosdo-mundo.org/as-15-bibliotecas-mais-majestosas-do-planeta>, acesso em 29/05/2018.

²¹⁹ Produzido no programa After effects.

²²⁰ As imagens foram obtidas na biblioteca de imagens gratuitas do Google, disponível em: <https://images.google.com>, acesso em 29/05/2018;

²²¹ Produzidos no programa Adobe Premier.

²²² O Gráfico foi produzido no After Effects

²²³ FALCON, Francisco J.C. *Mercantilismo em Transição*. Editora Brasilienses, 1982.

| | |
|-------------------------|---|
| Leituras Básicas | GABRIEL Aladrén ²²⁴ ; FLORENTINO, Manolo ²²⁵ ; RODRIGUES, Jaime ²²⁶ ; GORENDER, Jacob ²²⁷ ; ABREU, Hebe Mattos ²²⁸ ; ALENCASTRO, Luis Fernando ²²⁹ ; NOVAIS, Fernando ²³⁰ ; PEREIRA, Amilcar Araujo ²³¹ ; GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira ²³² |
|-------------------------|---|

| | |
|-----------------------------------|---------------------------------------|
| Quadro | 4 |
| Tempo | 9:07 até 9:09. Duração de 2 segundos. |
| Texto | Transição produzida no After Effects; |
| Objetivo | Criar uma pausa; |
| Recursos didáticos | Efeitos gráficos no After Effects; |
| Conceitos, palavras chaves | |
| Leituras Básicas | |

| | |
|---------------|--|
| Quadro | 5 |
| Tempo | 9:10 até 9:54. Duração de 44 segundos. |
| Texto | Então... vamos fazer uma revisão agora das principais partes desse vídeo. Na aula de hoje nós vimos escravidão mercadoria, diáspora Africana e Grandes Navegações. Veja se você entendeu tudo direitinho. Qualquer |

²²⁴ ALADRÉN, Gabriel: O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa in _____ DANTAS, Carolina Vianna, ABREU, Hebe Mattos (org.) *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012

²²⁵ FLORENTINO, Manolo: *Costas negras, em: uma história do tráfico negreiro de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)* editora UNESP 2014, FLORENTINO, Manolo: *Tráfico Atlântico, mercado colonial e famílias escravas no Rio de Janeiro, Brasil, c. 1790-c.1830, História: Questões & Debates, Curitiba, n. 51, p. 69-119, jul. /Dez. 2009. Editora UFPR, in.: _____ <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/19985/13171>,*

²²⁶ RODRIGUES, Jaime: *Cultura marítima: marinheiros e escravos tráfico negreiro para o Brasil (XVIII E XIX)* Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 19, n° 38, p. 15-53. 1999, <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v19n38/0995.pdf>. RODRIGUES, Jaime: *O Tráfico de Escravos para o Brasil*. São Paulo: Ática, 1997. <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/download/109/104>

²²⁷ GORENDER, Jacob. *Escravidão Colonial*. 3a Ed. São Paulo, Ática, 1980,

²²⁸ MATTOS, Hebe Abreu (org.) DANTAS, Carolina Vianna, *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. MATTOS, Hebe. A escravidão moderna nos quadros do Império Português: o Antigo Regime em perspectiva atlântica. In: FRAGOSO, João et. Al (org). *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 141-162.

²²⁹ ALENCASTRO, O aprendizado da colonização. In.: Luis Fernando. *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul Séculos XVI E XVII* Companhia das letras ano 2000.

²³⁰ NOVAIS, Fernando. Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial. São Paulo: Hucitec, 1979.

²³¹ PEREIRA, Amilcar Araujo. O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ, 2013. (Capítulo 1, pp. 47-82);

²³² GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento negro e educação. Revista Brasileira de Educação, set. 2000, nº 15, pp. 134-158.

| | |
|-----------------------------------|--|
| | coisa é só colocar as perguntas aí embaixo que eu vou tentar responder, ou fazer mais vídeos para solucionar. Mas se você se interessou por essa aula, por esse tema e quer aprender mais. Aprofundar.... Logo, em seguida eu vou estar colocando uma série de indicações bibliográficas. Mas não esqueça hein. Curtir, compartilhar e se inscreva no canal. Afinal de contas o que o Quinhoar é para vocês e com vocês. Quinhoar! |
| Objetivo | Encerrar aula; Realizar uma revisão dos conceitos principais; Ressaltar a possibilidade de estabelecer uma relação através dos comentários; Reforçar a ideia de compartilhamento com um efeito visual; |
| Recursos didáticos | Efeito visual com a tela fragmentando-se. ²³³ Imagem de fundo da Biblioteca Científica de Oberlausitzische, Gorlitz, Alemanha |
| Conceitos, palavras chaves | Escravidão Mercadoria; Diáspora Africana; Grandes Navegações; |
| Leituras Básicas | |

| | |
|-----------------------------------|---|
| Quadro | 6 |
| Tempo | 9:54 até 10:00. Duração de 6 segundos. |
| Texto | Bibliografia; |
| Objetivo | Destacar uma Bibliografia básica para o público/Ensino Médio. |
| Recursos didáticos | Imagem de fundo da Biblioteca Científica de Oberlausitzische, Gorlitz, Alemanha ; Fundo preto (quadrado); Quatro indicações Bibliográficas escritas; |
| Conceitos, palavras chaves | Aprofundamento; |
| Leituras Básicas | ALADRÉN, Gabriel ²³⁴ ; MATTOS, Hebe ²³⁵ ; CHALHOUB, Sidney ²³⁶ ; BICCA, Angela ²³⁷ ; |

O objetivo principal desse vídeo, e dos próximos, foi, e é, fomentar reflexões ou aprofundamentos referentes a utilização da escravidão africana no Brasil e apontar algumas

²³³ Efeito produzido no Afetr Effects;

²³⁴ ALADRÉN, Gabriel O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa in _____ DANTAS, Carolina Vianna, ABREU, Hebe Mattos (org.) *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

²³⁵ DANTAS, Carolina Vianna, ABREU, Hebe Mattos (org.) *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

²³⁶ CHALHOUB, Sidney *Visões da Liberdade; uma história da última década da escravidão na corte*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990. p. 108-122

²³⁷ BICCA, Angela Dilmann Nunes; CUNHA, Ana Paula de Araújo et alli. Identidades Nerd/ Geek na web: um estudo sobre pedagogias e culturas juvenis. *Conjectura. Filos. Educ, Caxias do Sul*, v. 8, nº, p. 87-04, jan/abril. 2013

consequências sociais, da mesma, para a sociedade brasileira atual. Para isso, foi selecionado o clipe *A carne*²³⁸, e a música do mesmo nome composta por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette.

Seguindo o mesmo modelo do vídeo anterior, nos próximos vídeos deverá ocorrer a interpretação da letra de música. Posteriormente, o professor irá elaborar algumas perguntas²³⁹ com o objetivo de provocar a reflexão, e não dar uma resposta histórica, diretamente. Porém alguns argumentos históricos serão utilizados para promover a sensibilização dos alunos para o tema, e o interesse pelo estudo.

Apenas uma ou no máximo duas perguntas serão utilizadas no vídeo aula, por causa do tempo dos vídeos, todavia, ao tentar refletir sobre algumas dessas perguntas poderia se abrir um caminho para entender algumas permanências do sistema de escravidão no Brasil, às lutas de resistência do passado e do presente e a conscientização do lugar social que alguns alunos ocupam na sociedade.

As aulas do Quinhoar estão comprometidas com a divulgação do conhecimento histórico, por isso, a importância de uma pesquisa historiográfica e abordagens factuais.

Entretanto, também tem como um dos objetivos criar um posicionamento crítico nos jovens, os quais ao assistirem às aulas, podem se apropriar de alguns conceitos defendidos pelo canal, como, por exemplo, respeito e democracia. E assim, possam aplicar os mesmos conceitos em suas vidas e na sociedade.

Tendo em mente a narrativas anteriormente exposta no gráfico, o suporte teórico utilizado para melhor compreende-las são as contribuições reflexivas do autor Paul Ricoeur²⁴⁰. Tal pensador destaca que o resultado das investigações do historiador gera uma narrativa com produção de sentido e, por consequência, a elaboração de uma intriga. Todavia, a história tem um comprometimento com a verdade ou com a verificação sobre o que foi vivido por um personagem em um determinado tempo e espaço. Porém, a intriga não pode ser menosprezada, pois produz um sentido articulado com um sujeito, e, espaço, e por isso, tem o potencial de produzir aproximações e sensibilizar. A narrativa é uma instância de elaboração cognitiva, e, dessa forma, existe uma construção de identidade, a qual é resultado do processo de conhecimento do sujeito que elabora a narração. As identidades narrativas podem ser conceitos norteadores nas aulas produzidas pelo Quinhoar e também própria fala do professor durante os vídeos.

²³⁸ O Clipe está no Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=B1Binn6oupA>, acessado em 6/06/2017

²³⁹ As perguntas são aquelas destacadas anteriormente neste trabalho.

²⁴⁰ RICOUER, Paul. "Para uma hermenêutica da consciência histórica". In *Tempo e Narrativa*, São Paulo: Martins Fontes, 2010, volume 3, p. 353-408.

Assim, o espaço de experiência pode ser aberto ao dar voz a outras narrativas e ter em mente que tais narrativas estão relacionadas com questões do presente; que tais formulações também são olhares sobre uma parcela do passado, e as mesmas indagações também representam anseios, sentimentos e questões do presente. Logo, pode-se afirmar que tais narrativas e olhares são afetados pelo passado e o narrador deve ter consciência que está produzindo uma narrativa parcial, pois o passado em si é incompreensível. As produções narrativas, incluindo a acadêmica, são apenas pequenos prismas sobre o passado e muito marcados pelo presente. Toda a produção de conhecimento é uma narrativa e tal posicionamento rompe com uma visão de história única, possibilitando uma valorização de pluralismos, das falas de muitos sujeitos. Para tal, a chave analítica criada por Koselleck é algo que possibilita um conjunto de interpretações e compreensões sobre as ações dos homens no passado, presente e perspectivas de futuro. "...É o próprio propósito de "fazer história" que pede o passo atrás do futuro para o passado..."²⁴¹.

E dentro dessa visão, a historiografia é apenas uma das narrativas que permitem uma interpretação do passado, até porque para pensar sobre o tempo histórico é preciso a narrativa, a materialidade de uma fala organizada de sujeitos em um tempo. Em outras palavras a figuração do tempo, a materialidade do tempo se realiza através da narrativa. A narrativa permite compreender de maneira mais nítida as apreensões dos sujeitos humanos no tempo. Através das narrativas a consciência histórica pode ser interpretada e orientar indivíduos sujeitos para, no tempo presente, tomar algumas iniciativas, ou melhor, compreender alguns acontecimentos. Por isso, a hermenêutica da consciência histórica está atrelada ao agir no mundo: pensar, analisar, pesquisar para agir no mundo; e tais ações podem gerar uma cisma entre o horizonte de expectativas e espaços de experiências.

"... A inteligibilidade lógica não é incompatível com o vivido e a busca da compreensão dos sentidos atribuídos pelos diferentes sujeitos a este vivido..."²⁴²

²⁴¹ RICOUER, Paul. "Para uma hermenêutica da consciência histórica". In **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010, volume 3, p. 368.

²⁴² MONTEIRO, Ana Maria. "Tempo presente no ensino de história: o anacronismo em questão". In--- Qual o valor da história hoje? Rev. Bras. Hist. vol.33 no.65 São Paulo 2013 <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-0188201300010002> p. 205.

Não podemos controlar ou determinar o futuro, pois o mesmo não está posto, mas podemos melhor compreender o presente e tomar decisões éticas e mais comprometidas com o nosso horizonte de expectativas. As aulas do Quinhoar estarão comprometidas com horizonte de expectativa mais democrático e igualitário.

Dentro dessa perspectiva, pretendo elaborar aulas visuais através do canal no *YouTube*, as quais, também serão uma determinada narrativa que pressupõem interpretar uma pequena parte do passado. Todavia, dentro desse objetivo pretendo seguir o método historiográfico de análise e verificação através de fontes históricas para ter o melhor resultado possível.

Além dessas considerações, pretendo atingir alunos do Ensino Básico, e para isso, as narrativas visuais do Quinhoar terão uma prática controlada do anacronismo de acordo com Nicole Lauraux²⁴³. Assim, mesmo considerando o anacronismo um pecado mortal do historiador e correndo o risco de perder o status profissional, pretendo utilizá-lo para realizar analogias, até porque desejo utilizar o presente para fazer perguntas e as aulas também estarão muito marcadas pelo lugar social que ocupo no mundo que é de professora da rede de ensino básica, proletarizada, que faz parte de uma classe social explorada e marginalizada na atualidade.²⁴⁴

"... a compreensão e a explicação são aquelas de uma pessoa de seu tempo, com suas referências culturais e também teóricas. O pensamento histórico, que realiza a análise histórica, é do historiador que é um homem ou mulher de uma comunidade profissional de seu tempo..."²⁴⁵

Pretendo voltar para o passado com questões do presente para retornar ao presente com a compreensão do passado. A ideia principal é voltar o olhar para o passado e acumular conhecimento para melhor compreender o presente. E para obter um controle maior sobre tal anacronismo pretendo ter o cuidado em não submeter o meu objeto de estudo a questões e interrogações que não eram de sua época e não criar permanências que não são:

²⁴³ LORAUX Nicole. *"Elogio do anacronismo"*. In:NOVAES, Adauto (org.). Tempo e História. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 131-140.

²⁴⁴ NICODEMOS, A. *"Trabalho docente e proletarização do magistério: questões atuais para o ensino de história na educação de jovens e adultos"*. In.:__. Aproximação histórico conceituais in o trabalho docente de história no PEJA/RJ: as possibilidades de elaboração, execução e ressignificação de um currículo crítico. Tese doutorado_ Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2013.

²⁴⁵ MONTEIRO, Ana Maria. *Tempo presente no ensino de história: mediações culturais no currículo*, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, p. 194

" ... Entre o atual e o antigo, quem pretende controlar o jogo do anacronismo deve, portanto, jogar com cautela; a maior mobilidade é requerida: é preciso saber ir e vir, e sempre se deslocar para proceder às necessárias distinções. Em outros termos, nenhuma identificação com sentido único é duradouramente possível..." ²⁴⁶

Outro autor, importante, que auxilia a compreensão da prática do anacronismo controlado e também das diversas analogias utilizadas durante as narrativas produzidas é o historiador autor Gabriel Henrique A. Teixeira²⁴⁷. De acordo com tal pesquisador os diversos professores de história mobilizam de forma consciente ou inconscientemente a racionalidade analógica em sua prática pedagógica. Nesse trabalho, ocorre uma busca por usar tais práticas conscientemente. Assim:

"...Segundo Monteiro, a analogia se configura em recurso pertinente para auxiliar os alunos a avançar no processo de construção de conceitos do tema em estudo por meio de sua contextualização na "realidade" do aluno, no tempo presente. Para a autora, o uso constante da racionalidade analógica - por ter a força de criação do saber histórico escolar - não pode resultar em uma naturalização, pois ao aproximar o estranho do familiar, o raciocínio analógico pode levar a um esvaziamento epistemológico da história ensinada, na medida em que a questão das temporalidades não é considerada. Nesse sentido, a autora alerta para que o exercício comparativo seja conduzido a partir da identificação de diferenças e semelhanças, pensada em perspectiva diacrônica..." ²⁴⁸

²⁴⁶ LORAUX, Nicole. " *Elogio do anacronismo*". In_. NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p.64.

²⁴⁷ TEIXEIRA, Gabriel Henrique A. *A operação analógica no ensino de história: usos e parâmetros para a educação básica*. Dissertação (Mestrado em História) Instituto e ciências humanas e sociais., Curso de mestrado em Ensino de História/PROFHISTÓRIA. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

²⁴⁸ Idem. p. 63;

Portanto, as falas produzidas no canal utilizaram e utilizarão as analogias como uma tentativa de se aproximar dos alunos e favorecer a compreensão. Contudo, serão privilegiadas explicações ou exercícios didáticos que enfatizem as diferenças e as semelhanças, com intuito de evitar naturalizações ou erros históricos.

"...Analogia e anacronismo, enquanto recursos da narrativa histórica situam-se em um duplo paradigma: carregam consigo o elemento explicativo e potencializador da aprendizagem e, ao mesmo tempo, tem a força de preterir da dimensão temporal da História, seja na negação da cronologia, seja no tratar a relação entre passado-presente e passado-passado em um nível de equivalência. Dito de outro modo, podemos afirmar que ambos trazem em si, ao mesmo tempo, risco e potência..."²⁴⁹

Um exemplo de analogias utilizado no texto produzido para as aulas se encontra no seguinte fragmento: *...os portugueses falaram: -Eu sou dono, essa terra é minha e agora eu vou começar a pensar maneiras de lucrar de enriquecer, com esse novo território, com esse Novo Mundo.* Neste fragmento, observa-se uma generalização que inclui todos os portugueses. Não existe neste fragmento uma pesquisa com fontes, documentos que possibilite um respaldo científico para tal afirmação. Muito provavelmente a noção de enriquecimento e lucro da Idade Moderna, no decorrer das Grandes Navegações, não é o mesmo conceito que possuímos na atualidade sobre lucro e enriquecimento. Dessa maneira, a frase foi construída apenas como uma forma de aproximação e para favorecer o conhecimento que se pretende construir.

Ao longo da narrativa construída foram introduzidos outros conceitos, como por exemplo, diáspora africana, africanos escravizados. Os quais, remetem a ciência histórica, como forma de não cair em esvaziamentos conceituais e utilizar a potência que os anacronismos e as analogias possuem.

" Em outros termos, nenhuma identificação com sentido único é duradouramente possível. Por isso, o que garante a legitimidade epistemológica da história ensinada em regime de anacronismo é estar consciente do objetivo visado durante a mobilização do análogo. "²⁵⁰

²⁴⁹ Idem. p. 69

²⁵⁰ Idem. p. 70;

Logo, a mobilização dos recursos da analogia e dos anacronismos é entendida como "operação analógica no ensino de história", de acordo com os estudos de Gabriel Henrique A. Teixeira.

"...Desse exercício reflexivo, nasceu o que denominamos de "operação analógica no ensino de história" que, grosso modo, poderia ser resumido pela perspectiva de enxergar a analogia enquanto um recurso retórico- argumentativo da narrativa histórica..."²⁵¹

Aprofundando o argumento anterior é necessário destacar que a narrativa produzida nas aulas do canal Quinhoar não é uma mera cópia dos trabalhos acadêmicos e possuem questões e problemáticas respaldando-as. As aulas do Quinhoar são vistas como uma produção a partir da pesquisa histórica. Nesse sentido, me aproprio das reflexões do historiador Ilmar Rohloff de Mattos²⁵² ao destacar a aula dos professores de história como texto.

" Uma leitura singular que revela o fato de os professores de história estarmos imprimindo à nossa prática cotidiana um significado diverso, provocando talvez uma surpresa e rejeitando uma inferioridade. De modo categórico, afirmamos ainda uma vez que, por meio de uma aula, também se conta uma história; que, ao se contar uma história por meio de aula, também se faz história; e que somente ao se fazer história por meio de uma aula nos tornamos professores de história. Por lermos de um modo singular uma proposição, podemos afirmar que também somos autores. Mas o fazemos não para afirmar uma semelhança, e sim para sublinhar a diferença que nos identifica "²⁵³

Assim, as aulas do Quinhoar são baseadas em uma pesquisa prévia e na produção de um texto acadêmico, o qual foi literalmente exposto no início deste capítulo. A vídeo aula

²⁵¹ Idem.p. 71;

²⁵² MATTOS, Ilmar Rohloff de, "Mas não somente assim! " Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História 21 • Tempo v 11 n 2 1a02.indd 5 27/6/2007 19:12:59 <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a02.pdf>

²⁵³ Idem. p. 11;

produzida, e as demais aulas, são calcadas no texto produzido anteriormente e também nas diversas leituras realizadas e naquelas que ainda serão a partir da proposição de novos temas, para futuras aulas. Logo:

"... e é esta condição de leitor que lhe permitirá tornar-se autor – autor de uma aula como texto ou, dizendo de outra maneira: é esta indagação inquietante que conduz ao estabelecimento de uma relação específica entre as duas práticas do fazer historiográfico, porque a condição para quem ensina história se tornar um autor reside, antes de tudo, na leitura dos textos dos que escrevem a história, a produção historiográfica. Uma relação mediada pelo ato de ler; mas uma leitura que possibilita a produção do texto de uma aula – embora não ainda a Aula como texto, em sentido pleno. Ele não será jamais a mera repetição ou transcrição do texto lido, e quem o produz sabe disto; assim como sabe que jamais lhe será atribuído o valor do texto escrito e impresso que distingue a obra historiográfica. Não obstante, ele se constitui na condição necessária para revelar um novo autor – o professor de história. "²⁵⁴

Dentro dessa perspectiva, é conveniente trazer, mais uma vez, à tona o caráter de compartilhamento do Quinhoar, pois o mesmo foi, e está sendo, produzido coletivamente. Através das diversas interações com os alunos, com um grupo enorme de professores acadêmicos e com diversas pessoas, sejam profissionais das diversas áreas afins, ou não, mas que demonstraram interesse pelo tema e produção. Portanto, o Quinhoar não rompe com a coletividade presente nas aulas de história. Até porque, o Quinhoar fomenta e possibilita a criação de uma relação entre o professor e os alunos, sendo que permeado pelas mídias digitais.

" A aula de história como texto é criação individual e coletiva a um só tempo; criação sempre em curso, que permanentemente renova um objeto de ensino em decorrência de novas leituras, de outras experiências vividas, da chegada de novos alunos, dos encontros acadêmicos e das conversas com os colegas de ofício, do surgimento de novos manuais didáticos, das decisões emanadas das instâncias educacionais e das questões, dos desafios e das expectativas

²⁵⁴ Idem. p. 12

geradas pelo movimento do mundo no qual vivemos, em sua dimensão local ou global..."²⁵⁵

Outro importante teórico que servirá de base para o desenvolvimento das aulas é Reinhart Koselleck com suas duas chaves de compreensão da história, o "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa". Pretendo utilizar estas duas chaves de compreensão para vislumbrar uma parcela possível do passado e, assim, ter conceitos sólidos para desenvolver aulas focadas na compreensão do presente já que, de acordo com o autor os exemplos do passado não servem mais como base para entender o presente. E, tais conceitos, com suas definições podem nos ajudar no movimento de "idas" e "voltas" ao "passado" e presente.

" A experiência é o passado atual, aquele em que acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltada para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem."²⁵⁶

De acordo com o autor, faz-se necessário compreender os diversos processos e suas temporalizações, assim como os diversos horizontes de expectativas que podem estar se desenvolvendo no presente e possibilitando uma multiplicidade de futuro, pois este está sempre

²⁵⁵ Idem. p. 14;

²⁵⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Espaços de experiência e horizonte de expectativas: duas categorias históricas*. **Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora da Puc-Rio, p. 309-310.

em aberto, não determinado. Assim, cada época possui o seu próprio espaço de experiências que por sua vez está relacionado com diversos horizontes de expectativas, o que não significa que todas tenham sido realizadas, mas que podem indicar disputas e conflitos de interesses.

Em vista de todas as reflexões feitas através do trabalho desses autores e dos usos e aplicações dos conceitos propostos é relevante destacar que a utilização do conceito de narrativas nos trabalhos dos historiadores traz a potencialidade de resgate de outras visões dos fatos e outros prismas de análise que foram negligenciados ou marginalizados, possibilitando, assim, uma multiplicidade de histórias que valorizam sujeitos, identidades²⁵⁷ e outros conceitos de história que favorecem uma maior compreensão dos vestígios do passado e contemplam questões fundamentais de compreensão do presente, uma vez que o próprio fazer do trabalho historiográfico é cerceado pela relação entre passado presente e expectativa de futuro. E que tal relação não é progressiva, mas um constante movimento de idas e voltas e revisitações a partir de temáticas do presente.

Assim, o canal apresentará uma linguagem mais informal, voltada para as necessidades de compreensão dos adolescentes e jovens.

"... As modalidades não acadêmicas de textos encaram a investida do passado de modo menos regulado pelo ofício e pelo método, em função de necessidades presentes, intelectuais, afetivas, morais ou políticas." ²⁵⁸

Portanto, os temas apresentados terão um novo formato gerado por uma mídia social amplamente utilizada nos dias atuais que são os canais do *YouTube* e no Facebook, porém estarão voltados para os interesses educacionais de uma nova geração de alunos com novas necessidades e com outros formatos para se comunicarem e, por consequência, novos formatos de narrativas, e produzindo novas histórias.

²⁵⁷ O perigo de uma história única - Chimamanda Adichie in <https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>.

²⁵⁸ SARLO, Beatriz. Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia das letras; Belo Horizonte: editora da UFMG, p. 14.

É pertinente destacar que as aulas do Quinhoar obedecerão às políticas de autoria do próprio *YouTube*, dessa maneira, deverão ocorrer adaptações para não infringir os direitos autorais tanto das músicas como das imagens.

Conclusão

O Canal Quinhoar foi concebido no "chão da escola", e tem como perspectiva máxima ser apropriado pelos alunos. Entretanto, toda a sua gestação foi feita na academia, com a ajuda de diversos intelectuais e muitas frutíferas contribuições. Foram tantas as ideias compartilhadas, generosamente, que tal pesquisa não conseguiu aprofundar-se, dentro do tempo estabelecido, em todos os caminhos apontados. Como por exemplo, a relação do Canal Quinhoar com a cibercultura, e a divulgação do mesmo em outras mídias virtuais, além do *YouTube* e do *Facebook*. A relação do Quinhoar com o *YouTube*, levando em consideração, a política de pagamento dessa mídia e sua história. E os passos para a criação de um canal no *YouTube*. Foram sugeridos diversos temas de aulas, diversas abordagens, tanto pelos alunos, como por muitos historiadores, os quais falaram presencialmente, ou através das mídias virtuais, como por exemplo, os grupos no *Whatsapp*.

As contribuições vieram de tantas formas por tantas pessoas que é impossível nomeá-las sem cometer algum deslize. Também surgiu uma forte demanda dos alunos para postar no Quinhoar os projetos pedagógicos que ocorrem nas escolas e os trabalhos que os alunos realizam. Assim, como também a participação dos diversos professores nesses projetos pedagógicos. Tal participação aconteceria por meio de entrevistas.

Por tudo, acredita-se que o trabalho exposto marca o nascimento do canal, entretanto, ele ainda tem muito que crescer e amadurecer. Logo, tenho como perspectiva de horizonte continuar com este trabalho e tentar responder minimamente as diversas contribuições obtidas.

O vídeo Tráfico negroiro - aula 1, encontra-se no *YouTube*, no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=rJ4MJO21KcQ&t=4s>, desde de 29 de abril de 2018. No *YouTube* obteve 641 visualizações. No *Facebook* obteve 4.152 visualizações. As visualizações foram contabilizadas até a data de 29/05/2018.

Além disso, o canal Quinhoar: Ensino de História, até a data 29/05/2018, possui mais três vídeos que foram fundamentais para a produção deste trabalho, onde é possível perceber as relações estabelecidas entre os alunos, demais públicos, e a autora desta pesquisa.

Os vídeos são: *Quinhoar Ensino de História*, uma breve apresentação do canal, com 110 visualizações, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zKhu-2rn8M4&t=1s>; *Quinhoar em produção*, pequena entrevista para responder algumas questões dos alunos sobre o próprio canal, disponível em: <https://www.you->

tube.com/watch?v=j4bQ4ZYnlHw, com 164 visualizações. É por último, *Politeísmo e Monoteísmo*, o primeiro vídeo, onde é possível observar, nitidamente, todas as críticas e sugestões dos alunos e outras pessoas, as quais foram fundamentais em todo este processo. Tal vídeo foi importantíssimo para estruturar o capítulo dois deste trabalho. O canal possui, até a data mencionada, acima, 207 inscritos. Também possui, de forma articulada, uma página no *Facebook* chamada Quinhoar: Ensino de História, onde os vídeos serão postados e se encontra no link <https://www.facebook.com/RaquelQuinhoar>.

Tenho como expectativa de horizonte que tais números estejam em breve desatualizados, com novas visualizações, e principalmente com novas vídeos-aulas, ou aulas expandidas.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Leandro Coelho de. *Cultura digital e fazer histórico: estudo dos usos e apropriações das tecnologias digitais de informação e comunicação no ofício do historiador*. – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, dissertação de mestrado em Ciência da Informação, 2012.
- ALADRÉN, Gabriel O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa in _____ DANTAS, Carolina Vianna, ABREU, Hebe Mattos (org.) *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- ALENCASTRO, Luis Fernando. *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul Séculos XVI E XVII* Companhia das letras ano 2000.
- ALGRANTI, Leila Mezan. Educação feminina vozes dissonantes no século XVIII e a prática colonial. In.: MONTEIRO, John Manuel (org) *HISTÓRIA & UTOPIAS Textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História*, ANPUH, 1996, disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S17.24.pdf>
- ALMEIDA, Fábio Chang de. *O Historiador e as Fontes. Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas*. AEDOS, vol. 3, n. 8, 4 novembro 2011, pp. 9-30. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>>. Acesso em: 18 fev. 2013
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história” XVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo Social. Natal RN 22-26 de julho 2013.
- ALVES, DANIEL. *As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português* <https://le-rhistoria.revues.org/2496> acessado em 14/09/2017.
- ARAÚJO, Cinthia Monteiro de. Por outras histórias possíveis: Construindo uma alternativa à tradição moderna. In.: MONTEIRO, A. M.; GABRIEL, C. T.; ARAUJO, C. M.; COSTA, W. (orgs.) *Pesquisa em Ensino de História. Entre desafios epistemológicos e apostas políticas*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2014.
- ARENDT, Hannah. O conceito de história-Antigo e Moderno. In.: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.69-126.

- ARRUDA, Eucídio Pimenta. Aprender história com jogos digitais em rede: possibilidades e desafios para os professores In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; RIBEIRO, Jayme Fernandes;
- ARRUDA, Eucínio pimenta. Cultura e ensino de História na perspectiva das redes sociais e do ciberespaço. In___ BERETA, Cristiane; ZAMBONI, Ernesta (orgs.). *Ensino de história, memória e culturas*. Curitiba; CRV, 2013
- Baczko, Bronislaw. *A imaginação social* in.: LEACH, Edmund et Alii Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BELLINI, Lígia. *A coisa Obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil Colonial* Ed.: Brasiliense, 1989.
- BICCA, Angela Dilmann Nunes; CUNHA, Ana Paula de Araújo *et ali*. Identidades Nerd/ Geek na web: um estudo sobre pedagogias e culturas juvenis. *Conjectura. Filos. Educ*, Caxias do Sul, v. 8, nº, p. 87-04, jan/abril. 2013
- BISPO, Luana Maria Cavalcanti , BARROS, Kelly Cristiane Vídeos do *youtube* como recurso didático para o ensino de história *Atos de Pesquisa em Educação – ISSN 1809-0354* Blumenau – vol. 11, n. 3, p.856-868 set./dez. 2016 DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2016v11n3p856-868>
- BITTENCOURT, C. História nas propostas curriculares atuais. In.: BITTENCOURT, Circe. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BOSCHI, Caio *O historiador, os arquivos e as novas tecnologias: notas para debate* Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/31574> DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0199-1_4 Accessed : 5-Jun-2017 21:25:23.
- BRESCIANO Juan Andrés, *La historiografía en el amanecer de la cultura digital. Innovaciones metodológicas, discursivas e institucionales*. Montevideo: Ediciones Cruz del Sur, 2010, 200 pags.
- BRESCIANO, Juan Andrés. *La heurística digital y el estudio histórico de los procesos de globalización*. *História Crítica* No. 43, Bogotá, eNero-aBril 2011, 260 pp. ISSN 0121-1617 pp 104-127
- CÂMARA, Sérgio Antonio; BENICIO, Milla. *História digital: entre as promessas e armadilhas da sociedade informacional*. *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, n. 5, p. 25-37, agosto. 2017;

- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada)*. In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso: 19/12/2017.
 - CAUVIN Thomas, por que deveríamos todos nos tornar Historiadores Públicos? Medium.<https://medium.com/@fredzgur/por-que-dever%C3%ADamos-todos-nos-tornar-historiadores-p%C3%ABablicos-358d4787e7ed> acesso 19/12/17
-
- CAVALCANTI, Marcia Teixeira Os *websites dos centros de documentação e a pesquisa histórica: usos de fontes digitais* Revista Observatório, Palmas, v. 3, n. 5, p. 25-37, agosto. 2017;
 - CHALHOUB, Sidney *Visões da Liberdade; uma história da última década da escravidão na corte*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990. p. 108-122
 - CIAMBARELLA, Alessandra (orgs). *Ensino de história: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. P. 239-254 CAIMI, Flávia Eloisa. *Geração HOMO ZAPPIENS na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica*.
 - DANIEL, Alves. *História e Humanidades digitais: conexões para um novo tempo* (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em:<http://www.cafehistoria.com.br/historia-e-humanidades-digitais>. Publicado em: 17 Jul 2017. Acesso: [07/09/2017]
 - DANTAS, Carolina Vianna, ABREU, Hebe Mattos (org.) *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012
 - DANTAS, Carolina Vianna, ABREU, Hebe Mattos (org.) *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
 - DÁVILA, Jerry. *Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil: 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. (Introdução, pp. 17-46)
 - DIDI-HUBERMAN, George: *Diante da imagem Questão colocada aos fins de uma história da arte*. São Paulo; Editora 34, 2015.
- DINIZ, Gláucia R. S. *Gênero, casamento e família: interações entre novos modelos e papéis*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7, 2006, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. p. 1-7. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/Glaurcia_Diniz_05_B.pdf>. Acesso em: 21

- FALCON, Francisco J.C. *Mercantilismo em Transição*. Editora Brasilienses, 1982.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. Prefácio e “Introdução”, pp. 7-31
- FARIA, Sheila de Castro. *Mulheres Forras e estigma Social*. In.: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, Sete letras, vol. 5, nº 9, jul.2002.
- FERREIRA, Rodrigo de Almeida. *História Pública e cinema: O filme Chico Rei e o conhecimento Histórico*. *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 27. Nº 54, p. 275-294, julho-dezembro de 2014
- FIGUEIREDO, Luciano *Mulheres nas Minas gerais*. In.: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2004,
- FRAGOSO, João (org). *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FRAGOSO, João, GOUVÊA, Maria de Fátima, *Coleção O Brasil Colonial 1580-1720*. Volume 2. Civilização Brasileira, RJ, 2016. FRAGOSO, João, GOUVÊA, Maria de Fátima, *Coleção O Brasil Colonial 1720- 1821*. Volume 3. Civilização Brasileira, RJ, 2017.
- FRISCH, Michael: *A história pública não é uma via de mão única ou de A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa*. In.: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTIAGO, Ricardo (orgs.) *História no Brasil. Sentidos itinerários* ed. Letra e Voz.
- GALLINI, Stefania. *La historia digital en la era del Web 2.0. Introducción al dossier historia digital* *Historia Critica* No. 43, Bogotá, eNero-aBril 2011, 260 pp. ISSN 0121-1617 pp 16-37
- GIROUX, Henry A. *_Professores como intelectuais Transformadores* In.: *Os professores como intelectuais. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Artnet,1997.<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=341>
- GOMES, Ângela de Castro. "É a história uma ciência?" O IHGB e os historiadores da primeira Republica In *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009;
- GÓMEZ, Antonio Castilho. *Resena Pons, Anaclet, El desordem digital. Guía para historiadores y humanistas*, Madri, Siglo XXI, 2013 *Hispania Nova: Revista de História Contemporânea* nº 12- Ano 2014 ISSN: 1138-7319- Depósito Legal: M-9472-998.

- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento negro e educação. Revista Brasileira de Educação, set. 2000, nº 15, pp. 134-158.
- GONTIJO, Rebeca Sobre cultura histórica e usos do passado: a Independência do Brasil em questão 1 DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320140803>, acessado em 27/05/2018.
- HALL, Stuart, Cultura e representação. In_ _ O Espetáculo do outro. Rio de Janeiro: Apicuri/Puc, 2016
- HONORATO, Cláudio de Paula VALONGO: O mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758- 1831. Dissertação de mestrado - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História 2008. P 78.
- <https://www.youtube.com/channel/UCgz4mHJmCG8Cz3ZveDN9yCg>, acesso em 04/08/2017;
- https://www.youtube.com/user/youtubehelp?sub_confirmation=1, acesso em 04/08/2017;
- https://www.youtube.com/watch?v=_Ex2E4zKJqM&list=RD_Ex2E4zKJqM#t=12, 23/05/2017;
- <https://www.youtube.com/watch?v=B1Binn6oupA> acessado em 6/06/2017
- <https://www.youtube.com/watch?v=Qk3-0qaYTzk> 23/05/2017;
- <https://www.youtube.com/watch?v=ykihxrIuJ0s&list=PLXYva-98vozVQmNkfU-JYWHYL5RoNyGT0b>, acesso em 04/08/2017;
- KOSELLECK, Reinhart. *"Espaços de experiência e horizonte de expectativas: duas categorias históricas"*. In.: Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora da Puc-Rio, p. 305-327.
- LOURAU, Nicole. *"Elogio do anacronismo"*. In____ Novaes, Adauto (org.). Tempo e História. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 131-140. ISSN nº24474266
- LUCCHESI, Anita. Conversas na antessala da academia: o presente a oralidade e a História pública digital Revista História oral ABHO volume 17, n. 1 (2014) <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=341>
- LUCCHESI, Anita. *Digital history e Storiografia digital: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)* /Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio

de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014.

- MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a história? Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não-acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *Hist. Historiogr. Ouro preto*, nº 15, agosto, 2014, p. 27-50, doi: 10.15848/hh. V0i15.692.
- MATTOS Hebe Maria, "A escravidão moderna nos quadros do Império português: o Antigo Regime em perspectiva atlântica", In: João Fragoso, Maria Fernanda Bicalho, Maria de Fátima Gouvêa (orgs.), *O Antigo Regime nos trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, pp. 141-162.
- MATTOS, Hebe Colonização e escravidão no Brasil — Memória e historiografia In.: FRAGOSO, João, GOUVÊA, Maria de Fátima, Coleção *O Brasil Colonial 1443-1580*. Volume 1. Civilização Brasileira, RJ, 2014.
- MATTOS, Hebe. A escravidão moderna nos quadros do Império Português: o Antigo Regime em perspectiva atlântica. In: FRAGOSO, João et. Al (org). *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (seculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 141-162
- MATTOS, Ilmar Rohloff de, mas não somente assim! ” Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História 21 • *Tempo* v 11 n 2 1a02.indd 5 27/6/2007 19:12:59 <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a02.pdf>
- MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Escritos Sobre História e Internet*. Editora Multifoca Rio de Janeiro 2011.
- MONTEIRO, Ana Maria Formação de professores entre demandas e projetos Revista História Hoje vol.2, nº3 2013;
- MONTEIRO, Ana Maria. Tempo presente no ensino de história: o anacronismo em questão. In.: In.: Marcia Gonçalves, Helenice Rocha, Luis Reznik, Ana Maria Monteiro (org). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012,
- MONTEIRO, Ana Maria; GONÇALVES, Marcia De Almeida; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos, REZNIK, Luis Qual o valor da História Hoje? Ed. FGV 2012
- MOREIRA, Igor Lemos Sobre História Pública E Ensino De História: Algumas Considerações EBR – Educação Básica Revista, vol.3, n.2, 2017

- NETO, Sydenham Lourenço, RAMOS Vinícios da Silva. História do Tempo presente, diálogos com a História Pública e com o ensino de História: uma experiência exploratória. Aedos, nº 5, v 6, jul/dez. 2014.
- NICODEMOS, A. "*Trabalho docente e proletarização do magistério: questões atuais para o ensino de história na educação de jovens e adultos*" Aproximação histórico conceituais in o trabalho docente de história no PEJA/RJ: as possibilidades de elaboração, execução e ressignificação de um currículo crítico. Tese doutorado _ Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2013.
- NOIRET, Serge História *Pública Digital* Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.1, nº.1, p. 28-51, maio 2015 [http:// www.ibict.br/liinc](http://www.ibict.br/liinc) doi:<http://dx.doi.org/0.8225/liinc.V1i1.797>.
- NOIRET, Serge *História Pública Digital*. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio 2015, <http://www.ibict.br/liinc> doi: <http://dx.doi.org/10.18225/liinc.v11i1.797>
- NOVAIS, Fernando. Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial. São Paulo: Hucitec, 1979.
- NUNES, Benedito. Experiência do tempo. In.: Novais, Adauto (org.) Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 131-140
- OLIVEIRA, Jackes Alves de Educação Histórica e Aprendizagem da “História Difícil” em Vídeos de *Youtube*. /Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

- PENNA, Fernando de Araújo, FERREIRA, Rodrigo de Almeida. O trabalho Intelectual do professor de História e a construção da educação democrática: Práticas de história pública frente a BNCC e ao Esp. Aedos, nº15, v.6, jul. /dez. 2014
- PEREIRA, Amilcar A. “Por uma autêntica democracia racial! ”: os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história. InRevista História Hoje, ANPUH, v. 1, n. 1, 2012.
- PEREIRA, Amilcar Araujo. O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ, 2013. (Capítulo 1, pp. 47-82)
- PEREIRA, Amilcar Araujo. O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro no Brasil. Rio de Janeiro:Pallas/FAPERJ, 2013. (Capítulo 1.2, pp.83-108)
- PEREIRA. Daniel Carvalho. O conhecimento histórico sob a perspectiva da didática da história pública. Revista Transversos. “Dossiê: As NTICs e a escrita da história no tempo presente”. Rio de Janeiro, nº. 11, pp.63-80, Ano 04. Dez. 2017. Disponível em:<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.31582
- PIMENTA. Ricardo Medeiros. Nosso futuro em um *post*. Cultura da velocidade, *big data* e anovo desafio dos “peixes” para os historiadores da era digital. Revista Transversos. “Dossiê: As NTICs e a escrita da história no tempo presente”. Rio de Janeiro, nº. 11, pp.09-22, Ano04. Dez. 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.31510
- PINHEIRO, José Maurício dos Santos Web Semântica: Uma Rede de Conceitos. <http://web.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/09/23.pdf> acessado em 10/09/2017.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In.: Revista Estudos Históricos. V, 5, n.10, 1992, p. 200-212.
- PRIORE, Mary Del. Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- PRIORE, Mary Del. Da Colônia ao Império. In.: Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na História do Brasil. São Paulo, ed.: Planeta do Brasil, 2011.
- PROENÇA, Wander de Lara: Escravidão no Brasil: Debates Historiográficos Contemporâneos in___ Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior”, Doutor em História – UNESP/Assis acessado em <http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/wander.PDF> 05/06/2017.

- RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In.: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo, Contexto, 2004.
- RIBEIRO, Susana Almeida. *O que é a Web 3.0?* 29 de junho de 2009, 20:45
<https://www.publico.pt/2009/06/29/tecnologia/noticia/o-que-e-a-web-30-1389325>
acesso em 10/09/2017
- RICOUER, Paul. " *Para uma hermenêutica da consciência histórica* ". In_ Tempo e Narrativa. São Paulo: Martins Fontes, 2010, volume 3.
- ROCHA, Gustavo <http://www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/web-semantica-web-3-0/31512/>, acessado em 10/09/2017.
- RODRIGUES, Icles. Historiadores também podem ser youtubers (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <http://www.cafehistoria.com.br/historiador-e-youtuber/>. Publicado em: 18 Set 2017. Acesso: [informar data].
- ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira História pública: a comunicação e a educação histórica Revista Observatório vol. 3, nº. 5. agosto. 2017.
- SANMARTÍN, Israel. *El concepto de revolución en la historia digital sobre la Edad Media*. Sémata, *Ciencias Sociais e Humanidades*, 2016, vol. 28: 77-108
- SANTIAGO, Ricardo. "A História Pública é a institucionalização de um espírito que muitos historiadores têm tido, por milhares de anos": Uma entrevista com David King Dunaway sobre História Oral, História Pública e o passado nas mídias. *Revista Transversos*. "Dossiê: História Pública: Escritas Contemporâneas de História". Rio de Janeiro, Vol. 07, nº. 07, pp. 203-222, Ano 03. Set. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.25607
- SANTIAGO, Ricardo. _ *Duas palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a história pública no Brasil*. In.: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabelo de, SANTIAGO, Ricardo (orgs.) **História no Brasil; sentidos itinerários** ed. Letra e Voz.
- SARLO, Beatriz. Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia das letras; Belo Horizonte: editora da UFMG, p. 9-44
- SARLO, Beatriz. Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia das letras; Belo Horizonte: editora da UFMG, p. 14

- SCHWARTZ, Stuart. B. Uma sociedade escravista colonial in.: *Segredos Internos - engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. SP: Companhia das Letras/CNPQ, 988 P. 209-223
- SIBILIA, Paula. Redes ou paredes. *A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto; 2012__ . *O Homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- SIBILIA, Paula. Redes ou paredes. *A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto;2012__ . *O Homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- SILVA, Fabiana Bruce; Sobre as Perguntas que podemos fazer aos arquivos visuais: Por uma história Pública, comunicação e Ensino. *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, n. 2, p. 219-240, abr./jun. 2017.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo e Identidade social: territórios contestados**. In.: *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1995.
- SOARES, Fagno da Silva A história pública no Brasil: entre práticas e reflexões: a oficina historiográfica de Ricardo Santhiago, entre a história oral e a história pública *Revista Observatório* vol. 3, nº. 5. agosto. 2017.
- TELLES, Helyom Viana *História Digital, Sociologia Digital e Humanidades Digitais: Algumas questões metodológicas* *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, n. 5, p. 25-37, agosto. 2017;
- VAINFAS, Ronaldo. Patriarcalismo e Misoginia. In.: *Trópico dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil* Editora Nova Fronteira, RJ, 1989 p. 116-149.
- VICENTE, kyldes Batista, SOUSA, Fábio d`Abadia de. **Precisa-se de professores para a terra de ninguém**. *Revista Observatório* vol. 3, nº. 5. agosto. 2017.
- VICENTE, Kyldes Batista; SOUSA, Fábio d´ Abadia. *Precisa-se de professores para a terra de ninguém* *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, n. 5, p. 25-37, agosto. 2017;
- WHELING, Maria José C. de M. O poder na colônia. In.: *Formação do Brasil colonial*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994, p. 299-312.
- MACEDO, José Rivair. *História da África*. Coleção História na Universidade ed.: Contexto 2015.

